

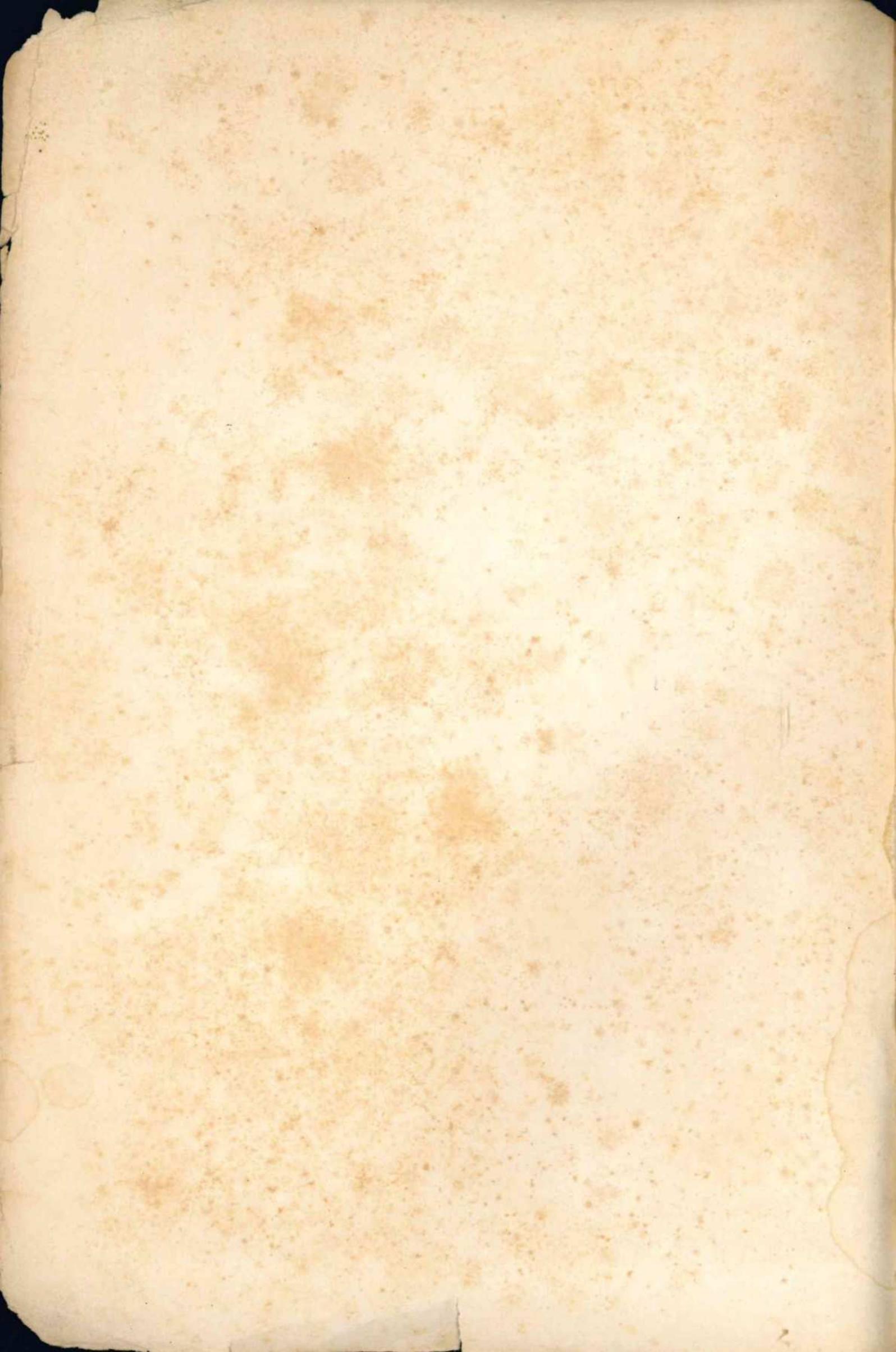
# BAÑOS DE CALDAS

AGUAS MINERALES

*Manana Antioquia*

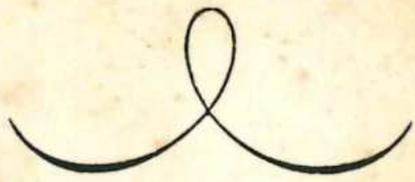
*Antonio Arango*



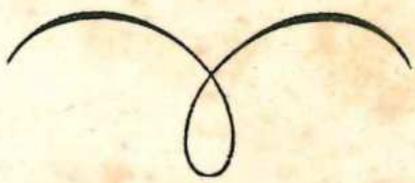


1057000

0151



BANHOS DE CALDAS E AGUAS MINERAES





C.M.B.  
Bibli

RAMALHO ORTIGÃO

BANHOS DE CALDAS

E

AGUAS MINERAES

COM UMA INTRODUÇÃO

DE

Julio Cesar Machado

DESENHOS DE EMILIO PIMENTEL

*Antonio*

C. M.  
BARCELOS  
BIBLIOTECA  
No 5669

PORTO  
LIVRARIA UNIVERSAL  
DE  
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES  
12, Largo dos Loyos, 14  
1875

*Barcelone  
Perm.*



0151

---

TYP. DE BARTHOLOMEU H. DE MORAES  
50—Rua da Picaria—54

—  
1875

## INTRODUÇÃO

---

D'antes o costume em Portugal, nos mezes de verão, era tomar ares. Quem fosse gente tinha casa no campo e em chegando o mez de maio emigrava para a quinta, que era como se chamava a isso, e ia espantar com as modas novas os habitantes tranquillos das circumvisinhanças. Iam logo as familias dos sitios visitar os recém-chegados, e as senhoras de Lisboa produziam por lá uma impressão extraordinaria:

— Como tem passado, *meu coração*? Olha, vê, mana, vestido de gros de Naples gredelem com enfeites côr de rosa!

— Muito bem, *meu pensamento*. Já com desejos de a vêr!

— Está mais nutrida a *minha saudade*! Não lhe dizia eu, mamã, vestido de cassa branco com duas ordens de folhos bordados?!

— Passaram bem todo o inverno, meus *doces ais*? dizia a morgada, esbogalhando os olhos para o vestuario das suas amigas de Lisboa; e acrescentava logo: Espere! Ainda agora eu reparo! Corpo de espartilho de cassa pintada, de chão branco e listas verdes...

Mas, ás vezes, por não ser a casa longe bastante, ia para lá gente de amisade dos que não tinham quinta sua senão a quinta-feira, e enchiam a vivenda alheia com grave secca dos possuidores. Foi preciso crear moda nova; e, ha poucos annos, principiou toda a gente a ir para um canto qualquer, alugado, e metter alli a familia toda. Primeiro tratou-se só de banhos do mar: a pouco e pouco a população sentiu-se cada vez mais agoniada, e veio no conhecimento de que os remedios são grãos de trigo que os medicos semeiam no corpo dos doentes, e em lhes cahindo alguma agua mineral no tempo proprio, dão colheita certa e magnifica.

A vida moderna faz doenças novas, que encontram allivio no descanso e na distracção; distrahir-se alguém em Lisboa de abril a outubro é difficil: as caldas conciliam tudo: mudança de ares, exercicio amêno, banhos, copinho, peregrinação, entretenimento, *vita nuova!* Era indispensavel adoptar este regimen, e o enthusiasmo pôr elle está sendo sincero. As passeatas de Heródoto, as grandes jornadas dos exercitos romanos, as emigrações dos povos barbaros, as invasões dos arabes, a viagem por excellencia de Vasco da Gama, conseguiram decerto grandes coisas, entre outras poder-se estabelecer em bases seguras, tudo devido a isso, a geographia do mundo antigo; mas, a propria descoberta da America, que talvez seja o facto mais consideravel da historia do mundo, pela influencia que exerceu no andamento da humanidade, com o abrir tão vasto campo de explorações á actividade europeia, não se me affigura empreza superior á que se pôz em prática, de conseguir que os portuguezes fechem a porta de sua casa, mettam a chave no bolso, e vão por ahi fóra com a sua familia em caminho de ferro, e em *diligencias*, beber agua d'aqui a cem leguas!

D'este louvavel empreendimento vae o livro — BANHOS DE CALDAS E AGUAS MINERAES — ser de ora em diante o melhor guia e o melhor companheiro. A existencia n'essas paragens é para nós um viver excepcional; os logares, provavelmente, não hão-de ser em extremo recreativos; mesmo os doentes que possam passear bastante, não hão-de ter que vêr em certas distancias senão relva ondeando á mercê da brisa como um mar de verdura, arvoredos, montes, e talvez algum lobo que ande a espreitar em procura do seu arranjo, rondando os sitios, de ouvido á escuta para fugir em sentindo bulha. As pessoas que para alli vão ou estão doentes, ou fazem como se o estivessem; uns tomam banho: outros de manhã bebem agua, e á noite chá: ondas de agua quente por diversos modos e sabor differente. Os passeios e os *pique-niques* são o divertimento:

— «Vamos aqui!» — «Vamos alli!» Ás vezes preside talvez um pouco a isso, como a todas as coisas d'este mundo, a lei da hierarchia, e haverá um côro que dirá á parte: — «Elles vão aqui!» — «Elles vão alli!» As tribus, não póde deixar de ser, preocupam-se sempre umas das outras; é raro que não haja alguma excentricidade mirifica que dê nas vistas, que acorde a critica e as raiuinhas surdas até se despejar o saquinho de fel, que as aguas mineraes não podem ás vezes curar só por si. Haverá uma vez ou outra seu epygramma, ha-de haver alguma occasião de rirem

uns dos outros, os quaes outros tambem hão-de rir dos uns, porque isso são dividas que sempre se pagam, e para enfeitar o quadro ha-de tambem haver por lá senhoras idosas, alguns velhos que não se possam mecher, e dois ou tres — o que é sempre mais simples do que se fosse um só — gravitando á roda de uma estrella e seguindo-a para toda a parte.

Para toda essa gente, os que se acham n'aquellas paragens com o proposito de tratar da saude e os que os acompanham, este livro é decerto o que, por mil motivos, mais os deve entreter. As descripções estão escriptas com uma elegancia que faz crescer o desejo de visitar as localidades: téem a graça pittoresca que dá a feição do sitio; é como que uma carteira de viajante a vêr muito em pouco tempo, passando a cada instante de um assumpto para outro, descrevendo a paisagem, mencionando alguma costumeira mais notavel, e alguma memoria historica em a havendo, carteira com muitos apontamentos, de fôrma que se leia sem cançar e acorde o interesse sem se demorar em coisas sabidas ou inuteis. Trata agradavelmente das nossas aguas nacionaes, aguas portuguezas, e das paisagens, dos montes, das cascatas, dos rios, dos valles, de tudo que pôde attrahir, para vêr se se acaba com a mania de termos maravilhas para as não explorar, desdenhando o que é nosso, o que nos está perto e facil, e fazendo com que, se é certo que ninguem seja propheta na sua terra, esta tenha a especialidade de ser tida sempre em pouca conta pelos que são d'ella naturaes, excepto quando alguém soltar alguma verdade dura, que então principiam todos a defendel-a por espirito de contradicção.

Sempre que temos sido grandes, o havemos devido ás aguas. Mas agora já seria caturreira quereremos ser heroes por ter andado ao de cima d'ellas; façâmos melhor: bebâmol-as!...

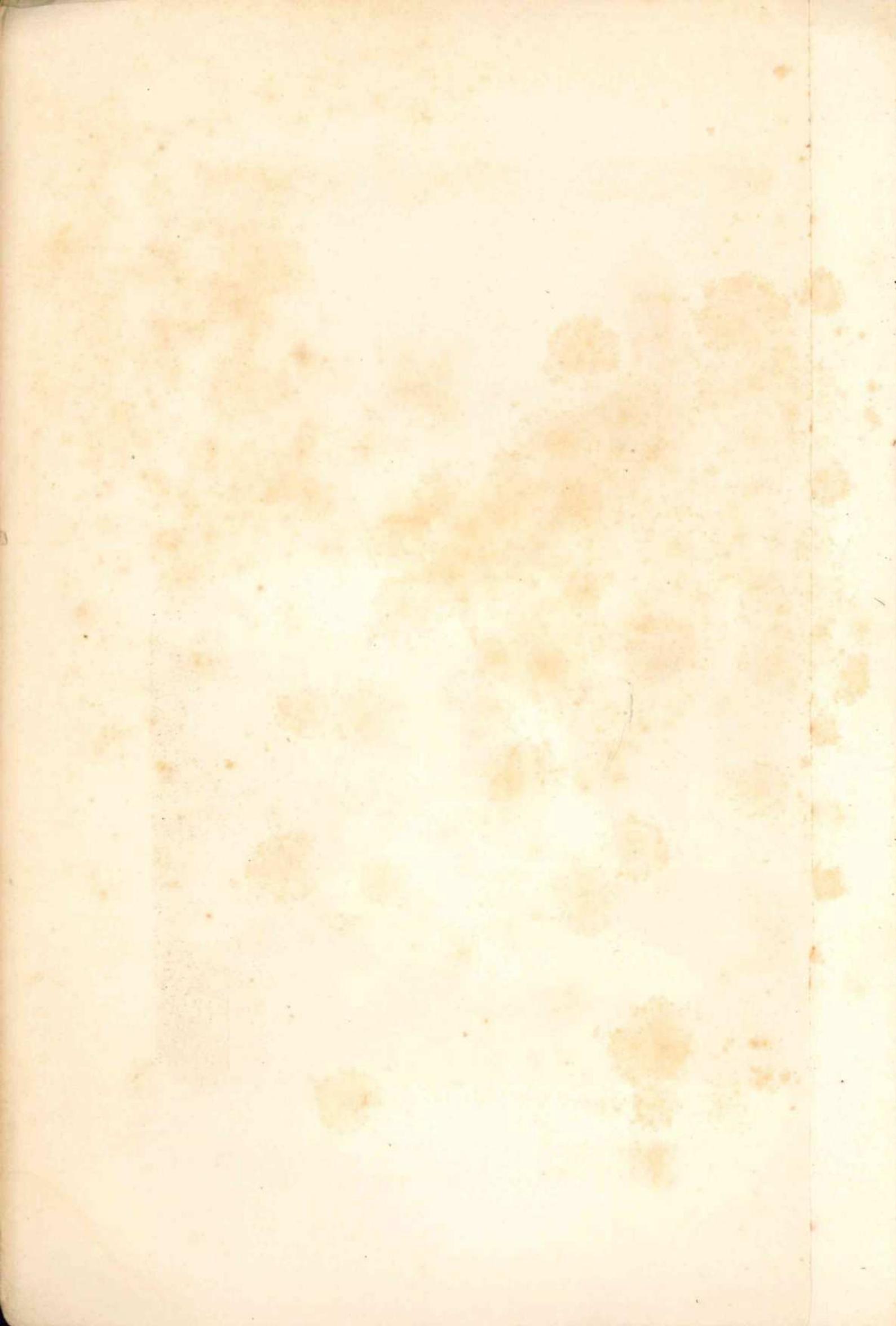
*Julio Cesar Machado.*





*Sec. Phot. - Heliog.*

COITADINHAS DAS QUE FICARAM  
NA CIDADE... COITADINHAS!





Um physiologista célebre definia o interior do nosso organismo pela seguinte fórmula: — a pelle do avesso.

Ha poucô tempo ainda publicou-se um livro engenhoso intitulado *Da velhice e dos meios de curar esta enfermidade*. Este livro basêa-se no principio de que a velhice é uma enfermidade cutanea.

Uma pelle que engelha, que enruga, que deslaça, altera e perturba em todas as suas funcções os órgãos que enfeixa, que reveste, e, para assim dizer, enforma. Das rugas exteriores resulta, segundo o livro citado, o deperecimento interno. Qual é pois o meio de afastar a velhice? É conservar a pelle.

Palephates e outros auctores gregos referem a faculdade que tinha Medeia de remoçar os velhos por meio do emprego de banhos dotados de certa virtude medicinal. Era a velhice curada pela pelle.

Diana de Poitiers, procurando o especifico da formosura, achou o verdadeiro segredo da longevidade. Sendo amada aos setenta annos com a vehemencia das mesmas paixões que inspirava aos vinte, que melhores provas queria ella de que a eterna mocidade não é outra coisa mais do que a eterna belleza?

Que fez Diana para chegar a esses resultados miraculosos, que

offuscam todas as maravilhas attribuidas por Flourens aos macrobos da sua galeria physiologica? Simplesmente isto: conservou a pelle por todos os meios hygienicos que podem manter-lhe a flôr e o mimo; a saber: a cama dura; o travesseiro fresco forrado de marroquim; os banhos frios de cada dia em agua desnevada; os passeios matinaes ao orvalho; a proscricção absoluta do alcool, das bebidas excitantes, de todas as demasias da alimentação; não passar uma só noite em claro; não chorar nunca. A frescura e o egoismo.

Conhecemos ha annos uma criança atacada de paralytia no braço e na perna direita. Essa criança rachitica, enfesada, foi curada em Pariz com *douches* de sangue de boi; adquiriu uma constituição herculea e uma força athletica em todos os musculos.

O medico Fleury cita no seu tratado de hydrotherapia varios casos de enfermos cujo temperamento foi radicalmente modificado passando de lymphaticos a sanguinios por meio de banhos frios systematicamente empregados desde tenra idade.

Estas theorias pathologicas da saude por via da pelle, por mais paradoxaes ou aberrantes que pareçam, têm o seu fundamento scientifico no mecanismo da absorpção.

Sem sabermos o que é esse mecanismo não podemos entender bem o que é o banho. É aqui está como uma das mais simples questões da hygiene ou da therapeutica nos convence da estreita correlação das sciencias, obrigando-nos, para entrar consciencamente n'uma banheira, a atravessar pela physiologia, pela anatomia, pela biologia, e a ir começar na physica!

Não se amedronte o leitor com a cançada perspectiva de uma viagem erudita. Promettemos-lhe regressar depressa. A erudição em verdade pesa-nos pouco, e as bagagens leves têm essa vantagem: que tornam as marchas ligeiras.

---

Todo o ente vivo é constituido por uma serie de *cellulas*, que é o nome dado pelos anathomistas a umas pequeninas vesiculas dentro das quaes existem os chamados *nucleos*. A cellula é o ser organizado sob a sua fórmula mais simples.

O espesso elephante de cujo dente se extrahi o cabo da penna com que escrevo, o mosquito que n'este momento acaba de pousar no meu papel o seu corpo diaphano, que parece um novellino feito do fio de baba de uma aranha, tu mesmo, leitor, e mais eu,

começamos todos por esse principio commum de toda a vida organica — a cellula.

A propriedade fundamental da cellula é modificar-se com os materiaes que a cercam, segundo as influencias do meio em que existe, e manter um duplo movimento constante de assimilação e de desassimilação, que é o que — na falta de mais precisa definição — se pôde chamar a vida.

A pelle, bem como todas as membranas organicas, tem, como as cellulas que a constituem, a propriedade de ser atravessada e influida pelos gazes e pelos liquidos com que se acha em contacto. Assim é que a pelle respira, ou mais technicamente: perspira, e absorve.

O banho tem servido muitas vezes para apreciar o phenomeno da absorpção cutanea.

Se a pelle tem a faculdade de absorver os liquidos, é claro que o nosso corpo deverá depois do banho pesar mais do que pesava antes d'elle.

Para chegar a essa averiguação, um trabalho dos mais complicados: saber o que cada um pesa.

O peso do corpo é constantemente variavel. O homem passa a vida a gastar incessantemente a sua substancia e a reparar periodicamente esses gastos por meio dos alimentos, e por meio da absorpção do oxygenio do ar.

Todo o homem assimila quotidianamente cerca de dois kilogrammas de alimento e consomme seiscentas e cincoenta grammas de oxygenio. Este peso que, accumulado, nos tornaria em poucos annos tão volumosos como os maiores predios, exhala-se successivamente pelos pulmões e pela pelle em acido carbonico e em agua. O vapor aquoso sahe pelos póros e pelas glandulas sudoriperas que desembocam na superficie da pelle em tubos de 6 millimetros de comprimento e dez millesimos de millimetro de diametro.

Para satisfazer os encargos da perspiração tem a nossa pelle cerca de dois milhões e meio d'esses orificios. Para auxiliar a pelle no exercicio d'estas suas funcções temos a excreção pelos rins, que augmenta ou diminue segundo, pelos effeitos da temperatura, diminuem ou augmentam os resultados da transpiração. No estado normal a transpiração promovida pelo trabalho muscular e pela elevação da temperatura basta para fazer perder a um homem de dois a tres arrateis do seu peso dentro do curto espaço de uma hora.

As difficuldades que cercavam o difficil problema de determinar a variante do peso do homem durante o banho e de precisar a acção

do banho sobre esse peso, foram recentemente resolvidas quasi inteiramente pelos methodos de Béclard, de Janim e de Laurès.

Ha porém outros argumentos, mais decisivos que o da alteração do peso por meio do banho, para provar a realidade da absorpção cutanea.

Gustave Le Bon, em um notavel livro de physiologia publicado o anno passado, cita para demonstração d'esse phenomeno os factos seguintes: Dissolvendo n'um banho em que o corpo permaneça por algum tempo substancias medicamentosas susceptiveis de produzirem um effeito determinado, nota-se que a absorpção effectivamente se realisa. A experiencia provou que a absorpção attinge o seu maximo quando ao sahir do banho se deixa seccar o liquido sobre a superficie do corpo. As substancias que o banho encerrava em dissolução reduzem-se então a um pó muito subtil que penetra pelos poros da pelle. *Esta indicação, acrescenta o auctor, é essencial para os banhistas de agua mineral e de agua do mar, aos quaes póde ser extremamente util o conhecimento d'este facto.*

A immersão em agua contendo um principio toxico em solução produz o envenenamento. Segundo Chrzonzewski, um animal mergulhado em agua contendo 1 por 0/0 de strychnina morre ao cabo de tres horas. Em agua contendo 1 por 0/0 de nicotina a morte realisa-se dentro de uma hora.

Uma fricção no ventre dada com pomada contendo oleo de *croton tiglium* purga rapidamente.

O laudanum deitado em uma cataplasma que se applique sobre o corpo é rapidamente absorvido. Assim empregado em doses elevadas por pessoas que não conhecem completamente a theoria da absorpção, o laudanum, applicado externamente em cataplasma, produz o seguinte effeito: envenena o doente.

A pelle não só absorve os corpos liquidos ou pulverulentos mas tambem os gazes. Introduzindo um animal dentro de um aparelho contendo um gaz deleterio, o animal, embora tenha a cabeça fóra do aparelho e possa plenamente respirar o ar mais puro, succumbe rapidamente.

Conhecem-se os casos de intoxicação arsenical produzidos pelo uso das camisolas de lã de côr encarnada.

Todos os clinicos sabem como as cantaridas applicadas em emplastro actuam sobre a bexiga.

No processo de Madame Lafarge, Raspail mostrou como um envenenamento se podia dar pela simples permanencia habitual do corpo em um *fautevil* forrado de lã tingida de verde.

O mesmo Raspail tratou um tísico no ultimo grau e prolongou-lhe a vida por muito mais tempo do que aquelle a que o enfermo se achava condemnado, pintando-lhe a pelle com alcatrão.

É sabida a influencia que tem o manuseamento das carnes na nutrição e na apparencia especialmente nedia dos cortadores nos açougues.

As pessoas que não crêem na medicina dizem frequentemente: «Remedios pela bôca não os tomo, applicações externas dêem-me as que quizerem.» Os factos que acabamos de citar e muitos outros de egual natureza mostram que é extremamente perigosa esta opinião. Na medicina, como em geral na sciencia, até para não acreditar se torna preciso conhecer.

Toda a affecção da pelle actua nas mucoses. O que é a constipação, no sentido portuguez d'esta palavra, senão a perspiração compromettida, a suppressão da transpiração? Quaes são os seus resultados? a irritação na mucose, o defluxo, a bronchite, a esquinencia.

Todo aquelle em quem a perspiração não póde realizar-se, na quinta parte pelo menos do seu corpo, cessa de viver. Uma queimadura local, com o aspecto mais dilacerado, não compromettendo senão uma pequena parte da pelle, póde rapidamente curar-se por meio da simples intercepção do ar, envolvendo a queimadura em rama de algodão. A escaldadura de cinco sextas partes do corpo, proveniente, por exemplo, da immersão em um liquido fervente, produz fatalmente a morte por pouco que se mostrem comprometidos os tecidos exteriores. Se a quinta parte da superficie da pelle não está perfeitamente apta para perspirar, o doente succumbe n'uma enfermidade intestinal — a diarrhea de sangue.

---

O que temos dito basta — crêmos — para fazer sentir ao leitor toda a importancia physiologica da pelle e a extrema prudencia que deve presidir ao emprego de todas as applicações cutaneas.

Todo o banho tem sobre o organismo uma acção ou calmante ou tonica ou sedativa. Nenhum banho se deve tomar sem ter em conta a relação therapeutica em que elle está para o fim a que se applica, ainda quando se não tome senão um simples banho de agua commum, frio, tepido ou quente, e muito mais quando se trata da agua mineral, cuja acção, pelos agentes chimicos que ella encerra, é muito mais complexa e delicada.

Portanto, a primeira coisa que importa fazer ao ir para as Caldas é consultar um bom medico.

Seguir no uso de qualquer remedio os conselhos de um ignorante ou de um empirico é mil vezes mais perigoso para a saude do que não tomar remedio nenhum. Todos os physiologistas sabem hoje que a natureza organica tende sempre, por virtude de um principio biologico, para o estado de saude. Combater, ainda que o mais scientificamente possivel, todos os pequenos symptomas irregulares do organismo é tirar á natureza os seus meios de prover á nossa conservação. Em muitos casos, em que a febre é um meio de cura empregado pela natureza, combater a febre é matar o doente. Na pneumonia, por exemplo, o emprego da sangria facilita a respiração e allivia extremamente o enfermo; no entanto a sangria augmenta n'esse caso as probabilidades da morte; quando os pneumonicos se tratavam pela sangria morriam 27 doentes sobre 100; eliminada a sangria a mortalidade desceu de 27 a 7; substituida a sangria pelos tonicos, e especialmente pelo alcool que actua de modo exactamente opposto á sangria, isto é, empregados os reconstituintes pelos debilitantes, a mortalidade desceu ainda de 7 a 3.

Egual perigo em atacar os symptomas ostensivos em vez da verdadeira causa do mal em muitas outras enfermidades e principalmente nas doenças do coração.

Da peritonite diz o sabio professor Niemeyer, no seu tratado de pathologia interna, que todos os doentes tratados pelos meios classicos de combater essa enfermidade morrem da cura, como o têm provado as autopsias. Niemeyer acrescenta que em todas as enfermidades de *marcha constante*, como o typho, a pneumonia, as bexigas, o sarampo, a erysipela, etc., quando ellas atacam individuos préviamente sãos, a intervenção therapeutica compromette o successo da cura, sendo o methodo expectante da escola de Vienna o que mais convem á vida do enfermo.

Combater systematicamente os contrários pelos contrários, os humidos pelos séccos e os séccos pelos humidos, toda a excitação pelos calmantes, toda a asthénia pelos tonicos, os acidos pelos alcalinos, os alcalinos pelas bebidas aciduladas, é atacar a natureza, offendel-a na sua obra, substituir a força activa de um sêr pela passividade de um laboratorio chimico.

A obrigação do medico moderno é socorrer-se de todos os meios de investigação que hoje lhe prestam as sciencias positivas, conhecer inteiramente, até onde ellas estão descobertas pela physiologia, as funcções de cada órgão, penetrar pela percussão, pela auscultação, pelo exame das secreções, pelo movimento das arterias,

pela temperatura exacta do corpo, nas profundidades do organismo humano, até descobrir atravez dos variados e complexos symptomas da doença a causa latente que a determina.

A obrigação do doente é aprender com o medico não só o que deve fazer, mas —principalmente— o que é preciso que não faça.

O professor Babinet, do Instituto de França, dizia que o maior serviço prestado pelo medico Constantin James nos seus conselhos aos doentes em uso das aguas mineraes consistia em prevenil-os das coisas de que deviam abster-se, fundando-se na opinião reconhecida por todos os logicos de que as noções negativas são as mais penosas de alcançar.

As aguas alcalino-gazosas, como são por exemplo as de Vidago, de Chaves e de Villarelho da Raia, tão semelhantes ás de Vichy, são extremamente agradaveis ao paladar, principalmente bebidas ao jantar e misturadas no vinho.

A acção d'estas aguas ingeridas no estomago satura os acidos secretados no tubo digestivo e estimula saudavelmente por meio do acido carbonico os orgãos da digestão.

Assimiladas na circulação alcalisam o sangue e combinam-se no organismo com a albumina e outros elementos.

As aguas alcalinas gazosas exercem principalmente a sua benefica acção therapeutica sobre o figado e sobre as visceras abdominaes, em que activam singularmente as funcções do systema vascular.

Applicam-se nas dispepsias, nas obstrucções do figado e das visceras abdominaes, nas affecções chronicas das mucoses do systema digestivo e respiratorio, etc.

O governo francez manda para as aguas de Vichy os soldados que regressam de Africa padecendo as obstrucções provenientes das febres intermittentes endemicas no clima africano, e os soldados enfermos voltam curados de Vichy.

D'ahi se depreheende a riqueza medicinal que nos provém das aguas alcalino-gazosas do concelho de Chaves, em Portugal, onde são infelizmente tão frequentes as dispepsias, resultantes da fadiga ou da sobrexitação do systema nervoso, dos habitos sedentarios, dos abusos da meza; e onde não são menos vulgares os estragos feitos na economia pelas febres intermittentes, tão geraes nas regiões paludosas do Ribatejo, no campo de Leiria, nos lameiros regados pelo Vouga.

É tambem manifesta a efficacia das aguas alcalinas gazosas, acompanhadas de uma dieta animal, com exclusão de todos os alimentos saccharinos e amilaceos, no curativo da diabete por via da

acção poderosa que taes aguas exercem no parenchima do figado, onde, segundo Claude Bernard, se fórma o assucar diabetico, a causa da excessiva sêde e da demasiada secreção urinaria.

Todavia as aguas alcalino-gazosas, cujo uso se propende geralmente para exagerar, podem produzir graves estragos tomadas immoderadamente; podem mesmo causar a morte, e alguns casos de congestão nas estações d'aguas mineraes têm sido attribuidos a essa causa.

Importa principiar por pequenas quantidades de agua, simples ou misturada com leite, tomada em jejum, acompanhando-se o curativo com a maior regularidade dietetica. Convem mesmo começar o tratamento pelas aguas mais fracas, passando depois para as que são mais fortemente mineralizadas, e assim se recommenda aos que têm de fazer uso das aguas de Vidago principiarem pelas de Villarelho da Raia.

Em um importante trabalho consagrado á acção physiologica das Caldas de Moledo pelos snrs. Francisco Antonio Alves e Lourenço de Almeida Azevedo, professores de medicina na Universidade de Coimbra, resumem-se nos seguintes termos os effeitos immediatos de um banho geral, de quinze a vinte minutos, tomado em uma das nascentes de Moledo e sendo o individuo rodeado de todas as condições hygienicas:

Ligeira constricção e sensação de calor em toda a peripheria, rubor, tumefacção, injeção notavel das veias subcutaneas, acceção e plenitude do pulso, maior actividade da respiração, augmento de temperatura, leve cephalgia, augmento de secreção cutanea, suor abundante e apreciavel nas partes descobertas, augmento mais ou menos directo de actividade em todas as funcções. Se a immersão se demorar, todos estes effeitos se multiplicarão e augmentarão. A cephalgia é successivamente mais intensa; a injeção dos olhos e da face mais pronunciada; a temperatura vae augmentando, podendo subir muitos graus; a circulação é mais rapida; os movimentos do coração mais precipitados; as pulsações arteriaes fortes, causando impressão desagradavel, principalmente nas carotidas e temporaes. Segue-se depois sensação de compressão do cerebro, zunidos, perturbações na visão, vertigens, dyspnea, perda de conhecimento, e até a morte, se o banho fôr extremamente prolongado.

É claro que a successão d'esses effeitos será mais rapida e mais perigosa se o individuo fôr de temperamento plethorico ou se se achar atacado de alguma lesão cardiaca.

Os effeitos deferidos são, com as devidas modificações proce-

dentes da thermalidade e da composição chimica da agua, comuns a todos os banhos de caldas.

A mudança de alimentos, o exercício, a distracção, são agentes poderosos para auxiliar em muitos casos o tratamento hydrotherapico. Por essa razão em todos os estabelecimentos de banhos se tem em vista distrahir alegremente o doente. Para este fim a primeira coisa que se organisa é um *Club* para os banhistas.

Na sociedade das terras d'aguas estrangeiras, em Baden, em Wis-Baden, em Spa, em Ems, em Hombourg, o club representa um papel importante e dá a feição mais saliente da vida local durante a estação balnearia.

Cumpre advertir porém aos banhistas que as pessoas que geralmente frequentam durante o periodo das aguas os Casinos da Belgica e da Allemanha não são propriamente os doentes. São as pessoas ricas e ociosas que procuram Baden ou Spa, como outras escolhem Monaco ou o Cairo, como simples logares de prazer e de jogo, como prazos annuaes dados á moda, ao *chic*, ao amor facil, á *toilette* ligeira.

N'essa população ruidosa e garrida figuram principalmente os jogadores de profissão, as *cocotes* e os *crevés*, que não vão directamente ás aguas, mas sim á roleta. O que para elles se trata de fazer saltar não são os reumatismos, são as bancas.

Ora, leitor querido e leitora amavel, é preciso que distingamos: Se o vosso caso é um fim de therapeutica, ou uma preocupação de dandysmo.

Se o que tendes principalmente em vista é ostentar as vossas *toilettes* de verão: tu, leitora, as tuas luvas de dezeseis botões, os teus sapatos de pellica côr de palha, as tuas meias de seda listadas de azul e de côr de rosa e os teus vestidos de *foulard* de fundos frescos e pallidos semeados de pequeninas flôres silvestres, e tu, leitor, os teus *cknickerbokar* de veludo, os teus cavallos, os teus cães, as tuas preciosas malas de couro de Varsovia e os teus estojos de *toilette* de crystal e oiro; se o que quereis é valsar nos braços um do outro sob o gaz, apostar, jogar a roleta ou o *rouge et noir*, e beber *champagne frappé* desde pela manhã, como se faz em Newport, onde os homens mudam quatro vezes por dia de *toilette* e onde as

mulheres gastam por dia vinte libras só em luvas, — n'este caso não é para vós este livro, nem livro nenhum.

Se é porém da vossa saúde que vindes tratar, o que decerto não obsta a que trateis igualmente do vosso prazer, então dir-vos-hei:

Frequentae o menos que poderdes as *soirées* do vosso club.

Não será dançando os lanceiros ao som de um piano ou da phylarmonica da terra, no meio de tão mau ar, tão viciado e miasmático como o do theatro de S. Carlos em Lisboa, ou do Baquet no Porto, que vós ajudareis a vossa cura ou a vossa alegria.

As festas que vos convem são as festas ao ar livre, em pleno dia, sobre a relva, debaixo das arvores, á grande luz.

A ti, leitora, se gostas da sociedade, da convivencia, das visitas, das recepções, aconselhar-te-hei as «partidas de jardim», de manhã, á moda ingleza.

Um simples serviço de sandwicks, manteiga fresca e chá, sobre uma meza com toalha branca, onde se vae encher a chavena e comer de pé. Depois sobre qualquer espaço de terreno devoluto e nivelado, um jogo de jardim, o *croquet*, por exemplo, que é muito engenhoso, apesar de estar bem longe, ainda assim, de se poder comparar com o que é para os homens o *cricket*, «o nobre e sabio *cricket*», como ainda ha pouco lhe chamava em Pariz, a proposito dos elementos que se devem introduzir na educação physica dos lyceus, o snr. Jules Simon, ministro da instrucção publica.

Depois tendes ainda o tiro ao alvo, a pesca, os estudos de mineralogia e de botanica, que toda a mulher deve cultivar, ainda que seja rudimentarmente, porque nada nos dá mais e melhor a comprehensão da vida e a serenidade do character do que as convivencias da natureza.

Se tendes á vossa disposição uma orchestra, fazei-a tocar pela manhã, no parque, na mata, no souto, na carvalheira, no meio das velhas arvores.

A musica, que tem de noite, á luz do gaz, no meio de um salão ou n'um palco, influencia morbidas, romanescas, melancolisadoras, enervantes; de dia parece que se purifica e se lava com a viração refrigerante das manhãs. É outra coisa ouvida ao ar livre e á luz do sol. Diriamos que os contactos da natureza a penetram e que ella mesma se dilue por certo modo na modesta innocencia dos musgos, no ondular das cearas, nos murmurios pacificos da agua.

Este genero de audição é uma pedra de toque para os maestros. Verdi, por exemplo, fica mais pequeno, mais rhetorico, mais

pretencioso, mais burguez: conhece-se que os seus effeitos precisam dos prestigios concomittantes da scintillação dos lustres, do arfar dos espartilhos, das ondulações dos setins, da palpitação dos leques. Mozart, pelo contrario, torna-se mais sublime, mais translucido, mais persuasivo, mais vibrante, mais convincente, e ha nas suas notas o que quer que seja de fresco, de saudavelmente acre e balsamico, que goteja em perolas e se casa como os beijos do orvalho com as vegetações em flôr.

---

Uma das condições da hygiene para os convalescentes e para os valetudinarios é a regularidade—menos ainda a regularidade da alimentação que a regularidade dos habitos, a qual constitue a tranquillidade da existencia e o bem-estar do espirito.

Ora a condição essencial da regularidade da vida é o trabalho. Por isso o trabalho é essencialmente hygienico, e eu não posso, leitor amigo, deixar de aconselhar-t'o como um dos especificos mais importantes da therapeutica, que corrige as enfermidades, e da hygiene, que as afasta como a legislação preventiva da saude.

A doença physica não é muitas vezes mais do que um symptoma objectivo da apathia da intelligencia e da vontade.

Quantas enfermidades se não curam unicamente pelo effeito das viagens! Porquê? Porque as viagens têm esta dupla vantagem: Para os grandes trabalhadores fatigados por um excesso de contensão no emprego das suas faculdades, as viagens operam como um doce calmante, são o repouso na actividade. Para os ociosos, para os tristes, para os spleenaticos, para as bellas mulheres ricas que se sentem emmurchecer nos seus interiores de estufa, mordidas pelo tedio, o *verme terrivel* de que falla Madame de Sevigné, para muitas mulheres que deperecem no meio do seu luxo e do seu ocio e que sem acusarem lesão alguma organica, se sente porém que estão apontados pela morte e que vão succumbir á complicação de vagas perturbações do systema nervoso, para esses de-beis entes desgraçados, as viagens não são simplesmente a mudança de ares, a distracção; são principalmente uma actividade que se imprime ao espirito e que elle acceita docilmente, sem quasi perceber o jugo que se lhe impôz.

As viagens então operam therapeuticamente, porque, sem que o pareçam, são o estudo, são a instrucção, são o conhecimento de

novos aspectos da natureza e da sociedade, são a provisão de conhecimentos e de factos, são a criação de ideias, são o galvanismo da atenção e do criterio, são em resumo a occupação do espirito, são finalmente o trabalho.

Quantos, que têm achado nas viagens successivas os allivios periodicos do seu mal, não teriam realisado uma cura mais facil e mais definitiva, organisando pelo trabalho uma distracção permanente, um estímulo da vida, um phoco de actividade, um centro moral, — o regimen da força!

Bem sei que o trabalho tem contactos rudes, hostis, repellentes para aquelles que se approximam d'elle pela primeira vez. Como todas as divindades, ainda as mais beneficas, o trabalho quer os sacrificios d'aquelles que tem de recompensar com o favor celeste, com a fortuna ideal.

A primeira objecção que ordinariamente oppõem ao trabalho os que não estão habituados a elle encerra-se n'esta phrase infelizmente tão vulgar nas pessoas aborrecidas: « Não me sinto com disposição para coisa nenhuma. » Isto é uma falsa desculpa. Quem não tem disposição para coisa nenhuma está por esse facto eliminado do numero dos seres. Como toda a inutilidade é impossivel no seio da natureza, quem não tem disposição para coisa nenhuma morre.

Os que estão vivos e validos têm uma disposição latente, uma utilidade occulta, um prestimo escondido. Um homem forte que não póde occupar-se com algum trabalho do espirito, póde muito bem pegar n'um machado e rachar lenha. Depois de exercidos e de cançados os musculos por esse exercicio, sobrevir-lhe-hão as melhores disposições do mundo para se sentar n'um *fauteuil* e seguir attentamente uma leitura de philosophia.

Nunca se está disposto para tudo, mas está-se disposto sempre para alguma coisa. A primeira das obrigações do homem que não está preso e compromettido por um trabalho obrigatorio é procurar a sua disposição e empregar n'ella a actividade de cada um dos momentos da sua existencia.

« Como os dias são longos! » é a queixa principal dos que não fazem nada. Occuparmo-nos constantemente no que quer que seja é o remedio seguro para achar todos os dias breves. E quando os dias se acham breves tornam-se os annos extensos.

Nunca parece curta a vida áquelles que souberam empregar-a. Esses olham para traz e vêem os seus dias extensamente marcados pelo numero das acções que praticaram, pelas difficuldades que venceram, pelas jornadas em que vieram caminhando progressiva-

mente, de desenvolvimentos em desenvolvimentos, até á sua plenitude, até á perfeição moral.

Os que nada fizeram para o aperfeiçoamento intellectual, material ou moral da sua especie, esses é que não vêem para traz de si senão a estrada lisa, chata, esteril, o arido macadam por cima do qual rolou commodamente mas estafadamente o seu tedio, sem uma collina a que subissem, sem um despenhadeiro a que descessem, sem um interior de floresta aspero e saudavel, sem uma fresca viração penetrante de montanha, sem a macia sensação repousada que dão os aspectos do feno, sem um fio d'agua crystallina e pura escorrendo dos veios de uma rocha sobre os fétos e os musgos no fundo escarpado e sombrio dos barrocaes, nas accidentadas estradas da vida por onde se viaja com um bordão, a subir e a descer, caminhando fortemente e alegremente, a pé e a cantar.

Os que passaram a vida ociosa e desoccupada não avistam esses accidentes que marcam os planos da perspectiva, os longes do quadro; e a porta por onde entraram na existencia apparece-lhes de frente atravez do espaço vasio. Figura-se-lhes que ainda hontem transpuzeram esse portico, têm em folha todas as energias do seu sêr, e já com os pés na cova perguntam ainda a si mesmos o que será a vida!

---

O tratamento thermal compõe-se de tres elementos igualmente importantes para a cura: as propriedades medicamentosas das aguas mineraes, os processos balneotherapicos e as condições hygienicas.

Nas doenças chronicas, a que principalmente se applica o tratamento thermal, os meios continuos e persistentes de que dispõe a hygiene contribuem, tanto ou mais efficaçmente talvez do que todos os agentes therapeuticos, para a modificação salutar do organismo.

A hygiene, além da sua parte intellectual e affectiva, que tem em vista a disciplina do espirito para o bem-estar moral, dispõe dos agentes produzidos pelas seguintes condições: *a atmosphaera, os alimentos, o exercicio.*

A parte da medicina que trata das causas das doenças (a etiologia) e a que se refere ao modo como ellas se desenvolvem (a pathogenia) são sciencias de tal maneira complexas e ainda hoje tão obscuras que a primeira indicação da hygiene em todas as doenças

chronicas é a mudança mais completa e mais absoluta da modalidade, do meio intellectual, do meio moral e do meio physico em que a doença se produziu.

Aos que saem dos trabalhos sedentarios, das fortes contensões do espirito, dos esforços da reflexão, das laborações solitarias do pensamento, convem o movimento, a sociabilidade, os prazeres frivolos. Aos que saem de uma existencia physicamente agitada, como a que é imposta pela moda na estação da opera, dos bailes, dos jantares, das ceias, das recepções nas grandes cidades, convem o recolhimento, a tranquillidade, a leitura, o estudo, a solidão. Estas indicações são principalmente essenciaes quando a medicação que se tem por objecto operar é de uma natureza alterante ou reconstituente não só nas nevroses mas tambem nas doenças organicas.

---

A *atmosfera*, como condição hygienica, envolve a questão do *logar* e a da *estação* do anno em que deve operar-se o tratamento thermal.

O *logar*, segundo o preceito já exposto da mudança de modalidade, deve ser escolhido nas condições mais oppostas áquellas em que o doente ordinariamente vive. As caldas preferidas para a cura, no caso de igualdade na composição chimica das aguas, não devem ser as mais proximas, mas sim as mais distantes dos sitios em que habitualmente residimos. Assim á saude do habitante dos terrenos calcarios da Extremadura, com as suas montanhas redondas e escalvadas, as suas charnecas, as suas lezirias do Riba Tejo, as suas paisagens sêccas, manchadas de vermelho, em que se estendem os vinhedos e os olivae de um verde triste, empoeirado e sombrio, ajustar-se-ha a região granitica do Minho, de cujas rochas escorrem os fios da agua desnevada, em cujos valles de terra negra crescem opulentamente os fetos, os milhos, os salgueiros e as camélias. Ao restabelecimento do trasmontano e do minhoto, cujos orgãos respiratorios estão habitualmente sujeitos ao rispido vento dos montes e á humida atmosfera dos seus rios nevoentos, quadrará o tepido clima dôce do Algarve, onde perennemente florece a amendoeira.

A escolha da *estação* depende da natureza da affecção que se pretende tratar, e é um erro estabelecer que toda a cura thermal haja de se realisar no verão. As correlações do tratamento e da

oportunidade da estação offerecem um interesse geralmente pouco attendido.

Se a estação fria é inopportuna para o uso dos banhos, dos douches e em geral para todo o tratamento balneotherapico, não subsiste a mesma lei para todas as applicações hydropathicas. O tratamento interno pôde ser indifferentemente seguido em qualquer estação do anno. E se para os escrophulosos, para os diabeticos e para os rheumaticos se deve prescrever a estação calmosa, é exactamente o contrário o que deve ser indicado aos individuos atacados no figado ou na região intestinal.

A escolha invariavel do verão para todos os curativos thermaes, tal qual é feita geralmente em Portugal, tem mais o character de um uso tradicional do que de uma deducção scientifica.

---

O regime nos *alimentos* ou a dietetica thermal depende mais directamente da constituição e do estado morbido d'aquelles que têm de digerir e de assimilar do que da acção dos banhos ou da agua usada internamente sobre o organismo do doente.

É certo que os acidos decompõem os alcalis. Ora sendo as aguas mineraes geralmente alcalinas, teme-se que o uso dos acidos contidos na fructa, no vinho, nos mesmos tempêros por meio de uma gôta de vinagre ou de um pingo de limão, perturbe a acção do medicamento alcalino introduzido na economia pela bebida ou pela absorpção cutanea. A chimica porém não provou ainda até hoje que os alimentos influam nas qualidades chemicas com que as aguas mineraes penetram na economia.

A dieta, pois, com relação ás aguas, deve ser regulada pela acção physiologica d'ellas e não pela sua constituição chimica. Quando as aguas têm uma acção excitante como as aguas sulphureas e bicarbonetadas, produzindo algumas vezes a constipação de ventre, cabe uma dieta refrigerante. Quando as aguas têm uma acção depressiva ou purgativa, como muitas das chloruradas sodicas ou sulphatadas sodicas, tem então logar a alimentação restaurante, sêcca, e a completa abstenção da fructa.

Como um dos effeitos das aguas mineraes é augmentar o appetite, o regime, não mudando essencialmente do que anteriormente estava indicado ao enfermo, deve ser sempre substancial, — comida extremamente simples mas muito bem temperada.

A melhor nutrição, segundo Raspail, é a que tem comsigo o seu proprio remedio, a que é anthelmintica porque é aromatica. O mesmo Raspail diz ter curado um grande numero de gastrites por meio de simples indicações culinarias tendentes a ensinar a preparar o *pot-au-feu*, que elle considera a base essencial de toda a alimentação hygienica. A nossa sopa, vacca e arroz é a nacionalisação do *pot-au-feu*. A cosinha de hotel e de meza redonda em Portugal está geralmente muito longe de satisfazer as condições indicadas.

---

O *exercicio* não é, como alguns pensam, essencial depois de tomar as aguas para o fim de as assimilar. Doentes incapazes de qualquer exercicio supportam perfeitamente a agua mineral.

O exercicio faz parte do tratamento geral das molestias chronicas e principalmente das affecções musculares e articulares. N'estes casos o exercicio que mais convem para augmentar a acção do banho e a absorpção dos principios mineralisadores é o exercicio feito na agua thermal dentro da banheira.

O melhor dos banhos é o que offerece a sufficiente superficie e o sufficiente volume d'agua para o exercicio da natação ou de uma gymnastica apropriada, como as antigas piscinas dos romanos, as que em França e na Allemanha têm modernamente o nome de piscinas gymnasticas ou de natação e as que nos nossos estabelecimentos thermaes tomam a designação de banho geral.

A vasta banheira tem ainda para a balneação a vantagem de permittir a grande prolongação do banho, nociva nos casos em que o doente não póde fazer o conveniente exercicio, mudar repetidamente de posição e usar da mais completa liberdade de movimentos.

---

Além das indicações suggeridas cumpre ter em vista a hygiene do vestuario, que se deve usar confortavel e largo, de modo que não difficile a circulação, e bem assim attender aos pequenos meios tonicos que sob uma apparencia frivola têm grande influencia, principalmente nos individuos de temperamento nervoso.

O doutor Trousseau foi uma vez consultado por um individuo

que se queixava de perturbações cardiacas, vertigens, difficuldades da respiração. O doutor viu diante de si um solido athleta perfeitamente constituido e sem o minimo indicio morbido. Tinha principiado a inquiril-o ácerca da sua vida, de uma regularidade perfeita, quando notou que o enfermo tinha os pés calçados nas mais brilhantes e estreitas botinas de polimento. Intimado para se descalçar, o doente sacou com grande esforço uma das botas, patenteando um pé trilhado e dolorido pela compressão de um contidamente consideravelmente menor que o conteúdo. Trousseau receitou ao desgraçado que atirasse aquellas botas pela janella e fosse n'um «fiacre» comprar uns bons e honestos sapatos de largo assento e de modesto e farto bezerro atados no peito do pé pelos respectivos atilhos, como convem a todo o athleta com um juizo proporcionado á corpulencia e á força com que a natureza o dotou. Com a observancia d'esta simples prescripção o doente achou-se curado.

---

Assim como fingirmo-nos doentes, atarmos um lenço na cabeça, embrulharmos-nos n'um cobertor, pôrmos uma botija com agua quente aos pés e enroscarmos-nos n'uma poltrona ao fundo de um quarto fechado e sem luz, tomando colheres de xarope, palpando as pulsações, enxotando as moscas e mostrando a lingua a um espelho, é meio caminho andado para nos acharmos effectivamente doentes; assim o fingirmos que temos saude é meio auxilio dado á saude para que ella se estabeleça.

Quantas pessoas que acordaram apprehensivas e doentes se não curam inteiramente ou não melhoram de um modo consideravel banhando-se em agua fresca perfumada com agua de Colonia, barbeando-se, tirando a caspa da cabeça com um pente miudo e uma lavagem de quina, tanino e acido acetico, vestindo uma camisa lavada, pondo uma gravata fresca, mettendo uma flôr na casa da jaqueta, e indo lêr ao ar livre, debaixo das arvores, um bom livro alegre e saudavel como os de Carlos Dickens!

A nossa primeira obrigação a respeito do nosso organismo é deixal-o inteiramente livre das nossas pesquisas e do nosso exame. Sempre que nos constituimos espectadores da nossa vida animal, sempre que a nossa attenção intervem no facto physiologico perturba mais ou menos o phenomeno instinctivo. Quem quer observar como é que pega no somno não adormece. Quem quer, ao andar,

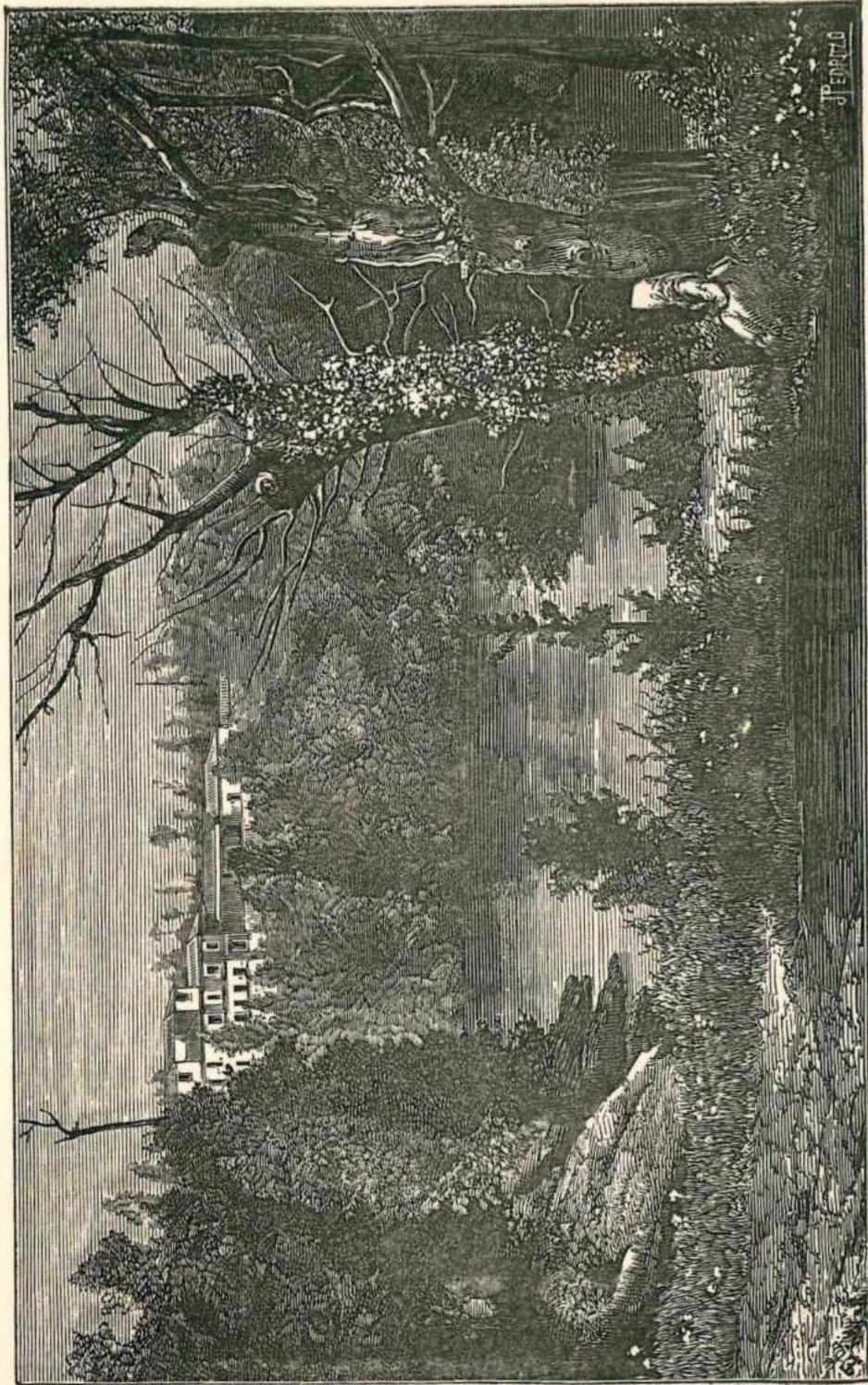
discernir os diversos pormenores complicados do jogo do seu aparelho locomotor, ou pára, ou tropeça. Quem depois de jantar se applica a estudar em si mesmo as differentes evoluções do phenomeno digestivo faz uma digestão pessima. Quem quer examinar como é que respira acaba sempre por ter falta d'ar.

O grande perigo que trazem consigo os cuidados exigidos pela conservação da saude é darem-nos a ideia fixa, a preocupação da morte, produzir-nos a hypocondria, lançar-nos na terrivel farça, scientifica como um diagnostico, do *Maladé imaginaire*.

A nossa obrigação como viventes é a vida. Não temos nada com a morte. A morte é um facto physiologico como o nascimento. O feto, se pensasse e se empregasse o seu pensamento em refletir em como e em quando havia de vir á luz, seria tão ridiculo aos nossos olhos como nós somos ridiculos aos olhos da natureza pensando em quando e em como havemos de deixar a vida, isto é: o ventre da estreita natureza humana, que nos encerra temporariamente no seu pequeno ambito, no meio do grande universo.







PORTO — Costa imprimiu.

# VIZELLA

## PROVINCIA DO MINHO

---

### CALDAS DE VIZELLA

A freguezia de Vizella está situada a cerca de 5 kilometros da cidade de Guimarães, no coração do Minho. É um valle amenissimo, coberto de vegetação, ensombrado de carvalhos e de castanheiros, rodeado de campos de milho enquadrados em renques de arvores de que pendem as vinhas, banhado pelas aguas do rio Vizella, que atravessa a povoação. Na margem direita fica a Lameira, a parte mais povoada; na margem esquerda está situado o Mourisco. Uma ponte de pedra communica as duas margens.

O que escreve estas linhas recorda-se, ao traçal-as, da primeira manhã que passou n'estas caldas ha dezoito annos.

Chegára na vespera, de noite, a cavallo n'uma mula, embrulhado no seu capote de jornada, com uma clavina no arção do selim ao longo de uma das bolsas do alforge, conforme o uso de todos os que n'esse tempo viajavam no Minho. Tinha atravessado, guiado por um almocreve, a serra da Falperra, cortada de fundos barrocaes em que a agua dos veios que corriam chapinhava contra os estribos de pau; e as madresilvas suspensas em grossos festões dos vallados musgosos envolviam os caminhanes.

Era no principio de junho. Cantavam os rouxinoes nas balseiras. Das elevações da serra descobria-se a immensa paisagem que se desenrola até o mar, banhada pelo luar que batia as casinholas brancas do sanctuario do Bom Jesus, atufadas entre as grandes massas escuras do arvored. Ouvia-se o gemer dos pinhaes e das carvalheiras com um murmurio solemne e monotonico como o das vagas, cortado a espaços pelo telintar dos chocalhos de uma récua de machos que ia ao longe guiada por uns almocreves; e de quando em quando um coelho surprehendido e assustado atravessava com dois pulos, por diante de nós, o carreiro dos viandantes.

Fui appear-me ao Mourisco, n'uma pequena casa de um andar, com a sua varanda de pau corrida sob um alpendre e suspensa em esteios de pedra, que ficava em um pequeno alto, ao desembocar da ponte, para o lado da Cascalheira, sobranceira á margem do rio.

Ao outro dia acordei ás seis horas e abri a minha janella. N'um cercado feito em volta da casa com ripas de pinho, canas e silvas com amoras, os gallos espennejavam-se e cantavam ao sol; os coelhos brancos gesticulavam avidamente ao pé de um braçado de couves, ou fugiam ás guinadas. Em baixo, a dez metros de distancia, passava o rio entre choupos e castanheiros. No meio do rio havia um moinho, redondo, vestido de musgo e de heras, coberto com um telhado de colmo ennegrecido, com grandes pedras pousadas em cima. A agua cahia no açude com um estrepito diligente e alegre, e a roda da azenha, gotejando, girava lentamente na sombra humida.

Defronte, na colina opposta, sobre a outra margem, elevava-se a pequena igreja de S. Miguel das Aves, com o seu campanario caiado de branco, tendo ao lado as casas da residencia parochial.

Á varanda da casa, que deitava para o passal, estava a essa hora o reitor, um velho de oitenta annos, magro, cabellos brancos sahindo do seu barrete de retroz e cahindo-lhe de cada lado do rosto e sobre a gola da sua longa bata desabotoada; calção curto, meia de lã preta. Ao lado d'elle uma rapariga de dezoito annos, com um longo collarinho redondo, de folhos, um lenço amarello de grandes ramagens carmesins encrusado no peito e atado na cinta, as tranças enroladas na nuca dentro de um lenço escarlata, amarrado segundo a graciosa moda do sitio, deixando descoberto o alto da cabeça e pendendo n'uma ponta sobre as costas.

Ella tinha no braço um cabaz e deitava mancheias de milho ou dava-o a comer na sua propria mão ou na mão do padre a toda a especie d'aves adejando no ar ou pousadas na varanda e no beiral do telhado. Eram gallinhas, rolas, pombos, pardaes, e uma grande arara, presidindo a tudo, pousada no hombro do padre.

A rapariga de quando em quando mettia milhos na bôca, e deitava a cabeça para traz. Então alguns pombos mais estimados, de leque, iam dar-lhe bicadas nos dentes.

Ao pé da minha casa um homem, vestido de saragoça, com grossos sapatos, com o chapéu deitado para traz, a transpirar, descansava com um pé no degrau da escada exterior, tendo um covado na mão e pousado no joelho o seu fardo constante de peças

de panno, um cobertor de papa com barra azul e uma caixa de pinho chata e quadrada, em que os bufarinheiros trazem as agulhas, as linhas, as rendas, os lenços finos de cambraia e a collecção dos sabonetes.

Não eram grandes os divertimentos que a terra proporcionava então ao banhista e ao viajante. Em honra da verdade devo mesmo acrescentar que esses divertimentos eram nenhuns. Cada um inventava para seu proprio uso os meios de se entreter. Havia a conversação na botica, no barbeiro, na loja do Bento da ponte, e ao pé dos banhos, debaixo do alpendre. E nada mais.

Mas faziam-se partidas de pesca no rio, á linha ou com o *mingacho*, uma rede semelhante aos camaroeiros, da mesma fôrma das que se usam para caçar os insectos.

Como a estação se prolonga desde o meado do mez de maio até o fim de outubro, caçava-se do mez d'agosto em diante, ás codornizes nos restolhos, e ás perdizes e ás lebres nas serras adjacentes.

Depois havia os passeios á Cascalheira, as digressões a Braga, a Guimarães, a Fafe, as romagens ao Bom Jesus do Monte, os *picnics*, as burricadas.

A localidade, é, além d'isso, muito interessante para os estudos archeologicos. Algumas piscinas conservam ainda reliquias de mosaico, fragmentos de antigas obras de marmore, do tempo da dominação romana. Em excavações empreendidas n'estas paragens, não só no proprio circuito dos banhos, mas nas suas redondezas, acham-se toros de columnas, capiteis, argamassas, tijolarias, lapides com inscrições, moedas e medalhas. Estas são romanas ou celtibericas; das segundas possui um exemplar primoroso o illustre academico Pereira Caldas, professor do lyceu nacional de Braga; as primeiras são do tempo de Tiberio. Entre as lapides encontradas em Vizella ha uma de Tito Flavio Archelau, legado augustal na Luzitania nos annos 81 a 90 depois de Christo, no reinado do imperador Dauriciano, edificador em Roma de umas *thermas* famosas. Esta lapide, com a configuração de cimalha de portico, acha-se recolhida na quinta de Aldão, do concelho de Guimarães, e tem a seguinte inscrição:

.....

DEDICAVIT

T. FLAVIVS. ARCHELAVS

CLAUDIANVS

LEG. AVG.

Outra lapide com inscripção foi encontrada no Mourisco em 1841, e conserva-se hoje no quintal da snr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa, junto da ponte Velha do Vizella, na margem esquerda d'este rio.

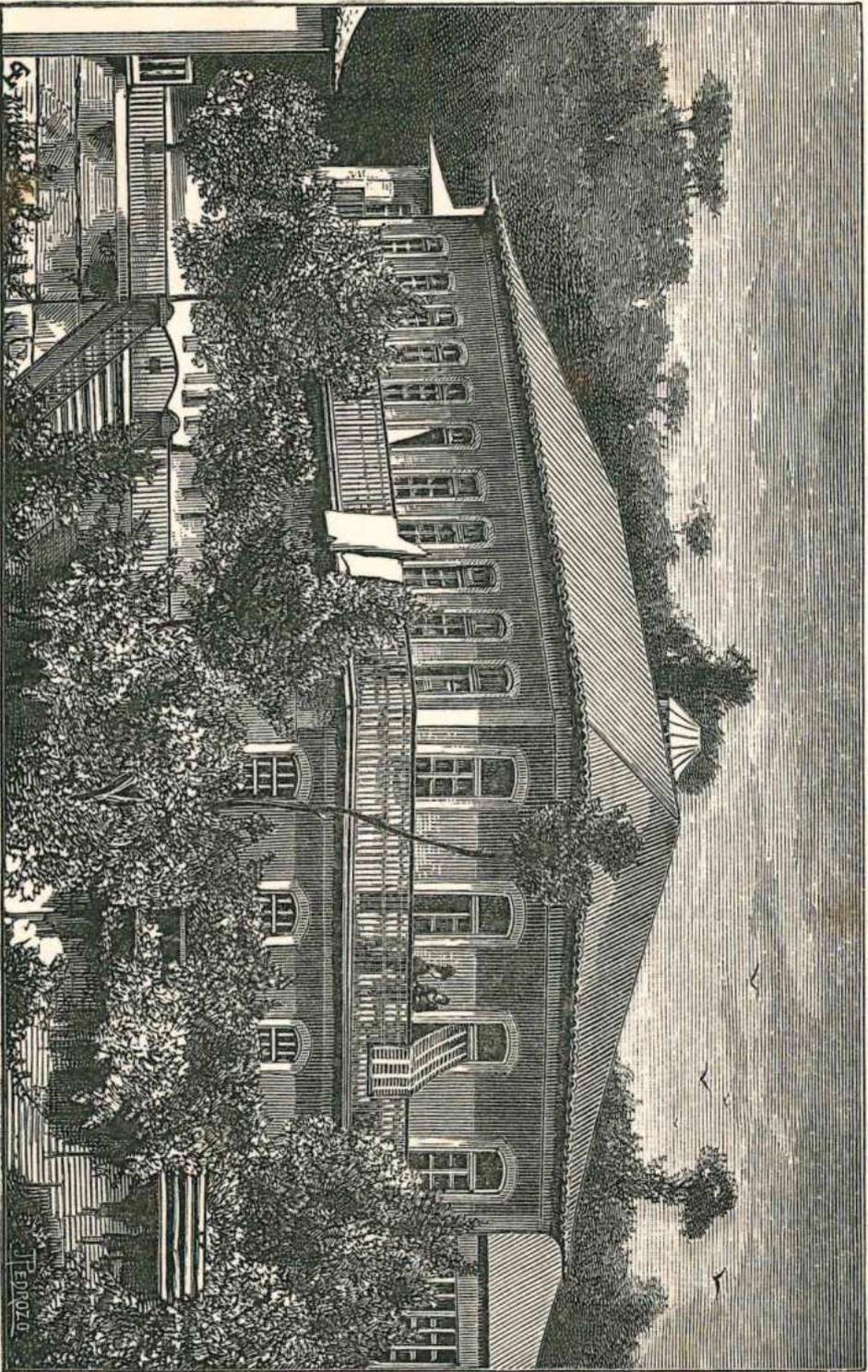
Ha ainda na quinta do Paço, em S. João das Caldas, uma lapide votiva ao deus *Bormanico* como a que existe na propriedade da snr.<sup>a</sup> D. Maria da Costa. A lapide que se acha na quinta do Cyrne, segundo diz o snr. Emilio Hubner, ou na quinta do Paço, segundo nos informa o digno professor snr. Pereira Caldas, tem a inscripção seguinte:

C. POMPEIVS  
 GAL. CATVRO  
 NIS. F (il). (r) E (et)  
 VGENUS. VX  
 SAMENSIS  
 DEO. BORMA  
 NICO. V. S. L. M  
 QVISQVIS. HO  
 NOREM. AGI  
 TAS. ITA. TE. TVA  
 GLORIA. SERVET  
 PRAECIPIAS  
 PVERO. NE  
 LINAT. HVNG  
 LAPIDEM

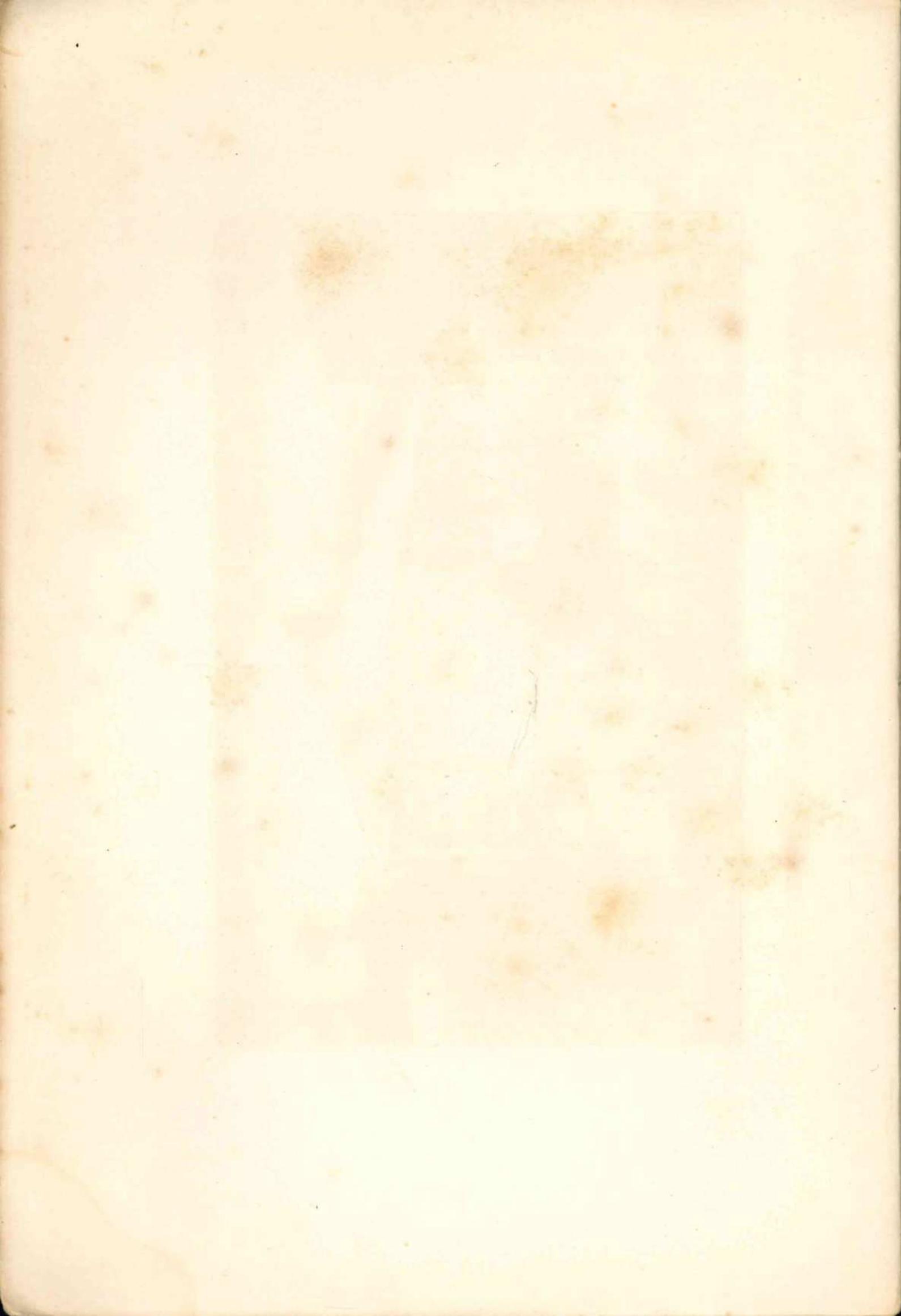
São dignas ainda da attenção dos antiquarios uma furna que existe no monte de Lijó e uma antiga capellinha, situada no monte da Santa, freguezia de Santo Adrião. Defronte d'esta capella, na freguezia de Tegilde, na margem direita do Vizella, fica o logarejo da Arriconha, onde nasceu S. Gonçalo de Amarante.

Além de muitas casas mobiladas, que se alugam por preços dependentes dos commodos que offerecem, ha em Vizella dois bons hoteis: o conhecido pela designação de *Hotel do Padre*, o mais proximo dos banhos da Lameira, e o *Hotel do Cruzeiro do Sul*, casa situada em logar muito pittoresco e construida expressamente para o fim a que se destina.

N'uma e n'outra d'estas hospedarias o serviço é de meza redonda e o preço de quarto e comida é de 1\$000 reis diarios por cada hospede.



CALDAS DE VIZELLA—HOTEL CRUZEIRO DO SUL



Obteem-se facilmente carruagens por preços approximados aos de Lisboa e Porto.

Nos estudos das principaes aguas mineraes do reino, feitos oficialmente pelo snr. Agostinho Vicente Lourenço, lêem-se a respeito das aguas das Caldas de Vizella as seguintes linhas:

Estas aguas, que apresentam temperaturas muito differentes, têm composição chimica analogá; são sulphurosas, pouco mineralizadas e tendo em dissolução pequenas quantidades dos elementos das rochas vulcanicas, em cujo seio brotam.

Examinamos tres d'estas aguas, a do Mourisco, a da Lameira e a do Medico.

A *agua do Mourisco* tem de temperatura  $36^{\circ}5^{\circ}$ , e deixa pela evaporação e aquecimento do residuo solido a  $180^{\circ},0^{\text{gr}},331$  por 1:000 grammas de agua. Este residuo é principalmente formado de silicatos e chloruretos alcalinos, assim como de pequenas quantidades de saes calcareos e magnesianos. Contém  $0^{\text{gr}},00862$  de acido sulphydrico.

A *agua da Lameira* está situada a pequena distancia da precedente, e tem de temperatura  $32^{\circ},5^{\circ}$ . 1:000 grammas de agua contém  $0^{\text{gr}}00913$  de acido sulphydrico, e egual quantidade deixa pela evaporação  $0^{\text{gr}},3415$  de residuo solido, composto dos mesmos saes que o precedente.

A *agua do Medico* está situada nas visinhanças das aguas já descriptas e apresenta propriedades physicas e composição chimica analogas. Tem de temperatura  $37^{\circ},5^{\circ}$  e  $0^{\text{gr}},00987$  de acido sulphydrico por 1:000 grammas de agua. A evaporação de egual quantidade de agua deixa  $0^{\text{gr}},3475$  de residuo solido, formado na maior parte de silicatos e chloruretos alcalinos, e alguns saes calcareos e magnesianos.

A agua, observada no inverno (novembro) pelo distincto geologo Schiappa de Azevedo, marcava ás duas horas da tarde, na bica da Lameira,  $60^{\circ}$  centigrados, sendo a temperatura do ar á sombra  $19^{\circ},5$ , com o tempo sereno.

No dia immediato ao d'esta observação, 17 do referido mez, a temperatura da agua no banho do Medico era de  $37^{\circ},5$ , sendo a do ar exterior de  $18^{\circ},5$ .

No mesmo dia, com tempo nublado e sêcco, sendo a temperatura do ambiente  $19^{\circ},5$  centigrados á sombra e ás duas horas da tarde, o thermometro indicava  $38^{\circ},8$  na agua da nascente do Mourisco.

Nas demais nascentes as temperaturas variam extremamente desde  $17^{\circ},2$  até  $65^{\circ},5$ .

O producto total das aguas, depois dos trabalhos de captagem feitos pelo snr. Dejanete, monta a 327:000 litros em vinte e quatro horas, havendo varias nascentes que não se exploraram por haver já o volume d'agua que se reputa sufficiente para as necessidades do publico.

O terreno em que brotam as aguas de Vizella faz parte da grande zona de granito porphyroide que abrange o centro da provincia do Minho.

De todas as caldas do reino as mais quentes, depois das de S. Pedro do Sul em que se encontra o maximo valor thermometrico, são as das Caldas de Vizella, de cujo uso os rheumaticos tiram um incomparavel partido.

É arriscado usar de aguas cujas nascentes não estejam averiguadas e cuja composição não tenha sido analysada pela chimica. Ha pouco tempo ainda muitas pessoas que padeciam do estomago bebiam em Vizella a agua de certa bica celebrada na localidade pelas altas virtudes gastricas que muitas pessoas lhe attribuiam. Procurada ultimamente a nascente d'esse veio, reconheceu-se que elle era formado pelo esgoto da agua servida nas tinas da Lameira. Aviso aos incautos, para que a recordação do mais nojento desastre não venha um dia a alliar-se nas suas carteiras de banhistas com outras lembranças mais ternas!



## CALDAS DAS TAIPAS



Nos estudos do snr. Agostinho Vicente Lourenço, acima citados, lê-se, com referencia ás aguas das fontes de Santo Antonio das Taipas, o seguinte :

« Estão situadas no districto de Braga, distantes pouco mais ou menos 8 kilometros de Guimarães e Braga. As aguas brotam em abundancia, no meio de um terreno aprasivel, por quatro fontes, d'onde são conduzidas aos banhos ; são claras e limpidas, cheirando fracamente a ovos chocos, pouco mineralisadas, e têm de temperatura 29 a 30°; 1:000 grammas de agua contêm 0<sup>gr</sup>,00242 de acido sulphydrico, e deixam pela evaporação 0<sup>gr</sup>,2035 de residuo solido, composto principalmente, como o das aguas de Vizella, de silicatos e chloruretos alcalinos e de saes calcareos e magnesianos. »

Comquanto geralmente menos concorridas que Vizella, as Caldas das Taipas offerecem grande animação durante a estação balnearia, que começa no fim de maio e acaba no fim de outubro.

Ha um hotel a preços modicos, perto dos banhos, e muitas casas mobiladas para alugar.

A povoação é quasi inteiramente ensombrada pelas largas co-

pas de magnificos carvalhos. A paizagem é bellissima, de uma grande frescura verde, de uma serenidade ineffavel.

Ao fim das tardes no mez de setembro o ar tranquillisa-se inteiramente; não bole folha; cahe um grande silencio; distinguem-se as vozes mais distantes, o chiar de uma nora, o ladrar de um cão, uma mulher que chama, ao longe.

As vaccas, que recolhem das pastagens, atravessam o rio a nado ou a vau, seguidas de um rapaz montado n'uma velha egua felpuda e trazendo adiante de si um grande molho d'herva, de que sobresaem as flores amarellas dos prados.

A natureza vegetal assoberba um pouco e absorve quasi a natureza animal. Os bois e os operarios dos campos parecem coisas integrantes do solo.

Sente-se uma vaga sensação pantheista.

Logo que vem a noite, em setembro, principiam as esfolhadas do milho nos casaes, e é então que se ouvem de grandes distancias os extraordinarios coros de sopranos, tão admirados já no seculo xvii pelo marquez de Montebello, feitos de grandes massas de vozes entoando em terceiras uma lenta melodia extremamente singela, de uma sentimentalidade saudosa, elegiaca, de que se conjuga uma harmonia terna e dolente, que parece sahida da vibração electrica do luar ou emanada das profundidades dos lagos, como o côro resignado das ondinas.

É n'estas cantigas das esfolhadas que se improvisam as quadras populares, que são a mais genuina expressão poetica da alma portugueza essencialmente melancolica e namorada.

Alto vae o sete-estrello,  
Mais alto vae o luar,  
Mais alta vae a ventura  
Que Deus tem para me dar !

É n'estas cantigas que se fazem os lamentos, as queixas, as confidencias ternas :

Eu quizera ser o linho  
Que vós na roca fiaes,  
Para vos dar tantos beijos  
Quantos vós no linho daes.

Em Inglaterra ha varias sociedades litterarias, de senhoras, que têm por fim recolher todas as cantigas, todas as lendas, to-

dos os cantos populares perdidos na tradição dos campos. As senhoras que fazem parte d'estas sympathicas corporações apontam e colligem nas suas viagens, nas suas digressões, nos seus passeios, todos os elementos da epopeia popular que encontram dispersos no seu caminho. Depois essas notas são reunidas, cotejadas, comparadas umas com outras até se poder ligar e fixar a versão. Este meio, adoptado em Portugal, seria o mais adequado para a formação do romanceiro e do cancionero portuguez.

O rio Ave, que corre junto das Taipas, é povoado de magnificas trutas, que dão um excellento emprego para a pesca á linha ou á cana.

A pesca feita á cana é geralmente considerada como um pasatempo estúpido, ridiculo, proprio de velhos caturras cahidos em idiotismo. Esta opinião é inteiramente errada. A pesca á linha feita com a *mosca*, segundo os processos inglezes, é muito engenhosa, demanda uma grande destreza no modo de lançar a linha, que deve cair no rio, a distancia do pescador, sem produzir a minima ruga na superficie da agua; requer ainda um grande habito de vêr os insectos que habitam as visinhanças dos rios e que deslisam sobre a agua. Estes insectos não são os mesmos em todas as estações do anno nem em todas as horas do dia, e é o aspecto d'elles que tem de ser imitado pela mosca artificial collocada pelo pescador um pouco acima do seu anzol. Com o conhecimento d'estes pormenores e com bons aparelhos de pesca, o pescador não adormece debaixo de uma arvore com a sua linha mergulhada na agua. Em um rio regularmente povoado, deverá um peixe morder o anzol durante o espaço que este leva a percorrer a distancia que medeia entre o ponto a que foi lançado e aquelle em que se acha o pescador. Foi assim que o auctor d'estas linhas, em companhia do seu querido amigo o bravo capitão Luiz Burnay, fallecido na campanha do Paraguay, pescou de uma vez no rio Ave, perto de Santo Thyrso, vinte e duas trutas em poucas horas.

Todas as communicções do homem com a natureza são um subsidio para a educação do espirito e do character, e encerram sempre a fecundação de uma virtude. A pesca á linha inspira o sentimento da perseverança e o amor das coisas simples e modestas. É o exercicio mais proprio para o divertimento das mulheres e dos homens casados: d'aquelles que vivem na economia, na ordem, na responsabilidade da satisfação e do conforto modesto dos pequenos *ménages*.

As aguas sulphureas das Taipas só em 1753 principiaram a ser applicadas aos usos medicos. Quem primeiro ensinou quaes

fossem as suas virtudes therapeuticas foi um leigo carmelita de Braga, Christovão dos Reis, administrador da botica do seu convento da Descalcez. É pena que não haja no sitio uma lapide singela que commemore o nome d'esse pobre chimico obscuro e benemerito. Em compensação d'este esquecimento ha no paredão das Taipas, ao descer do terreiro do arvoredado para o logar dos banhos, duas inscripções em verso, uma á direita, outra á esquerda de uma fonte, perpetuando os nomes dos promotores d'aquella obra.

Eis as inscripções a que nos referimos:

« João, primeiro rei do reino-unido,  
 « Para que a morte mais tropheus não conte,  
 « D'inexhaurivel, salutar bebida  
 « Esta levanta milagrosa fonte. »

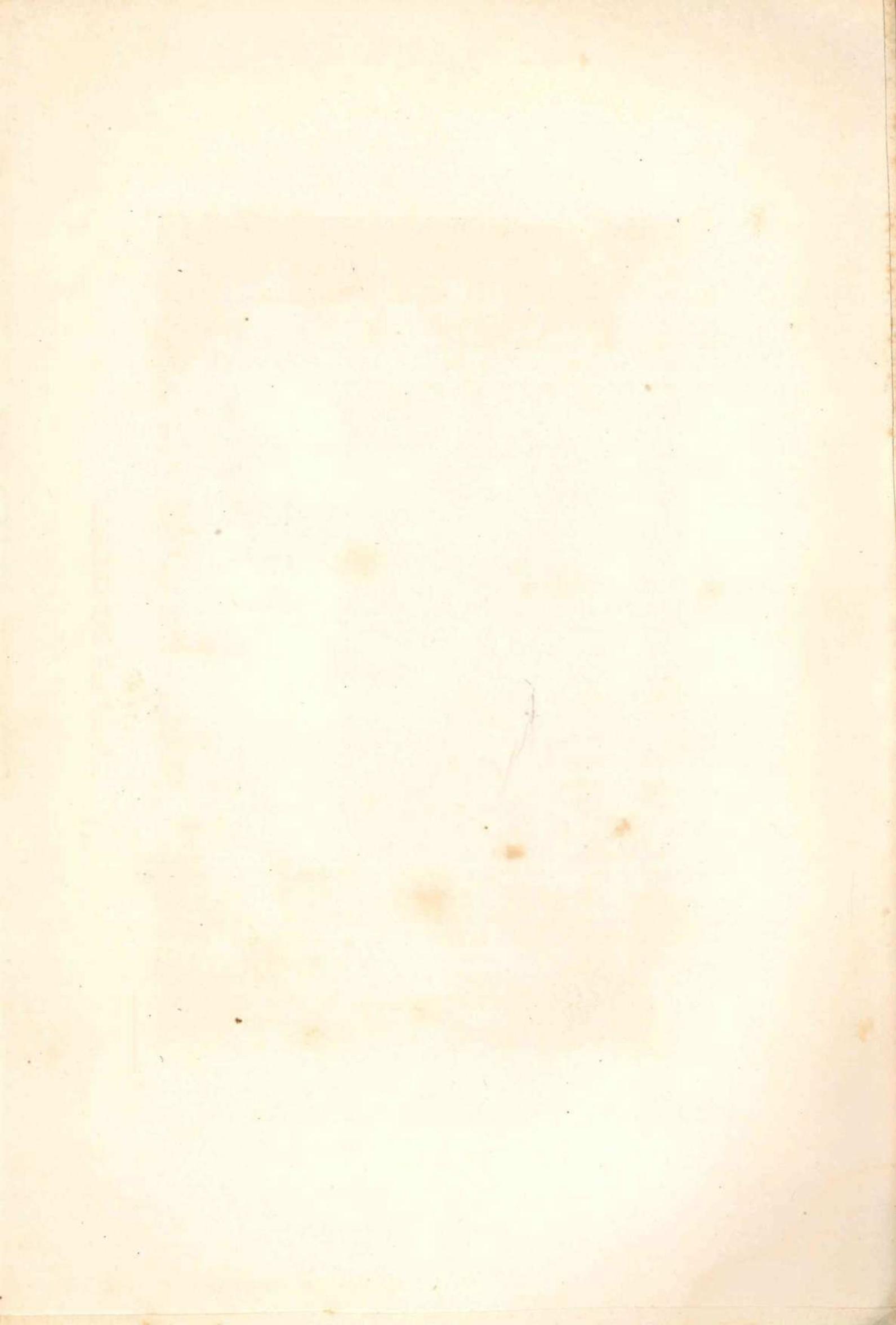
« Eras vindoiras! desejaes os nomes  
 « Dos varões claros d'esta obra auctores?...  
 « Sousa, procurador, juiz Estevão,  
 « Couto, Pinto, Ataide, senadores. »

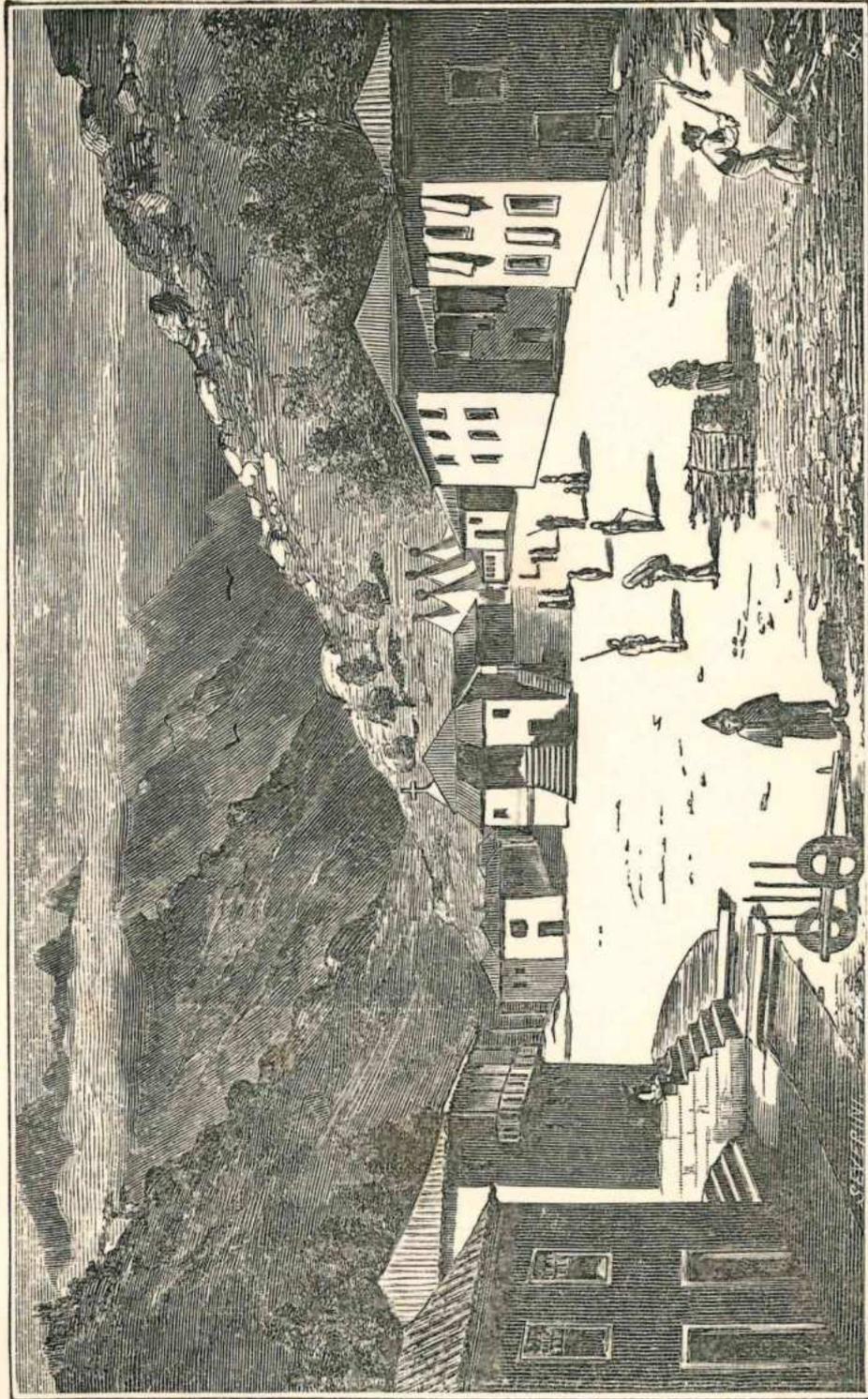
Os referidos senadores não se contentaram em immortalisar assim os seus nomes juntamente com o de sua magestade D. João VI; ao lado de uma ara romana, conhecida pelo nome de *Ara de Nerva* desde os tempos de D. João de Barros, auctor da *Descripção d'Entre Douro e Minho*, mandaram os de Guimarães gravar esta inscripção:

« Para alivio da humanidade, e remedio de rebeldes doenças  
 « herpeticas, foram renovados e augmentados estes banhos ther-  
 « maes, por ordem do senado da camara da villa de Guimarães,  
 « sendo seu presidente o Dr. Juiz de Fóra Estevão Pereira da Cruz,  
 « e vereadores Francisco Cardoso de Menezes Athaide e Antonio do  
 « Couto Ribeiro; secretario José Leite Duarte; procurador Manoel  
 « Luiz de Sousa: — em testemunho do seu zelo e actividade, e  
 « para emulação dos vindouros, *elles mesmos* (!) mandaram gravar  
 « esta inscripção, que desafia e venera o tempo e a antiguidade.  
 « Em 1818. »

Esta prosa emparelha dignamente com aquelles versos e sustenta com elles um terrivel empate de burlesco, espectáculo que constitue nas Caldas das Taipas uma das não menos interessantes curiosidades do sitio.

No estabelecimento dos banhos das Taipas ha nove casas, tendo cada uma d'ellas a sua tina de pedra. Cada banho é alimentado por uma nascente, exceptuando os banhos n.<sup>os</sup> 3 e 6, que recebem aguas





CALDAS DO GEREZ

de outros banhos, além das que lhes proveem de pequenas nascentes. Ha ainda uma nascente perto d'estas, que não está aproveitada e uma outra que alimenta a bica que fornece a agua para beber. A nascente do banho n.º 9, de que foram recolhidas as amostras enviadas á exposição de Pariz em 1867, fornece 34:500 litros em vinte e quatro horas. Avalia-se o dispendio total em cerca de 250:000 litros diarios. O numero dos banhos em maio regula por uma média de 600; em junho 6:000; em julho 6:000; em agosto 200; em setembro 4:000; em outubro 400. Total dos banhos durante a estação: 17:200. <sup>1</sup>

## CALDAS DO GEREZ

No relatorio ácerca das aguas mineraes da provincia do Minho, apresentado ao governo pelo snr. Agostinho Vicente Lourenço, lê-se, a respeito das Caldas do Gerez, o seguinte:

«Nascem em grande abundancia por varios pontos em torno de uma penha nas fraldas da escarpada serra do Gerez, a 5 kilometros da freguezia de Villar da Veiga, e distantes pouco mais ou menos 30 kilometros das cidades de Braga e Guimarães. As diversas aguas que são aproveitadas para uso externo e interno parecem provir do mesmo manancial: as suas temperaturas, comtudo, variam pelas differentes distancias que as aguas percorrem antes de entrar nas tinas.

«Os principaes banhos d'estas aguas são o *Forte*, o *Contraforte* e o da *Bica*.

«O primeiro marca 45° a 48° c.

«O segundo 49°.

«O terceiro 42° a 42°,5°.

«Na origem a temperatura é muito mais elevada, oscillando entre 54° e 63° c.

«Estas aguas, muito dignas de attenção por causa da sua temperatura elevada, apresentam composição muito simples. 1:000 grammas de agua do banho da Bica deixaram pela evaporação 0<sup>gr</sup>,2675 de residuo solido, formado principalmente de silicatos e

<sup>1</sup> Informação official do engenheiro João Baptista Schiappa de Azevedo, em um relatorio datado de outubro de 1867.

chloruretos alcalinos e calcareos. As aguas são limpidas e crystal-linas, sem cheiro nem gosto.»

A povoação é muito insignificante. Compõe-se principalmente de pequenas casas, em grande parte de madeira, habitadas por pastores em algumas estações do anno, e abandonadas durante o rigor do inverno.

A serra, que se eleva em montanhas successivas até á altura de 1:442 metros sobre o nivel do mar, em Terras de Bouro, é riquissima pela sua flora e pela sua fauna, e uma das mais interessantes de todo o reino para os naturalistas e para os pintores. É coberta das mais variadas vegetações, sangrada de magnificas quedas d'agua, salpicada de pequenos lagos matisados de plantas aquaticas; habitada de lobos, veados, corças, javalis, raposas, martas, ginetas, tourões e cabras montezez; além do que os caçadores aventureiros encontram ainda os gaviões e as aguias reaes, que adejam pelas quebradas dos montes, e que alguns vão matar a tiro, nos seus ninhos, no pincaro dos penedos.

O rio Cavado, que nasce na maior aspereza da serra, entre gêlos eternos, é abundantissimo de salmões, lampreias e trutas.

As excursões venatorias ou artisticas fazem-se em caravana, levando viveres e barracas, e acampando na serra, que só pôde ser percorrida a pé.

Á noite accendem-se fogueiras ás portas das tendas e revesam-se sentinellas vigilantes e armadas.

Caçadores do sitio, habituados á montanha e conhecedores dos matos, guiam a caravana e encaminham as matilhas.

Das caçadas a mais incidentada e mais interessante é a que se faz ao porco.

Os caçadores são dispostos a eguaes distancias uns dos outros na linha do percurso ordinario do animal, desde o logar em que elle se acoita até á represa d'agua mais proxima. Os caçadores estão armados de clavinas carregadas á bala, bons revolvers americanos de grosso calibre, faca de mato ou machado curto, solido e bem empunhado. O porco levantado e seguido pelos cães, vae passar successivamente por diante de cada um dos caçadores, os quaes são obrigados a fazer-lhe fogo, quer elle lhes saia a tiro, quer não. É pelo numero d'estes tiros, disparados a espaços certos, que cada um calcula o sitio em que está a caça. O quinto caçador sabe, por exemplo, que o porco se acha perto depois de ter ouvido o quarto tiro; se no espaço marcado para que elle o tenha á vista, o porco não apparece, o quinto caçador em vez de disparar sobre o animal e de o seguir como têm feito os quatro que

o precederam, volta na direcção do ponto de que elle rompeu, certo de que irá encontral-o morto ou ferido na carreira. Os caçadores que se seguem ao quinto, notando que o tiro d'este deixou de ser disparado, fazem a mesma evolução que este fez, e todos vão assim reunir-se no sitio em que a féra está destinada a expirar.

Se o porco sobrevive ao fogo de toda a linha dos atiradores, estes seguem-o todos, e o animal vae então acabar, no lago a que se arroja, varado pelo tiroteio da fusilaria que o cerca.

Ha annos, em uma d'estas caçadas cheias de peripecias e de commoções nervosas, um dos caçadores distribuidos na linha e que era um dos guias da serra, habituado aos perigos de semelhantes aventuras, esperou o porco frente a frente e disparou com elle quasi á queima-roupa. Erraram, porém, os dois tiros da sua clavina; o porco raivando esbaforidamente, muito adiantado da matilha que latia e galopava a distancia, cresceu para o caçador. Este, na precipitação da fuga, largou a espingarda, que não levava passada ao hombro na bandoleira, e trepou desarmado para o alto de uma arvore.

O porco, que tinha atravessado a floresta arrancando ou partindo ás dentadas, com grandes ruidos, todos os estorvos que o empeciam, em vez de proseguir na sua carreira, fitou o inimigo que se lhe deparava e principiou a morder e a dilacerar em grandes lascas o tronco da arvore a que o homem subira.

Poucos minutos depois a matilha tinha chegado, os caçadores appareciam successivamente no meio do toque das bosinas e dos gritos estridentes de «péga! péga! avança!» com que cada um açulava os seus cães.

Então o porco, envolvido pela matilha furiosa, filado com dentes anavahados e maxillas rijas e persistentes, como tenazes fixadas com parafusos d'aço ás partes mais sensiveis do seu corpo, rolava expirante, bramindo, golphando espuma e sangue.

Mas o que estava trepado nos galhos da arvore não descêra durante o combate nem respondia ás vozes dos seus companheiros victoriosos. Estava livido, immobilizado, com os beiços brancos, a bôca entreaberta, os olhos fitos. Fulminado pelo terror, não via nem ouvia. Desceram-o em braços, prostrado, inconsciente, passivo, como um idiota. Banharam-lhe as fontes e os pulsos com agua fresca, fizeram-o beber, e deram-lhe fricções de aguardente pela espinha dorsal.

Depois de longos e reiterados exforços o pobre guia recuperou a final as suas faculdades, mas tinha perdido o uso da falla, e ficou mudo até o resto dos seus dias.

Eu contava apenas dezeseis a dezeseite annos, era um rapaz bisonho e sem nenhum uso do mundo, mas tinha o habito das longas caçadas e o meu pulmão e as minhas pernas eram então da força de quinze a vinte leguas por dia palmilhadas a pé sem estropiamento e sem fadiga. Esta aptidão muscular tinha-me merecido a sympathia de Almeida Campos, que mais tarde foi consul no Brazil, que eu vim a contar no numero dos meus melhores amigos e que o anno passado falleceu calamitosamente na cidade do Porto, n'um dos quartos da casa de saude do medico Ferreira, sem lhe ser dado nos seus ultimos dias, de uma agonia lancinante, a dôce consolação de se despedir do mundo, beijando a sua filha e apertando a mão da sua mulher. Almeida Campos, que por duas vezes viera a Lisboa e regressára ao Porto a pé, convidára-me então para fazer parte de uma caravana, que devia no verão seguinte subir ao mais alto pincaro do Gerez.

Se bem me lembro, além de José Barbosa e Silva, que foi nosso embaixador em Constantinopla, de Evaristo Basto, o primeiro talvez dos humoristas portuguezes e de Arnaldo Gama, o illustre e desgraçado romancista, deviam tomar parte n'essa excursão Camillo Castello-Branco, Antonio Girão, e não me recordo se alguem mais.

Tinham-se feito longos planos para essa viagem. O traje seria uma blusa curta de flanela, sapatos ferrados, polainas de couro afiveladas até o joelho, e chapéu de feltro com uma pluma.

Levaria cada um a sua mochila com a roupa branca e o pequeno estojo de lavatorio. Havia de ser comprado um burro que levaria a tenda, sob a qual se havia de pernoitar na serra, e bem assim as indispensaveis munções de bôca, a bolacha e as conservas.

Em uma das reuniões que se celebraram para este fim, Camillo propôz que se comprassem dois burros: um levaria as munções; sobre o outro seria collocada a *Mulher dos callos*, uma pedicura célebre que então florescia no Porto e cuja pericia Camillo entendia que devia acompanhar até o fim do mundo os pés da gloriosa aventura que se projectava.

Esta excursão ao Gerez, premeditada, como se vê, em bases tão pittorescas, nunca se levou a effeito.

O doutor Francisco da Fonseca Henriques, auctor do *Aquilegio Medicinal*, notavel livro de que fallaremos em outro lanço, consagra ás aguas do Gerez as seguintes linhas:

«Estiveram estas caldas sem uso muito tempo, e quasi incognitas, até que foi tomar banhos n'ellas D. João de Sousa, irmão do Marquez das Minas, governando as Armas da Provincia de En-

tre Douro e Minho, para o que fez abrir caminhos e estradas para carroagens, rompendo matas, até áquelle tempo impenetraveys e hoje (1726) é numerosissimo o concurso de enfermos que lhe acode todos os annos; a mayor parte d'elles sem conselho dos medicos, e huns bebem a agoa, outros tomam banhos n'ella, fazendo covas, por não haver tanques; accommodando-se em barracas; e alguns pobres, expostos ao tempo de dia e de noyte, sem commodo, nem cama, e assim lhe aproveytam. Ajuda a ser grande o concurso de gente para estas caldas a devoção da Virgem, e Martyr Santa Euphemia Portugueza, a quem a tradição faz auctora d'ellas, entendendo que a cidade de Calcedonia, onde a santa teve o seu martirio, era então n'aquelle sitio visinho das Caldas. Junto ás duas Caldas, que como temos dito, servem para curar os achaques frios, ha outras que curam as intemperanças quentes, e os males, que procedem de calôr, e servem para estupôres e paralesias espurios, e para estuações, e incendios dos hypochondriacos, que padecem flatos melancolicos, e para outras queixas d'esta classe. Se houvesse uma povoação n'aquelle sitio, seria muito mayor o concurso: porque se tomariam os banhos com melhor commodo, e estariam os enfermos recolhidos; o que não podem fazer em duas casas pequenas, e terreas, que ha.»

Além das Caldas das Taypas, de Vizella e do Gerez, que são as principaes da provincia do Minho, a commissão, presidida pelo illustre medico Thomaz de Carvalho, e nomeada pelo governo para estudar este assumpto em 1867, cita ainda tres mananciaes, a que os relatorios dos snrs. Agostinho Vicente Lourenço e João Baptista Schiappa de Azevedo, consagram as menções que se seguem:

## AGUAS DAS FONTES DE LIJÓ E GALLEGOS

Nos logares de Mosqueiros e Gallegos, da freguezia de Lijó, brotam a 50 metros de distancia nascentes de agua sulphurea.

A agua analysada pelo relator foi colhida na fonte principal de Mosqueiros; a sua temperatura no momento da colheita era de  $19^{\circ}$  °, sendo de  $20^{\circ}$  ° a temperatura do ar exterior. É limpida, com gosto e cheiro proprios das aguas sulphureas. 1.000 grammas de agua deram  $0^{\text{gr}},00801$  de acido sulphydrico, e egual quantidade deixou  $0^{\text{gr}},473$  de residuo solido, formado de sulphatos e chloruretos alcalinos de cal e magnesia, e muito pequenas quantidades de ferro, alúmina e silica.

A freguezia de Santa Maria de Lijó pertence ao concelho de Barcellos e é cortada por um pequeno ribeiro affluente do Cavado.

A communicação mais commoda é por Barcellos, d'onde se póde ir em carruagem até o local dos banhos. A estrada que une Barcellos e Braga, egualmente carruajavel, é uma das mais pittorescas da provincia.

O lugar de Gallegos fica a S. E. de Mosqueiros.

As aguas emergem em pequenos filetes atravez das fendas do granito de grão fino, em que predomina a mica negra sobre a argentina, feldspatho, orthoze e quartzo translucido, com raros crystaes maiores do mesmo feldspatho. Este granito está subordinado ao granito porphyroide normal da provincia do Minho, e denuncia, na mudança da sua composição e textura, a alteração que lhe provém da proximidade do schisto crystallino. As fracturas do granito são irregulares na direcção, mas é mais frequente a de N.  $70^{\circ}$  E. S.  $70^{\circ}$  O, inclinando  $80^{\circ}$  para N.  $20^{\circ}$  O. Estas ultimas dão passagem ás aguas mineraes.

Parece que foi o medico Alheira, bem conhecido na cidade do Porto, onde exercia a clynica e era professor na eschola medico-cirurgica, quem primeiro indicou o uso d'estas aguas, ha cerca de vinte annos.

Calcula-se em 500 ou 600 (computo feito em 1867) o numero das pessoas que frequentam annualmente estas Caldas. A estação dura desde os fins de junho até fins de outubro.

Ha duas pequenas casas, uma em Mosqueiros e outra em Gallegos, ambas em mau estado, onde existem tinas de madeira para os banhos. A agua é aquecida em caldeiras de cobre e sem as necessarias precauções, do que resulta a perda do principio sulphuroso. Os dois estabelecimentos são propriedade particular. A maior parte dos doentes tomam os banhos em casas particulares, da povoação de Mosqueiros, unicos alojamentos de que dispõe a localidade.

O snr. Schiappa, de cujo relatorio tomamos estas informações, acrescenta: Não tive occasião de medir o volume d'estas aguas;

calcúlo que não excederá 50:000 litros em 24 horas. Se se provar que as aguas de Lijó têm valor therapeutico igual, pelo menos, ao de outras aguas sulphurosas thermaes, devem aquellas ser preferidas para transporte, porque frias estão menos expostas do que as quentes a perder os seus principios mineralisadores, e de baixo d'este ponto de vista adquirirão um grande preço. Informam-me de que são recommendadas com especialidade estas aguas nas affecções herpeticas, ephelides e suas congeneres, e em bebida são indicadas para doenças do estomago.

A pouca distancia de Lijó fica a fertil serra de Ayró, abundantissima em caça. Parece ter sido denominada pelos romanos *Monte Aureo*, e é n'ella que se produz o melhor vinho verde do Minho. Diz um proloquio popular: « Vinho de Ayró, não o dê, bebe-o só. »

---

## AGUAS DAS CALDAS DE RENDUFE

As duas aguas conhecidas sob este nome estão situadas na povoação chamada S. Thiago de Caldellas, junto ao ribeiro de Caldellas, ou rio Albitto, distante duas leguas da cidade de Braga.

Estas aguas são pouco mineralisadas e marcam 32°,5°. São limpidas e transparentes, leves e agradaveis ao paladar. 1:000 grammas de agua, evaporada nas condições já apontadas, deixaram 0<sup>gr</sup>,11467 de residuo solido, formado de sulphatos e chloruretos alcalinos, calcareos e magnesianos, e silica.

Segundo o professor snr. Pereira Caldas, as aguas de Rendufe começaram a ser conhecidas entre os annos de 1763 e 1779. O edificio actual dos banhos foi construido em 1803. Compõe-se de quatro casas, cada uma com um pequeno tanque ou piscina, e todas são alimentadas por duas nascentes. Brotam em fendas de granito porphyroide e são semelhantes na jazida e propriedades physicas ás aguas do Gerez.

O banho do *Rheumatismo*, que se enche em um quarto de hora, dispende 151:104 litros em 24 horas. O do Carvalho dá 17:232 litros.

É de cerca de 500 o numero dos banhistas, e dura a estação desde fins de junho até fins de outubro.

## CALDAS DE MONSÃO

Nascem por tres fontes abundantes, a pequena distancia do rio Minho, e proximo da praça de Monsão, n'um sitio muito agradavel.

As tres fontes são canalizadas para outros tantos banhos, que têm os nomes de *brando*, *contraforte* e *forte*, dando origem a estas designações as crescentes temperaturas de cada banho. O banho brando marca 31°,75°; o contraforte marca 39°; o forte marca 43°,5°.

As aguas submettidas a experiencia foram as do banho forte. São claras, agradaveis ao paladar e inodoras. 1:000 grammas de agua deixaram pela evaporação um residuo solido, pesando 0<sup>gr</sup>,4615, composto principalmente de chloruretos e sulphatos alcalinos e calcareos, e silica.

As aguas de Monsão emergem do terreno alluvial moderno, que cobre o alveo e margem do rio, e que é posterior na sua deposição ao que se estende na encosta até 2 kilometros ao sul da margem. O deposito alluvial compõe-se de *quartzo* rolado, areias, argilla e fragmentos de schisto de diversas especies. As fontes mineraes têm a sua origem no granito subjacente que pertence á mesma especie porphyroide acima descripta e a que se acha associado o granito commum de duas micas e accidentalmente sem granito fino de mica negra.

O edificio mais elevado sobre o nivel do rio, denominado a Therma, foi mandado construir em 1801 pelo conde de Amarante, que deixou um legado com esta applicação ao municipio da localidade. No mesmo anno Ricardo Allen, consul inglez em Vianna do Castello, mandou edificar outra casa de banho proxima a uma nascente que está a 120 metros a montante e mais perto do thalweg. Ainda hoje tem o nome de *Banho do Inglez*. Entulhado pelos detritos carreados pelas inundações, foi este banho restabelecido em 1843.

Em 1807 foi conhecida a nascente chamada actualmente *Banho Fresco*, que brota algumas dezenas de metros a juzante da

Therma. Não tem edificio proprio. Além de mais um tanque arruinado, ha ainda outro sobre uma fonte nascente, que começou a ser utilizada em 1819. Esta alimenta os banhos temperados, que estão, como os antecedentes, em barracas de madeira, que se removem na epocha das cheias.

A *Therma*, edificio pequeno e pouco aceado, quasi sem luz e mal reparado do ar, tem oito banheiras, sendo separadas de duas em duas por um compartimento.

Os banhos temperados têm egualmente quatro compartimentos com duas banheiras cada um. O Banho do Inglez tem uma só banheira.

Eis os volumes das nascentes achadas pelos snrs. Schiappa e Cruz:

A da Therma debita, em vinte e quatro horas . . . . .	43:900 litros.
A do Inglez, idem . . . . .	17:540 »
A dos Banhos temperados, idem . . . . .	123:550 »
A do Tanque arruinado, idem . . . . .	123:500 »
A Nascente Fresca, idem . . . . .	10:540 »
O volume total sobe nas 24 horas a . . . . .	319:050 »

Segundo as informações prestadas pelo medico de partido, o snr. Joaquim de Sousa Braga, ao auctor do relatorio a que nos referimos, as aguas de Monsão são efficazes no rheumatismo e efficacissimas nas paralyrias, sciaticas, arthrites gotosas, nevroses, e elephantiasis incipiente. Maritada com leite de jumenta é applicada internamente em molestias de peito, em gastrites e interites chronicas e em dispepsias, sendo utilissima n'estas ultimas enfermidades. Empregam-se ainda no tratamento de antigas feridas varicosas, nas anchyloses, etc.

A communicacão mais commoda é a que se faz por Braga em carruagem. Póde-se ir tambem por Vianna, Caminha e Valença, trajecto extremamente pittoresco.

A concorrência na estação balnearia é de cerca de 2:000 pessoas, em grande parte hispanhoes de além Minho.

É brasão de armas da pequena villa de Monsão um meio corpo de mulher com o letreiro *Deusadeu Martins*. Este timbre debuxado nas bandeiras da camara perpetua o acto de patriotismo e de valor de uma mulher de Monsão, Deusadu Martins, casada com o capitão-mór Vasco Gomes de Abreu, a qual por occasião das guerras de D. Fernando com D. Henrique II de Castella, fez levantar o assedio posto á praça de Monsão pelos soldados castelhanos.

Á villa de Monsão cabe a gloria de ser patria de algumas outras mulheres illustres pela coragem marcial e pelo valor guerreiro. Em 1659, estando a praça sitiada pelos hispanhoes e faltando soldados para defender os muros, Helena Peres, viuva de João Felgueira, armada de uma lança, pôz-se á frente de trinta mulheres resolutas, e foi com a sua ala bater-se contra o inimigo nos postos avançados, onde maior era o perigo, mais renhida a peleja, e mais duvidosa para os sitiados a sorte das armas.

Pouco antes, em 1643, tendo-se travado um recontro sangrentissimo entre portuguezes e hispanhoes perto de Salvaterra, na Galiza, D. Marianna de Lencastre, condessa de Castello-Melhor, vendo de Monsão a batalha lidada na outra margem do Minho, atravessou o rio a toda a pressa com duas peças de artilheria, que decidiram do combate em favor do conde de Castello-Melhor, governador de Salvaterra por el-rei de Portugal.

---

## AGUAS DE ENTRE-OS-RIOS

Ficam situadas no logar das Quebradas, freguezia de Eja, concelho de Penafiel, a cerca de dois kilometros da confluencia dos rios Douro e Tamega.

Entre-os-Rios fórma uma especie de cabo voltado ao poente, encravado nas aguas reunidas dos dois rios. É um logar encantador, isolado, de uma grande tranquillidade dôce, penetrante, em que repousam os olhos, e o espirito se embebe de um mysterioso inducto balsamico emanado dos pacificos aspectos das aguas e da paisagem.

Nas noites de verão, quando os «amigos silencios da lua» se desenrolam dormentes e electricos sobre a larga superficie aquatica, os que contemplam esse espectaculo, da pequena lingua de terra chamada Entre-os-Rios, sentem a influencia melancolica da poesia dos lagos. A imaginação afunda-se nas velhas legendas da agua, em cujas profundidades existem os palacios encantados, de coral e de perolas, habitados pelas sereias e pelos genios aquaticos, filhos do beijo amoroso da corrente e do luar, cuja alma se exhala do seio do elemento nos aromas da flôr dos nenufares.

À luz do dia o espectáculo materialisa-se mais, mas não é menos bello.

Tanto o Douro como o Tamega são muito navegados n'este sitio. A viagem para Entre-os-Rios pôde mesmo ser feita facilmente pela via fluvial em um dos muitos barcos que fazem o commercio da navegação do Douro.

As aguas mineraes são frias e limpidas. Nascem nos schistos crystallinos em contacto com o granito porphyroide.

O dispendio da nascente é pouco mais ou menos de 25 mil a 30 mil litros em vinte e quatro horas, havendo a cerca de 80 metros da nascente uma outra fonte mais abundante que não está por enquanto explorada.

As aguas de Entre-os-Rios têm um gosto bem pronunciado a acido sulphydrico; deixam um deposito de enxofre precipitado na sua passagem. 1:000 grammas de agua dão 0,<sup>gr</sup>0018 de acido sulphydrico, e um residuo solido de 0,<sup>gr</sup>321, constituido principalmente de silica, sulphatos e chloruretos alcalinos de cal e magnesia, bem como de uma pequena porção de alúmina, segundo a analyse feita pelo snr. doutor Lourenço.

---

Em todas as terras de aguas acima referidas proporciona-se ao viajante como principal objecto de distracção, de recreio e de estudo, a feição e o character especial da provincia do Minho, os seus usos e costumes, a indole dos seus habitantes, os trajes tão pittorescos das suas mulheres, as quaes em alguns concelhos ruraes como o da Maia, por exemplo, conservam quasi inteiramente a tradição da idade média.

A região montanhosa d'esta provincia é listrada de brancas estradas empinadas em espiral ou riscadas em zig-zag, cortando os pinhaes ou atravessando as cearas de milho e de centeio.

Nas encruzilhadas ha os cruzeiros de granito, ou o pequeno painel dentro de um nicho, representando o purgatorio com o seu grupo de peccadores, de que não deixa nunca de sobresahir um bispo, com a sua mitra, bracejando no meio das chammass; e, pendendo defronte, a lanterna enfumarada, suspensa de um braço recurvo, de ferro.

Ao longo dos caminhos, os alpendres dos ferradores, com os seus compridos beirões de telha, sustentados em esteios de pedra, e habitados pelas andorinhas.

As *dormidas*, em que se recolhem os carros e em que pernoitam os almocreves, os carreteiros e as juntas dos bois, deixam vêr pelas largas portas entreabertas os seus fundos de curral, as manjadouras escuras e lustrosas, o pavimento fôfo coberto de mato, e, encostada ao muro tosco, a escada de mão pela qual se sobe ao palheiro. Fóra, a um lado, fica a pequena fonte em arco com a sua data gravada na pedra, e a agua correndo da bica no tanquesinho semicircular, onde os cavalleiros param um momento á sombra, entalam o varapau entre a perna e o albardão e deixam beber as suas eguas durante o tempo de preparar um cigarro.

De curtos em curtos espaços surgem os casaes dos pequenos rendeiros, com os seus casebres envoltos no fumo resinoso do pinho verde; a eira com duas enormes medas pyramidaes de palha de milho, cujo ambito serve de celleiro provisorio no tempo das malhas. Uma mulher, de saia curta, de tomentos, as pernas magras e encardidas, calçada em altos tamancos, estorcega couves para o porco na pia do quinteiro. Cães de caçar o coelho, raça selvagem, de pêllo hirto de um amarello fulvo, orelhas bicudas e afiladas, rabo longo e alto como um ponto de exclamação, focinho agalgado, veem mostrar os dentes lusidios ladrando de cima dos vallados. Crianças barrigudas, em camisa, cobertas de uma immundicie systematica, sahem ao caminho e trotam ao vosso lado ao longo da ladeira, pedindo esmola, psalmodeando padres-nossos e encommendando-se ás almas do purgatorio.

Outras vezes destacam as edificações modernas, pretenciosas, incaracteristicas e chatas, levantadas pelo « brasileiro » do sitio: as casas são quadradas, forradas de azulejos, com sua grade de ferro corrida em sacada, com um globo de crystal em cada angulo. A um lado ha um mastro serpenteado de verde e amarello, e do outro lado, sobre o muro, junto do portão de ferro, os cães que apparecem, sentados, de focinho um para o outro, são tranquillos e frageis cães de louça vidrada, pintados de côr de lirio.

Nos valles, entre as massas de arvoredos, grupam-se as casas brancas das pequenas aldeias, de cujo centro sobresae o campanario mourisco da parochia.

A ideia fixa de uma herança ou de uma pensão, que quasi todas as familias minhotas ou receberam, ou recebem, ou esperam vir a receber do Brazil, torna o homem do Minho — tão robusto, tão trabalhador, tão diligente e tão pacifico — pouco emprehendedor na sua terra. O Brazil inhabilita-o, enerva-o, quasi que o desmoralisa. Em vez de explorar a terra ou a industria na sua bella provincia, elle pensa fixamente em ir explorar o Brazil, e quando lá

não vae, explora-o ainda em segunda mão, sobre os que foram e se repatriaram ricos.

Entre as cidades do Minho mais proximas das principaes Caldas deve-se especialisar, como a mais digna de attenção e de estudo, Guimarães.

A pequena cidade de Guimarães é a mais rica de Portugal, a mais trabalhadora, a de mais recursos propios e independentes de todo o favor alheio. Sustenta umas poucas de industrias importantissimas: a dos pannos de linho, a da cutelaria, a das linhas e a do couro, cujos productos espalha por todo o paiz e exporta para o Brazil e para a Africa.

Além da ourivesaria e principalmente das filigranas e das obras de malha de prata, quasi todas feitas na freguezia de S. Cosme, o Porto não tem outra industria que se compare com as de Guimarães.

Lisboa—inutil é dizel-o—não tem industria nenhuma que se sustente independente do favor do Estado e da protecção das pautas, do que resulta uma riqueza equívoca e uma prosperidade fabril cuja importancia nunca chegamos a comprehender senão de um modo excessivamente ambiguo.

Guimarães, no meio do movimento interior do seu trabalho, de uma feição essencialmente moderna, conserva nos seus aspectos exteriores o fundo cunho tradicional, antigo, legitimamente portuguez.

Extremamente abastada e poderosa, Guimarães não faz senão violentamente e em grau muito restricto concessão alguma ás invasões espurias da moda alheia e da modernidade. Conserva os seus velhos usos e costumes, os seus antigos habitos, com a rigidez severa de um burguez honrado que despresa as futilidades vaidosas dos *parvenus*, e que tem principios solidos, convicções firmes, inquebrantaveis e propriamente suas.

É por esse lado tradicional que Guimarães é profundamente interessante para as observações da arte e para a educação nacional do espirito e do character.

São geralmente imperfeitos os homens nascidos nas grandes cidades, criados e educados n'esses centros internacionaes, em que os costumes, os principios, as ideias, as mesmas palavras, os propios aspectos da natureza pouco e pouco se deturpam, se desgastam da sua feição primitiva, se desnacionalisam—porque assim o

digamos — no contacto das civilizações estrangeiras. Falta a esses homens a feição de raça, a marca indelevel imposta ao caracter pela influencia de certa porção de solo, de certo e determinado *meio* moral. Em todas as manifestações do espirito: na arte, no theor de vida, no gosto, na moda, os homens assim destemperados na sua intima fibra perderão lentamente a inspiração original, a faculdade inventiva, o dom creador e o ponto de vista critico. Cahirão na inspiração de segunda mão, no espirito de imitação, na exaggeração affectada e burgueza ou na trivialidade chata, incolôr e insipida.

Para as minhas necessidades como consummidor de camisas, de gravatas, de luvas e de perfumarias, o Chiado offerece vantagens superiores ás que me proporcionam alguns outros sitios mais obscuros do reino. Mas para mim, cidadão, para mim, portuguez, para mim, escriptor e artista — que o Chiado me perdôe — acho-o insignificante, incaracteristico, ordinario, sem feição, sem relêvo, sem linha, e prefiro-lhe a angustiada e escura rua dos Gatos em Guimarães, com os seus estreitos portaes, as suas escadas empinadas e as suas miudas gelosias encanastradas como as do côro dos mosteiros, pela qual rua a antiga diligencia do Porto entrava no *berço da monarchia* com um ecco estrepitoso e pesado, ao som dos estalos do chicote e das campainhas das parelhas, aos solavancos da berlinda pelos buracos da calçada toscamente lageada.

É claro que não é nosso intento inculcar Guimarães, *berço da monarchia*, como sendo igualmente o berço da critica e da poesia nacional, nem deixar crêr que os futuros artistas e philosophos tenham de vir exclusivamente de Braga, de Santarem ou de Amaranthe.

O que pretendemos simplesmente notar é que a litteratura de um povo — e damos o nome de litteratura a toda a escripta collectiva do pensamento — vive dos dois elementos combinados do progresso e da tradição, e que por maiores que sejam os desenvolvimentos produzidos pelo estudo comparativo das civilizações, o talento tenderá a abastardar-se sempre que se não inspirar no espirito nacional que o gerou.

É em tal sentido que nos parece duplamente saudavel que os que viajam no verão em Portugal, os que percorrem as suas terras de Caldas no interior das nossas provincias se banhem na genuina tradição popular, o especifico reconstituente da adoentada alma portugueza.

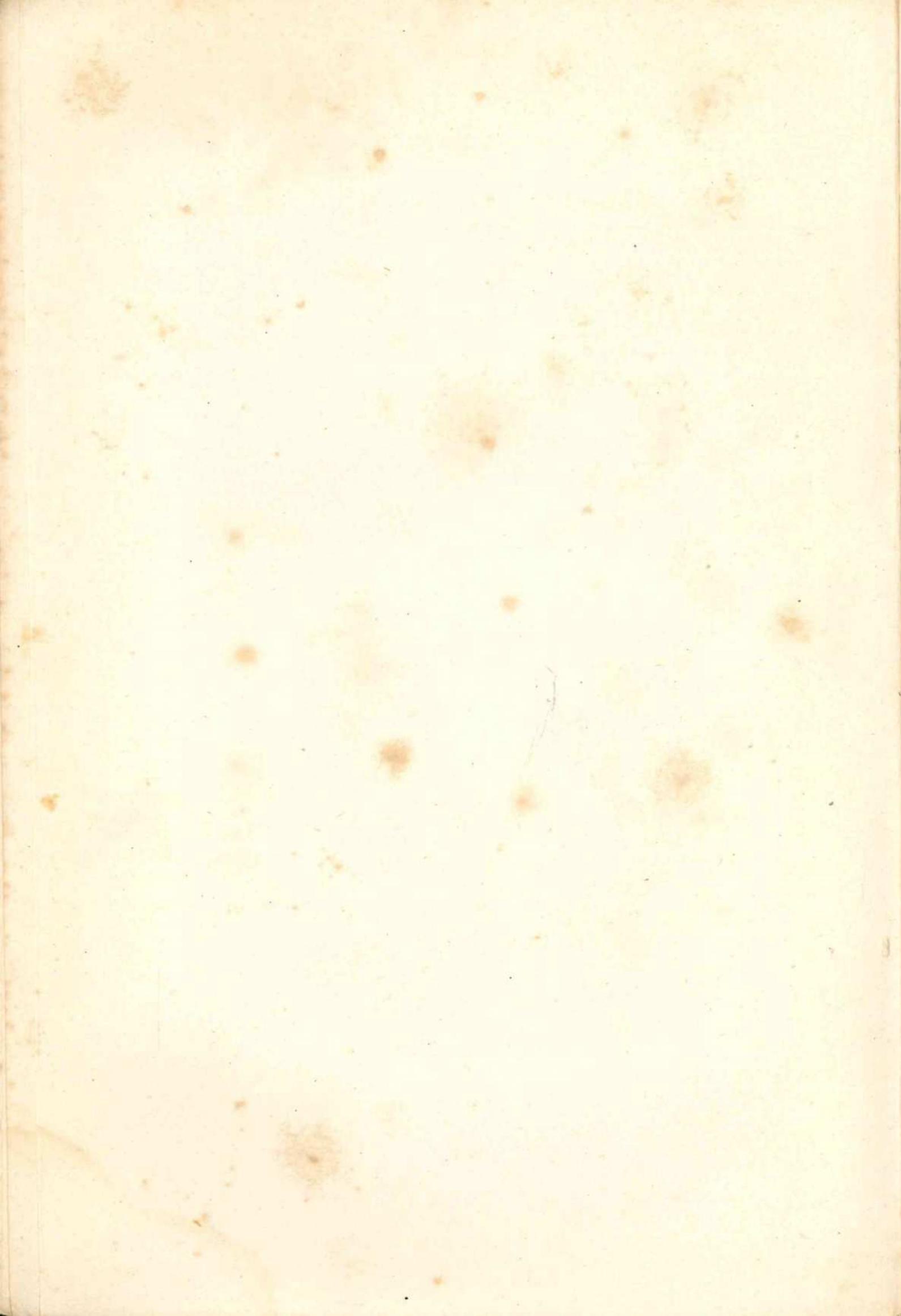
Braga conserva ainda em algumas das suas velhas ruas o aspecto mourisco que mais particularmente distingue Guimarães.

A igreja da Sé bracarense, a que estão ligadas muitas recordações historicas, é um dos mais espaçosos templos de Portugal. Junto do altar-mór estão sepultados o conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza, ascendencia da primeira dynastia portugueza. Na igreja do cemiterio acha-se o corpo de S. Geraldo, padroeiro da cidade, e dizem jazer as cinzas de Martim de Freitas, o honrado e fiel alcaide de Coimbra, que foi a Toledo depositar sobre o tumulo do seu rei as chaves do castello confiado á sua guarda.

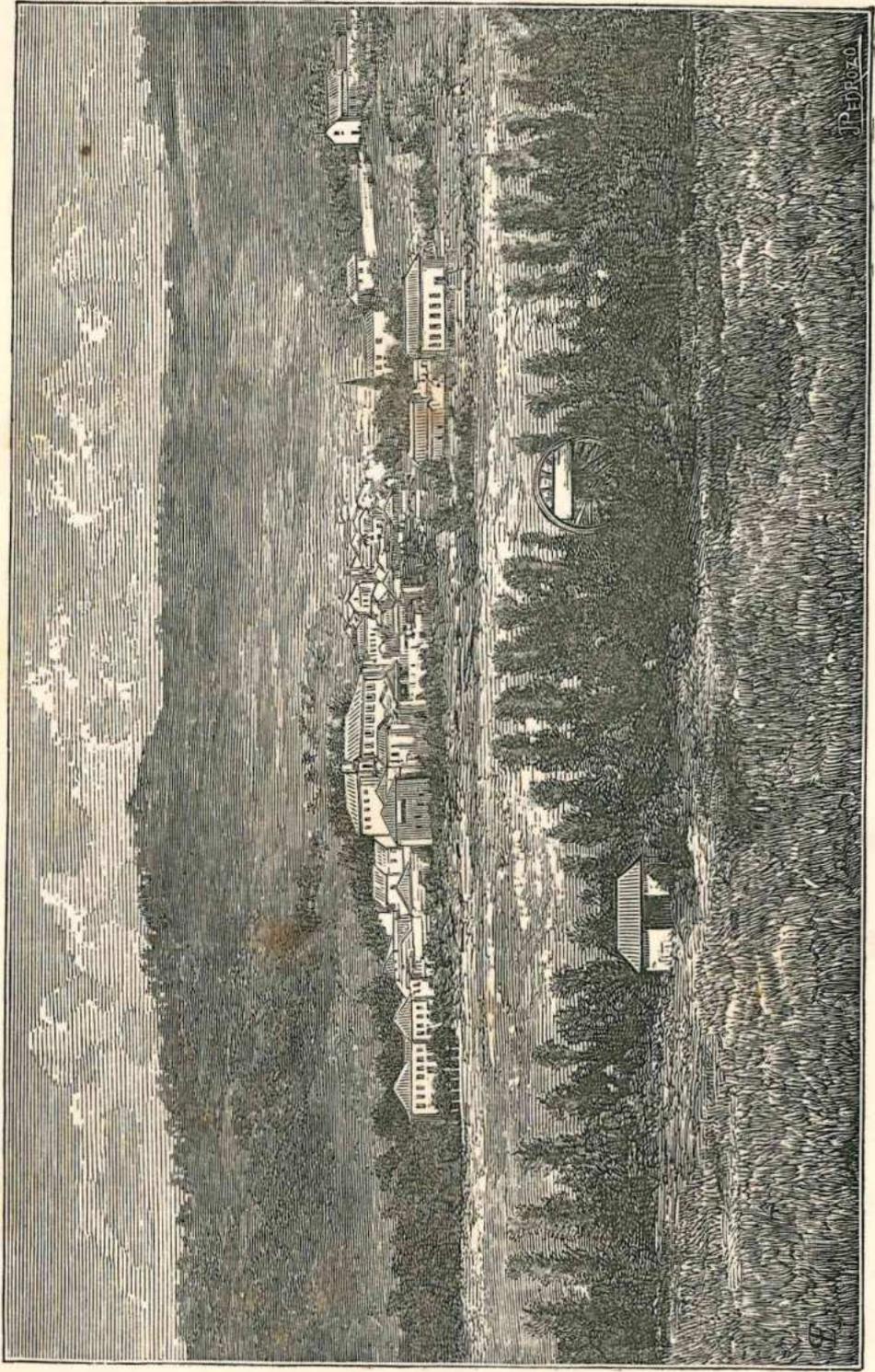
Em differentes capellas da Cathedral estão sepultados o arcebispo D. Lourenço, que pelejou em Aljubarrota; Santo Ovidio; D. Afonso, filho de D. João I; S. Pedro de Rates, primeiro prelado de Braga; S. Martinho Dumiense.

Braga ufana-se com a série dos homens illustres que n'ella occuparam a cadeira metropolitana, entre os quaes figuram o cardeal-rei D. Henrique, S. Torcato, S. Victor, o papa João XXII, D. Balthasar Limpo, frei Bartholomeu dos Martyres e frei Caetano Brandão.







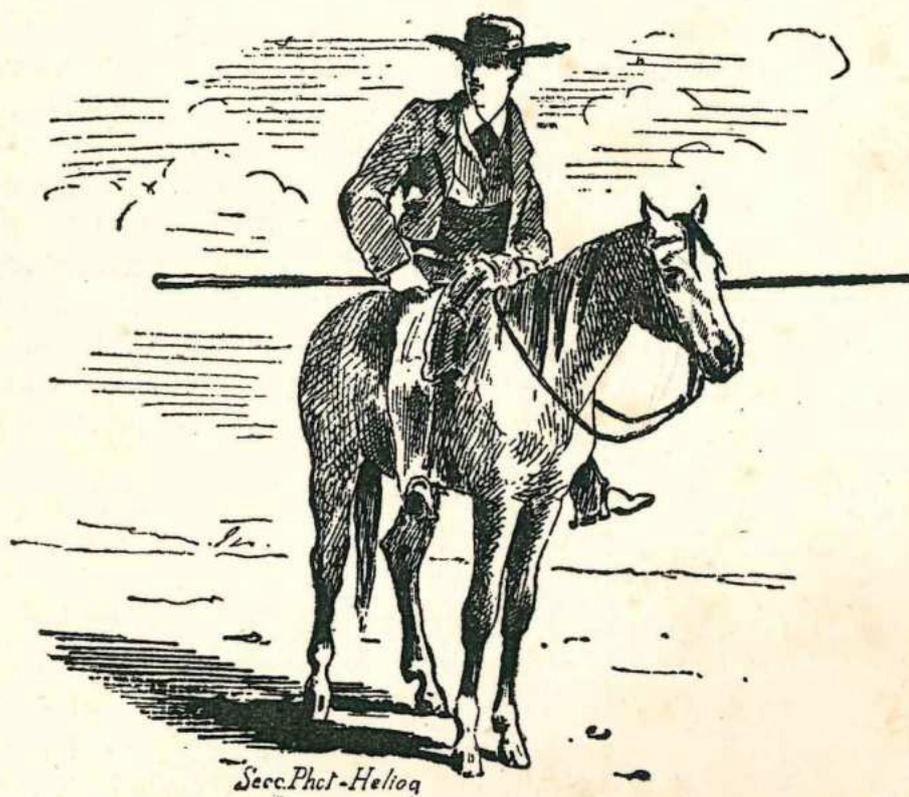


S. PEDRO DO SUL

# PROVINCIA DA BEIRA

---

## CALDAS DE S. PEDRO DO SUL



Estas Caldas estão situadas a 17 kilometros ao norte de Vizeu entre as villas de Vouzella e de S. Pedro do Sul, junto da margem do Vouga, em uma das regiões mais amenas, não só da provincia da Beira, mas do paiz.

S. Pedro do Sul, quando eu o vi, pareceu-me um verdadeiro paraizo. Foi ha quatorze annos. A linha ferrea do Norte ainda não passava do Carregado para cima. Quem vinha do Porto a Vizeu, ou deixava a estrada real de Lisboa em Albergaria e atravessava a serra das Talhadas, ou cortava, em Oliveira de Azemeis pouco mais ou menos, pelo Rego de Chave. Era este ultimo caminho o que eu tinha seguido. A estrada era impraticavel por outro modo de locomoção que não fosse a cavallo, e no Rego de Chave o carreiro, aberto em torno da rocha cortada a pique sobre o abysmo, era de tal modo aspero e estreito, que a maior parte dos cavalleiros apeavam-se.

Nas curvas do caminho, os cavallo, encostados ao monte, subindo lentamente, com as correias do peitoral retesadas, o cavalleiro debruçado sobre a clina, estacavam ás vezes por momentos com uma pata na rocha e a outra suspensa no espaço. Então percorria a espinha um calefrio desagradavel, porque mais de uma récua de machos conduzida por almocreves tinha n'esse ponto dobrado no ar com as respectivas cargas, indo desfazer-se em estilhas pelas escarpas até o fundo do despenhadeiro.

Ao chegar a S. Pedro do Sul eu descia pois de Manhouce. Tinha atravessado a Gralheira, a Farrapa, Albergaria das Cabras e a Trapa, onde S. Bernardo fundára um convento de benedictinos.

Dormia-se geralmente nos palheiros sobre um feixe de colmo, ou nas mesmas estrebarias, enrolado n'um cobrejão, a um canto da manjadoura, ao bafo morno do cavallo que levantava tranquilamente a sua ração, ouvindo-se assobiar o vento da serra pelas fendas do muro.

A paisagem n'esta região é agreste, dura, de um grande ar melancolico e austero. Pequenas igrejas ou capellas solitarias, de grossas portas cravejadas como as das fortalezas, no meio de duas pequenas janellas gradeadas de ferro; ao lado o sino encasado na cavidade de um pequeno arco, tendo a sua cadeia de ferro pendente. Rebanhos de ovelhas, de um amarello sujo, da côr do solo, conduzidos por uma mulher vestida de serapilheira com polainas de briche esfarpadas e engelhadas sobre as tamancas, ou por um pastor, de grande cajado, com calções de pelle de cabra.

De longe a longe os casaes, de humildes habitações terreas, tendo ao lado o pequeno talhão de horta em que vegetam rachiticamente algumas couves resignadas e amarellecidas; e as velhas vivendas senhoriaes, com uma grade de ferro carcomida, á sombra da copa de um chorão escalavrado, deixando vêr o pateo coberto de ortigas e a casa abandonada, ao fundo, com um brazão d'armas

esmoucado e paredes escuras fendidas por uma rachadura esverdinhada e recurva como o vestigio de um enorme lagarto.

Era em setembro. O tempo estava descoberto e sêcco nas planícies, com um sol equinoxial e mordente; mas no alto dos montes havia uma neblina espessa e penetrante. Tinha-me molhado e enxugado successivamente por diferentes vezes. Trazia a pelle da cara dolorida e os beiços gretados, quando ao cahir da tarde cheguei a S. Pedro do Sul.

Que refrigerio! que grande amenidade! que brandura! Um valle recolhido e abrigado pelo monte Lafão, de uma temperatura tepida, refrigerada pela corrente do Vouga, que corre em varias quédas, ouvindo-se por toda a parte o marulho doce das aguas jogadas nos açudes. A povoação tem casas muito agradaveis e uma hospedaria, onde dormi em boa cama, e em que me serviram um delicioso prato de pimentos com batatas e tomate, excellente vinho e uvas incomparaveis, as uvas de Vizeu, que — para comer — são preferiveis ás melhores do Douro.

A agua mineral rompe em um grande jorro no sitio chamado o Banho. Algumas outras nascentes brotam no alveo do rio e só estão a descoberto no verão durante a estiagem. Esta agua é a mais thermal do paiz. O snr. João Baptista Schiappa de Azevedo consagra-lhe, no seu relatorio dirigido ao governo, as linhas seguintes:

A sua temperatura é de 69°, e foi observada um pouco distante da nascente, porque não era possivel penetrar na *arca* de cantaria em cujo solo ella emerge. É perfeitamente diaphana e tem o cheiro do gaz sulphydrico. Só a quarenta metros da nascente observei a formação de confervas com a fórma de crustas de côr verde escura ou avermelhada: é muito para notar tambem a deposição do enxofre pulverulento, semelhante á flôr de enxofre do commercio. A agua é encanada na extensão de 100 metros para alimentar um estabelecimento que alli existe, hoje renovado em parte. O antigo hospicio militar e as duas grandes piscinas para enfermos de ambos os sexos estão abandonadas. A agua é resfriada em dois tanques proximamente quadrados, com 8<sup>m</sup>,45 de lado cada um, e d'ahi conduzida para as dezeseis banheiras que actualmente servem, das quaes oito estão em quartos isolados, e outras oito distribuidas duas a duas.

No rio os quartos de banho em numero de seis são barracas moveis, e a agua para estes é misturada com agua doce para obter a temperatura conveniente.

Como se vê d'esta breve descripção, uma parte dos principios

mineralisadores e principalmente o gaz sulphydrico, tem quasi totalmente desaparecido, por este modo de resfriamento, quando a agua chega a ser utilizada.

Se as estatisticas medicas confirmarem a energia dos effeitos d'estas aguas, comprehende-se bem qual devera ser a actividade dos exforços a empregar para obter o seu resfriamento pelos meios que a sciencia aconselha para a conservação dos principios efficazes. Esses meios são na verdade dispendiosos, mas bem justificaveis pela utilidade do fim. Se é grande a vantagem de dispôr de agua em Moledo, que não necessita ser aquecida nem esfriada, tambem a grande thermalidade pôde, como no caso presente, ter uma compensação nos diversos modos de applicação que a medicina actual instantemente recommenda em algumas affecções.

A nascente principal — termina o snr. Schiappa — foi por mim avaliada em 410:000 litros em vinte e quatro horas: o dispendio total deve subir a 460:000 litros.

Da composição chimica d'estas aguas diz o snr. Agostinho Vicente Lourenço que são limpidas, com gosto e cheiro muito pronunciados a acido sulphydrico. 1:000 grammas de agua contêm 0<sup>gr</sup>,0014 de acido sulphydrico e 0<sup>gr</sup>,315 de residuo solido, que é principalmente formado de sulphatos, chloruretos e silicatos alcalinos de cal e magnesia e pequenas quantidades de ferro e alumina.

A viagem faz-se commodamente de Vizeu em carruagem.

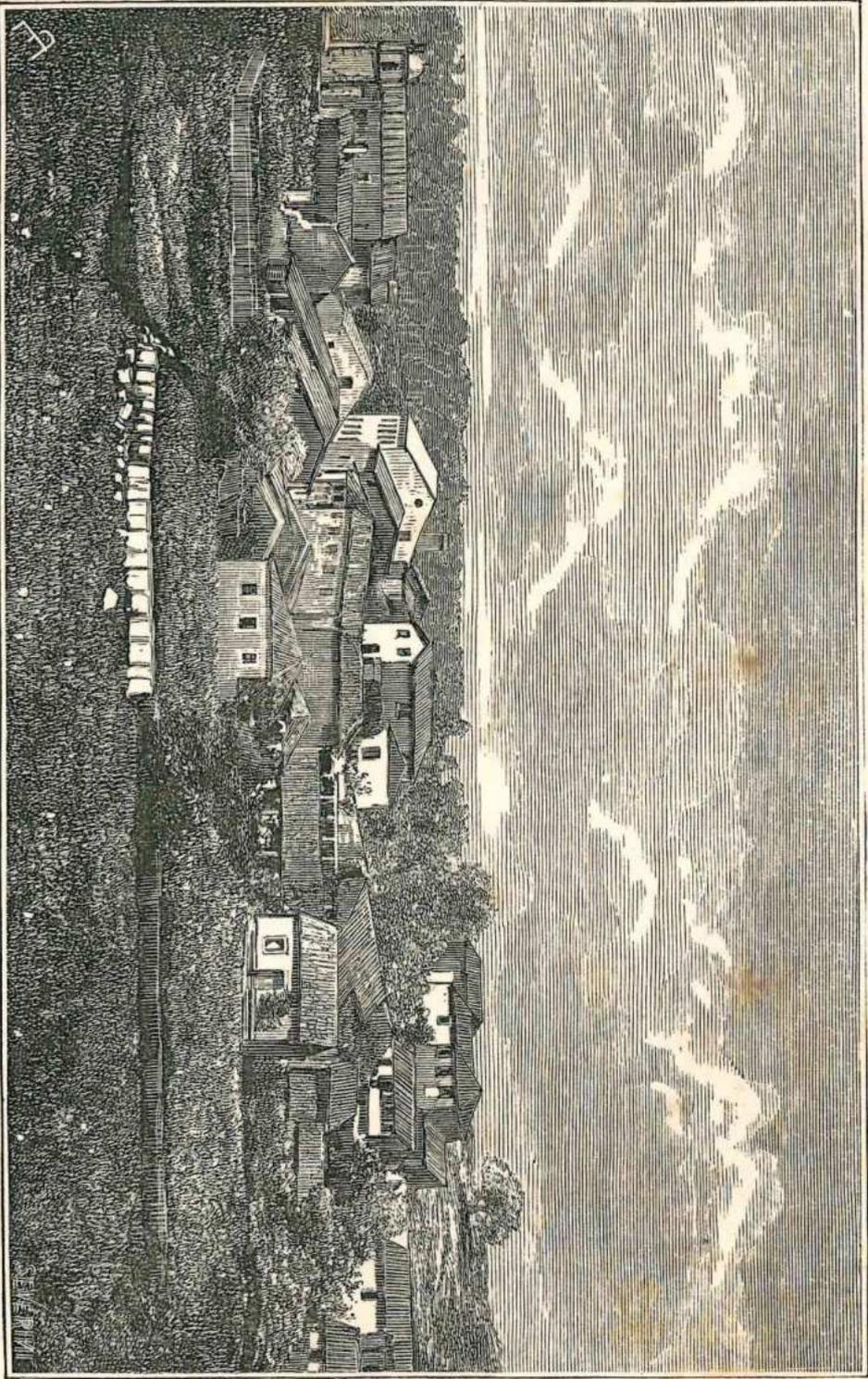
Nas Caldas de S. Pedro do Sul tomou banhos D. Affonso Henriques, o qual segundo a tradição lhe dotou um Reguengo de cujos rendimentos se pagavam os medicos e mais pessoas empregadas n'estas Caldas. No estabelecimento das aguas ainda não ha muito havia, e não sabemos se ainda hoje se conserva, um compartimento chamado o banho de El-Rei.

---

## AGUAS DO LUSO

Estão situadas na vertente occidental da serra do Bussaco, na povoação que lhes dá o nome, a distancia de 16 ou 17 kilometros de Coimbra. As condições do logar e a extrema commodidade da communicação com este sitio a pequena distancia da estação do caminho de ferro (Mealhada), com uma bella estrada percorrida por

LUSO





diligencias e *chars-à-bancs*, tornam o Luso uma das terras d'aguas mais concorridas. Tem dois hoteis regularmente montados, e magnificos passeios, entre os quaes o da serra do Bussaco.

Luso compõe-se de tres grupamentos de habitações: o Alto do Bodo, Luso d'Alem e Luso da Igreja.

O Alto do Bodo ou rua de Costa Simões principiou a edificar-se em 1849 por iniciativa e diligencias do snr. Costa Simões, ao qual se deve o estabelecimento dos banhos construido por uma companhia no referido anno de 1849.

A sociedade que contractou com a municipalidade da Mealhada a exploração das aguas de Luso devolveu áquelle municipio o estabelecimento thermal depois do reembolso dos capitaes dispendidos e de um juro annual de 5 por cento durante o praso da exploração por conta da companhia.

O edificio dos banhos, muito bem montado, consta de uma sala de recepção e de descanso, a casa da machina de vapor empregada no aquecimento da agua e de nove quartos com duas banheiras cada um.

Ha um gabinete de leitura, e na sala do estabelecimento reu-nem-se á noite os banhistas, que têm para esse fim uma assignatura especial.

Foi o medico José Antonio Moraes, morador nas immediações de Luso, no lugar da Lameira de S. Pedro, quem nos meados do seculo passado começou a adoptar estas aguas entre os meios therapeuticos. Ácerca d'ellas escreve o snr. Agostinho Vicente Lourenço que são muito pouco mineralizadas, limpidas, leves, sem cheiro nem sabor, e contêm por 1:000 grammas de agua 0<sup>gr</sup>,05917 de residuo solido, formado de silica, chloruretos alcalinos, saes calcareos e magnesianos e muito pequenas quantidades de alumina e ferro. A sua temperatura é de 25° c.

A estrada que desce do Alto do Bodo para o estabelecimento dos banhos leva á entrada da matta do Bussaco pela porta chamada de Luso.

O Bussaco é hoje a mais nutrida floresta de Portugal; e para que a parte da serra em que ella existe seja o mais aprasivel tracto do solo portuguez basta a magestade das vegetações e a dos largos e incomparaveis pontos de vista, de cuja religiosa amplidão dizia Frei Bartholomeu dos Martyres: «Isto, irmãos meus, é já um conversar com Deus, uma prelibação da eternidade.»

Além da grande obra da natureza, o Bussaco tem o seu interessante convento cheio de sombra, de recolhimento ascetico, de antigos retratos de monges, de velhas legendas mysticas.

Em um angulo do claustro estão gravadas estas palavras: *Todos estes desgraçados, que soffreram no ermo, estão com Deus. Pater noster.*

Por baixo d'essas linhas escreveu mão feminina as seguintes palavras melancolicas como o deslizar de uma lagrima: *Só eu ainda vivo! Ermelinda.*

Pobre Ermelinda! Tu és nova e fina, como se vê pela fôrma elegante do teu miudo e firme cursivo inglez. Tens saude, porque sem isso não estarias no alto do Bussaco nem te viria a fantasia de escrever a tua linha sentimental por baixo d'aquella palavra mystica. Porque queres tu morrer, Ermelinda?

Cara amiga desconhecida, tu queres morrer simplesmente porque és romantica. Por isso trazias de proposito a tua pequenina lapizeira de plaqué para commentar por escripto a melancolia dos monges, menos profunda que a tua. Trazias a lapizeirinha — symptoma terrivel!

Boa Ermelinda, o que tu padeces é o *lamartinismo*, a doença sentimental de nossos paes, que substituiu o *flato*, o bom *flato* antigo, o qual tantos copos d'agua com flôr de laranja custou a nossas avós.

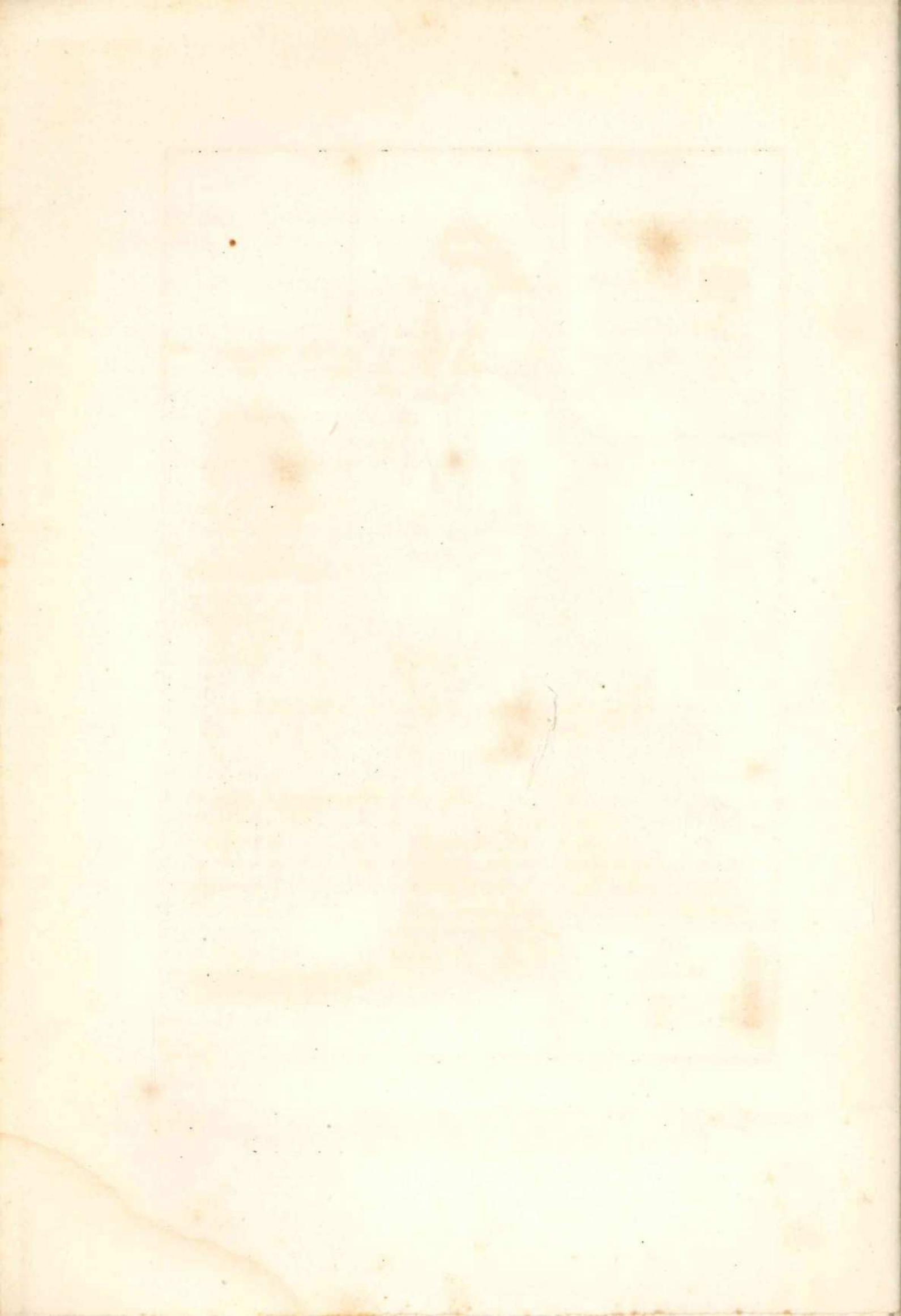
O *lamartinismo* é um terrivel mal litterario que ataca principalmente os anemicos e os lymphaticos. Toma ferro, querida, come *roast-beef*, adopta as grandes abluções d'agua fria. Se o mundo, tal como elle é, com as coisas bôas e as coisas más de que elle consta não satisfaz o teu ideal, cura o teu ideal como o teu temperamento.

Este mesquinho mundo, que te parece tão estreito, dá margem para as mais elevadas aspirações da nossa alma. A felicidade consiste em acharmos na vida um destino e em o cumprirmos sempre com dedicação, e quando fôr preciso — com sacrificio. Desde que a nossa existencia se consagra a um fim util — não digo a um fim brilhante — a somma de felicidade que o mundo póde repartir a cada homem basta para a nossa satisfação. Byron, o altivo chefe da escola dos desdenhosos e dos enfastiados, comprehendeu a final que era o sacrificio por uma ideia elevada o que faltava á sua existencia e acabou por curar o seu *spleen* indo bater-se pela liberdade dos gregos. Procura tambem tu, Ermelinda; e não deixarás de readquirir o gosto da vida, encontrando um ente vivo, uma ideia, um principio, uma obra a que consagres essa existencia, que deixará de te pesar logo que deixe de te ser inutil.

Os retratos de alguns dos monges têm transcripta na tela a divisa escolhida pelo original.



COMBOYO DE CONVALESCENÇA—DE CASA  
 DA ALINE ÀS AGUAS DO LUZO



No quadro de que sobresae o rosto macerado de Frei Lourenço de S. Thomaz, lê-se: *Um momento dura o deleite; uma eternidade o tormento.*

Ao lado do retrato de Frei Angelo de Jesus acha-se este distico: *Encaminhem-se as almas para alcançar o eterno.*

As cellas dos antigos solitarios são hoje habitadas durante a estação calmosa por alegres viajantes que ahi vão fazer a sua convalescença ou a sua villagiatura. Á noite chegam banhistas do Luso, organisam-se *soirées*, e na casa do Senhor — *Domus mea, domus orationis* — gira a walsa e dança-se o *cotillon*, que muitas vezes termina de madrugada.

O Bussaco está cheio de recordações, e a sua historia é assinalada por muitas datas memoraveis.

No seculo xi foi a matta comprehendida na doação do convento da Vacariça feita ao bispo de Coimbra. No seculo xvi desejando a madre Santa Thereza de Jesus reformar a ordem das Carmelitas restituindo-a á sua primitiva pureza, procurou cada provincia fundar o seu carmelo, e foi para estabelecer a casa provincial da penitencia em Portugal que a ordem obteve no seculo seguinte a doação da matta do Bussaco feita em 1628 pelo bispo D. João Manoel. Foi n'esse mesmo anno que teve principio a edificação do convento sob a direcção do prelado frei Thomaz de S. Cyrillo.

Em 1643 expediu o papa Urbano viii uma bulla especial interdizendo com pena de excommunhão todo aquelle que sem permissão do prior do convento cortasse qualquer arvore na matta do Bussaco.

Desde 1760 até 1777 estiveram desterrados no Bussaco os meninos da Palhavã.

No dia 19 de setembro de 1810 chegou ao Bussaco lord Wellington, destinando-se a cortar o passo ao exercito francez, que se dirigia de Almeida para Coimbra e Lisboa. No dia 27 deu-se a batalha, retirando lord Wellington para a margem esquerda do Mondego. Os cenobitas do Bussaco abandonaram o convento n'esse meio tempo, deixando a casa entregue a dois padres e um leigo.

Foram esses tres varões de nome ignorado, benemeritos da humanidade e da civilisação, que levantaram os feridos francezes, que os recolheram no seu convento, convertido pela religião e pela caridade portugueza em hospital de sangue do inimigo, e ahi com risco das suas proprias vidas, os tres monges venerandos, jacobinos sublimes, salvaram do furor das represalias populares a vida de sessenta soldados invasores.

Nos fastos do heroismo nacional em lucta com a invasão na-

poleonica deve incluir-se esta pagina de ouro: «No convento do Bussaco sessenta francezes, destroçados e feridos, foram defendidos da terrivel colera popular por tres homens, nos quaes o burel do carmelita cobria corações em que pulsava o amor universal, fonte da eterna liberdade.»

Extinctas as ordens religiosas o convento e cerca do Bussaco foram pelo decreto de 30 de maio de 1834 incorporados nos bens nacionaes e passaram depois para a administração geral das mattas do reino, datando d'esta epocha todos os modernos trabalhos de silvicultura e de viação florestal.

Na serra ha uma fonte de agua ferrea e fria, sem acido sulphydrico. 1:000 grammas de agua deixam 0<sup>gr</sup>,1134 de residuo solido, formado de sulphatos e chloruretos alcalinos, silica, phosphato de ferro e alúmina e saes calcareos e magnesianos.

Em Luso ha uma fonte, semelhante á do Bussaco, cuja nascente foi descoberta junto dos banhos por occasião das obras da construcção do edificio.

---

## AGUAS DE FELGUEIRAS

Estão situadas no lugar de Felgueiras, a 500 metros ao norte da margem direita do Mondego, a dois kilometros de Cannas de Senhorim. Brotam n'uma collina a cerca de 600 metros de um ribeiro. São limpidas e têm o cheiro do gaz sulphydrico. 1:000 grammas d'esta agua deixam pela evaporação, segundo o snr. Agostinho Vicente Lourenço, 0<sup>gr</sup>,34467 de residuo solido, formado principalmente de sulphatos e chloruretos alcalinos de cal e magnesia, silica e pequenas quantidades de ferro e alúmina. A temperatura varia entre 32° e 35° c. O volume é calculado em 50:000 litros em 24 horas.

Ha um pequeno estabelecimento de banhos, extremamente modesto, com pequenos quartos, para cujas banheiras a agua é conduzida por canos abertos.

Felgueiras tem muito pouca importancia geographica e não offerece distracções.

O transporte dos concorrentes póde ser feito em carruagens ou em diligencias diarias que fazem carreira entre a Mealhada e

Mangualde. As pessoas que se dirigem a Felgueiras apeam em Nellas e seguem d'ahi a cavallo até o seu destino, percorrendo seis kilometros.

É muito notavel e digna de ser visitada em Mangualde a antiga quinta chamada dos Paes.

---

## CALDAS DE AREGOS

O relatorio do snr. Schiappa de Azevedo consagra a estas Caldas as linhas seguintes:

A povoação de Aregos assenta em duas collinas sobre a margem esquerda do Douro, entre as quaes passa um ribeiro affluente d'este rio. Pertence á freguezia de Miomães, e dista de Lamego 18 kilometros para o poente do Porto, 48 kilometros para ESE., e 25 de Penafiel para o sul.

As origens sulphurosas e thermaes emergem na vertente esquerda do ribeiro proximo á povoação, e a 300 metros da margem do Douro.

Estes banhos, que parece terem gosado de alto favor em tempos passados, hoje são apenas albergues que convem não descrever. Pertencem aos povos do concelho, e esta circumstancia junta com a falta de communicações e proximidade das Caldas de Moledo explicam os poucos cuidados que esta estação thermal tem merecido.

O tanque da Albergaria deriva o seu nome do edificio contiguo, mandado construir no seculo XII pela infanta portugueza Santa Mafalda, com a obrigação de estarem sempre promptas duas camas para pobres. Ainda hoje é mantida esta condição pelo actual proprietario do edificio.

São numerosas as nascentes, algumas abundantes, muitas não aproveitadas. Entre ellas avulta a que vae lançar-se no pequeno ribeiro das Caldas, e de que os habitantes tiram um grande partido na sua economia domestica, aproveitando a alta temperatura em que ella brota. O dispendio d'esta nascente sobe a 65:000 litros em vinte e quatro horas, e a sua temperatura é de 60° centigrados, observada no extremo do canal que a conduz ao rio.

Uma nascente ha pouco descoberta, junto do tanque da Alber-

garia produz no mesmo tempo 35:000 litros. A somma total das nascentês pôde computar-se em um volume de 300:000 litros.

A temperatura da agua no tanque da Albergaria é de 57°, a da nascente contigua 56°. Em ambas a agua é limpida e tem o cheiro do gaz sulphydrico. Na primeira d'estas nascentes a agua é acompanhada pela evolução intermitente de gaz em pequenas bolhas; na segunda não se observa este phenomeno.

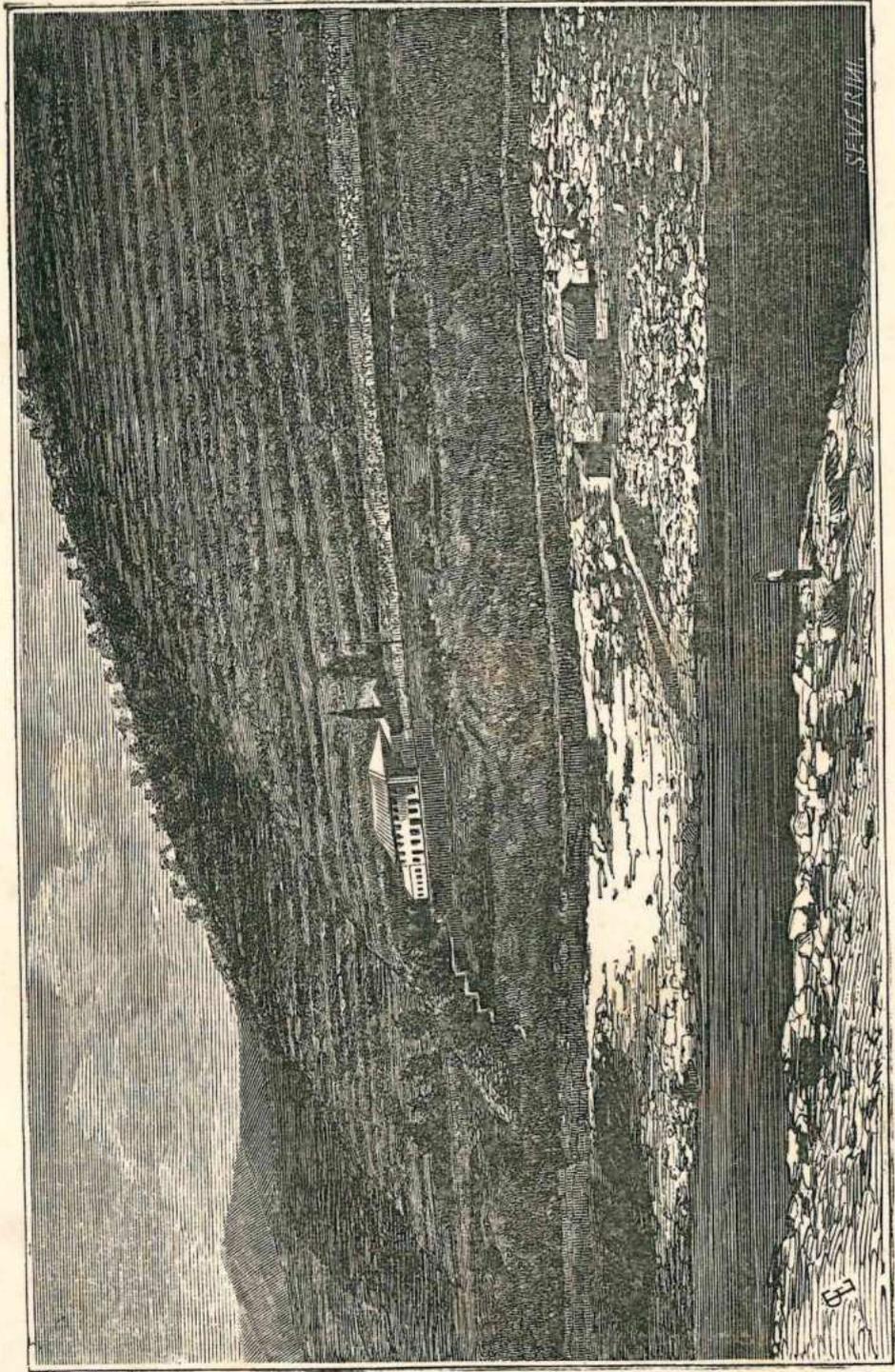
A temperatura que annunciei em uma das nascentes torna estas aguas eminentemente aptas para o estabelecimento de estufas ou *vaporarium*. Por outro lado, a posição das nascentes accomoda-se singularmente á construcção de um edificio balneario. O mau estado da viação difficulterà ainda por muito tempo a utilisacção d'estas vantagens.

1:000 grammas da agua de Aregos contêm 0<sup>gr</sup>,00235 de acido sulphydrico e 0<sup>gr</sup>,290 de residuo solido, composto de silica, sulphatos e chloruretos alcalinos, saes calcareos e magnesianos e mui pequenas quantidades de ferro e alúmina.



Secc. Phot.-Heliog





CALDAS DO MOLEDO

# PROVINCIA DE TRAZ-OS-MONTES

---

## CALDAS DE MOLEDO

As Caldas de Moledo, da Carvaceira, ou da Rede, brotam na quinta de Moledo, na margem direita do Rio Douro, freguezia de Oliveira, concelho de Mezão-frio. A povoação de Moledo, que fica ao nascente do ponto em que brotam as aguas, pertence á freguezia de Fontellas, concelho do Pezo da Regoa, districto de Villa-Real.

Estas aguas podem considerar-se divididas em tres grupos. Ao primeiro grupo pertencem as aguas da Mina-Nova e da Mina-Antiga; ao segundo as tres nascentes da Lameira; ao terceiro as cinco fontes thermaes chamadas do Rio, as quaes, apesar de mais juntas do rio, permitem o uso dos banhos sempre que as grandes cheias não impedem a navegação do Douro.

Ha ainda uma outra nascente, pouco abundante, de agua temperada.

As nascentes thermaes que rebentam junto do rio dispendem 85:000 litros de agua em 24 horas. As nascentes da Lameira produzem no mesmo tempo 60:000 litros. O dispendio das nascentes da Estrada é de 105:000 litros. A nascente do banho 28, na Lameira, fornece só de per si o volume de agua necessaria para funcionarem conjunctamente tres banheiras.

Sobre as Caldas de Moledo existe um importante livro devido aos estudos d'estas aguas feitos pelos snrs. Miguel Leite Ferreira Leão, director do laboratorio chimico da Universidade de Coimbra, Francisco Antonio Alves e Lourenço de Almeida Azevedo, lentes cathedraes de medicina na mesma universidade. É do referido trabalho, feito com grande esmero scientifico, que extrahimos os seguintes mappas sobre a gradação média de cada uma das nascentes dos tres grupos em que se dividem as fontes thermaes de Moledo e da respectiva analyse chimica.

## ANALYSE SULPHYDROMETRICA DAS AGUAS MINERAES DE MOLEDO

AGUA: UM LITRO

N.º de ordem	Designação das nascentes	Pressão atmosférica (correcta da capilla- ridade)	Temperatura do ar à sombra (graus centesimaes)	Temperatura da agua (graus centesimaes)	Graus sulphydrometri- cos	Gr. sulph. indicadores do enxofre no estado de sulphureto	Gr. sulph. indicadores do acido sulphydrico	Enxofre total gram.	Enxofre no estado de sulphureto gram.	Acido sulphydrico	
										em pezo gram.	em volume a 0 <sup>m</sup> ,76 de pressão cc.
1	Mina-nova da Estrada....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	36 <sup>o</sup> ,3	8 <sup>o</sup> ,8	7 <sup>o</sup> ,4	1 <sup>o</sup> ,4	0,011206	0,009423	0,001893	1,224053
2	Mina-antiga da Estrada....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	36 <sup>o</sup> ,8	8 <sup>o</sup> ,6	6 <sup>o</sup> ,3	2 <sup>o</sup> ,3	0,010952	0,008022	0,003110	2,010947
3	Banho fresco da Lameira..	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	32 <sup>o</sup> ,3	3 <sup>o</sup> ,4	2 <sup>o</sup> ,8	0 <sup>o</sup> ,6	0,004319	0,003565	0,000811	0,524594
4	Banho 28 da Lameira....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	38 <sup>o</sup> ,3	9 <sup>o</sup> ,2	7 <sup>o</sup> ,2	2 <sup>o</sup> ,0	0,011717	0,009168	0,002705	1,748648
5	Banho contraf. da Lameira	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	38 <sup>o</sup> ,8	9 <sup>o</sup> ,2	8 <sup>o</sup> ,0	1 <sup>o</sup> ,2	0,011717	0,010188	0,001622	1,049188
6	Banho do Rio (A).....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	38 <sup>o</sup> ,8	9 <sup>o</sup> ,8	6 <sup>o</sup> ,4	3 <sup>o</sup> ,4	0,012481	0,008150	0,004598	2,972702
7	Banho do Rio (B).....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	38 <sup>o</sup> ,8	9 <sup>o</sup> ,6	6 <sup>o</sup> ,6	3 <sup>o</sup> ,0	0,012227	0,008405	0,004057	2,622973
8	Banho do Rio (C).....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	38 <sup>o</sup> ,8	9 <sup>o</sup> ,8	6 <sup>o</sup> ,4	3 <sup>o</sup> ,4	0,012481	0,008150	0,004598	2,972702
9	Banho forte do Rio.....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	39 <sup>o</sup> ,3	9 <sup>o</sup> ,6	6 <sup>o</sup> ,8	2 <sup>o</sup> ,8	0,012227	0,008659	0,003787	2,448107
10	Banho oleoso ou contrafor- te do Rio.....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	38 <sup>o</sup> ,3	9 <sup>o</sup> ,4	6 <sup>o</sup> ,0	3 <sup>o</sup> ,4	0,011972	0,007641	0,004598	2,972702
11	Agua temp. do Rio.....	756,1	25 <sup>o</sup> ,8	25 <sup>o</sup> ,3	9 <sup>o</sup> ,0	6 <sup>o</sup> ,6	2 <sup>o</sup> ,4	0,011463	0,008405	0,003246	2,098377

## COMPOSIÇÃO CHIMICA DAS AGUAS DA MINA-ANTIGA DA ESTRADA

## AGUA: UM LITRO

Temperatura.....	36°,8 C.
Graus sulphydrometricos (na origem, e á pressão de 756 <sup>mm</sup> ,1) .....	8°,6
<b>PRINCIPIOS FIXOS</b>	
	gram.
Sulphato de soda .....	0,035537
Chlorureto de sodio .....	0,058797
Bicarbonato de soda.....	0,063075
Mono-sulphureto de sodio.....	0,020317
Bicarbonato de cal .....	0,009774
Bicarbonato de protoxido de ferro.....	0,006789
Bicarbonato de magnesia .....	0,001525
Silicato de alumina.....	0,006251
Silica.....	0,057915
Materias organicas azotadas.....	quant. indet.
Total dos principios fixos determinados.....	0,259980
<b>GAZES EM DISSOLUÇÃO</b>	
(Temp. = 0°. Pressão = 0 <sup>m</sup> ,76)	
	cc.
Acido sulphydrico .....	1,90
Acido carbonico } .....	15,70
Oxygenio .....	
Azoto .....	
Somma total dos gazes em dissolução.....	17,60

COMPOSIÇÃO CHIMICA DAS AGUAS DO BANHO CONTRAFORTE  
DA LAMEIRA

AGUA: UM LITRO

Temperatura . . . . .	38°,8 C.
Graus sulphydrometricos (na origem, e á pressão de 756 <sup>mm</sup> ,1). . . . .	9°,2
PRINCIPIOS FIXOS	
	gram.
Sulphato de soda. . . . .	0,043743
Chlorureto de sodio . . . . .	0,037074
Carbonato de soda. . . . .	0,048209
Mono-sulphureto de sodio . . . . .	0,027863
Silicato de soda. . . . .	0,071244
Bicarbonato de cal . . . . .	0,016068
Bicarbonato de magnesia. . . . .	0,004765
Alúmina e vestigios de peroxydo de ferro . . . . .	0,001683
Materias organicas azotadas . . . . .	quant. indet.
Total dos principios fixos determinados. . . . .	0,250649
GAZES EM DISSOLUÇÃO	
(Temp. = 0°. Pressão = 0 <sup>m</sup> ,76)	
	cc.
Acido sulphydrico. . . . .	0,99
Acido carbonico } . . . . .	18,20
Oxygenio. . . . .	
Azoto . . . . .	
Somma total dos gazes em dissolução. . . . .	19,19

COMPOSIÇÃO CHIMICA DAS AGUAS DO BANHO OLEOSO  
OU CONTRAFORTE DO RIO

AGUA: UM LITRO

Temperatura.....	38°,3 C.
Graus sulphydrometricos (na origem, e á pressão de 756 <sup>mm</sup> ,1).....	9°,4
<b>PRINCIPIOS FIXOS</b>	
	gram.
Sulphato de soda.....	0,010189
Chlorureto de sodio.....	0,035038
Bicarbonato de soda.....	0,134564
Mono-sulphureto de sodio.....	0,015320
Bicarbonato de cal.....	0,004869
Bicarbonato de magnesia.....	0,001159
Silica.....	0,013200
Alumina e peroxydo de ferro.....	indicios
Materias organicas azotadas.....	quant. indet.
Total dos principios fixos determinados.....	0,214339
<b>GAZES EM DISSOLUÇÃO</b>	
(Temp. = 0°. Pressão = 0 <sup>m</sup> ,76)	
	cc.
Acido sulphydrico.....	2,81
Acido carbonico.....	0,30
Oxygenio.....	3,40
Azoto.....	23,00
Somma dos gazes em dissolução.....	29,51

\*

COMPOSIÇÃO CHIMICA DAS AGUAS DA MINA-ANTIGA DA ESTRADA,  
DO BANHO CONTRAFORTE DA LAMEIRA E OLEOSO OU CONTRA-  
FORTE DO RIO

AGUA: UM LITRO

	Mina-antiga da Estrada	Banho contraforte da Lameira	Banho contraforte do Rio
Temperatura. . . . .	36°,8 C.	38°,8 C.	38°,3 C.
Graus sulphydrometricos (na origem). . . . .	8°,6	9°,2	9°,4
PRINCIPIOS FIXOS			
	gram.	gram.	gram.
Sulphato de soda. . . . .	0,035537	0,433743	0,010189
Chlorureto de sodio. . . . .	0,058797	0,037074	0,035038
Bicarbonato de soda. . . . .	0,063075	»	0,134564
Carbonato de soda. . . . .	»	0,048209	»
Mono-sulphureto de sodio	0,020317	0,027863	0,015320
Silicato de soda. . . . .	»	0,071244	»
Bicarbonato de cal. . . . .	0,009774	0,016068	0,004869
Bicarbonato de protoxydo de ferro. . . . .	0,006789	»	»
Bicarbonato de magnesia.	0,001525	0,004765	0,001159
Silicato de alumina. . . . .	0,006251	»	»
Silica. . . . .	0,057915	»	0,013200
Alumina e indicios de per- oxydo de ferro. . . . .	»	0,001683	indicios
Materias organicas azotad.	quant. ind.	quant. ind.	quant. ind.
Total dos principios fixos determinados. . . . .	0,259980	0,250649	0,214339
GAZES EM DISSOLUÇÃO			
(Temp. = 0. Pressão = 0 <sup>m</sup> ,76)	cc.	cc.	cc.
Acido sulphydrico. . . . .	1,90	0,99	2,81
Acido carbonico. . . . .	} 15,70	} 18,20	0,30
Oxygenio . . . . .			3,40
Azoto. . . . .			23,00
Tot. dos gaz. em dissolução	17,60	19,19	29,51

O estabelecimento das aguas de Moledo pertence actualmente ao snr. Torres, da Regoa, e acha-se muito melhorado do que era. A povoação é cortada por uma estrada de primeira ordem, que vae do Porto ao alto da provincia de Traz-os-Montes, e é percorrida por numerosos vehiculos, diligencias e mala-posta diaria.

Moledo fica a 66 kilometros da cidade do Porto e a 5 da Regoa.

Além da estrada a que nos referimos, tem as communicações fluviaes pelo Douro. Possue uma regular hospedaria, boa agua, boa carne, bom vinho, abundancia de peixe e excellente fructa.

O rio Douro, que os antigos escriptores João de Barros e André de Rezende diziam levar mais agua do que o Tejo, d'onde o proloquio *O Douro leva as aguas e o Tejo as nomeadas*, offerece aos *touristes* os mais agradaveis passeios.

São lindissimas as paisagens nas afluencias de outros rios como o Tua, o Tamega e o Côa, sobre o qual existe uma ponte do tempo do rei D. Diniz com o seguinte letreiro, que exprime de um modo curiosamente democratico uma das prerogativas das corôas:

Esta fez el-rei D. Diniz  
Que acabou tudo o que quiz,  
Que quem dinheiro tiver  
Fará o que quizer.

No Tamega ha a famosa ponte de Cavez, de cinco arcos de cantaria, cujo nome parece proceder do do architecto que a construiu e está sepultado junto d'ella, como consta do seguinte distico: *Esta é a ponte de Cavez. Aqui jaz quem a fez.*

O viajante no Douro, em cujas margens montanhosas e abruptas se estendem os vinhedos de que se extrahem os vinhos do Porto, tem á sua disposição a aventura commovente da descida dos *pontos*.

Os *pontos* são pequenas quédas de agua formadas por differenças de nivel resultantes da estreita compressão da agua entre certas rochas. Para subir estes aclives é impotente a força dos remos, e os barcos são levados por bois, que os puxam das duas margens do rio.

Na descida a visinhança do *ponto* faz-se sentir pelo ruido da agua e pela impetuosa velocidade que começa a tomar a embarcação.

Nem todos os barcos passam incolumes por essa experiencia; alguns despedaçam-se contra a violencia da agua no fundo do declive. Victima de um d'estes precalços da navegação descendente do Douro, morreu o célebre barão de Forrester, um perito e esforçado nadador.

Logo que o barco principia a ser arrebatado pela corrente, os remadores recolhem as suas longas pás, o timoneiro em pé tira o seu barrete e encommenda-se mentalmente a uma imagem da Virgem, collocada n'uma rocha marginal, e por mais alegre e descuidada que seja a companhia, faz-se um profundo silencio a bordo.

Depois sabe-se que o perigo passou quando em seguida ao salto e á forte pancada da agua no fundo chato da barca os remadores se descobrem respeitosamente e proferem a phrase consagrada pelo uso geral: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!*

Os antigos empyricos attribuiam á agua do Douro virtudes desobstruentes, e receitavam-as aos que padeciam do baço.

---

## AGUAS DAS PEDRAS SALGADAS

Estão situadas a poucos kilometros ao norte de Villa Pouca de Aguiar, perto da estrada real do Porto a Chaves. Exploradas ha mui poucos annos, estas aguas, que têm adquirido uma rapida celebridade e que ainda ultimamente foram premiadas na exposição universal de Vienna, brotam em varias fontes, das quaes estão exploradas e analysadas quatro: a fonte do Penedo, a de Rebordechão, a do Rio e a da Estrada. Eis o mappa das quatro fontes cuja analyse foi feita pelo distincto chimico, José Julio Rodrigues, professor da Eschola Polytechnica de Lisboa e iniciador dos importantes processos da gravura chimica em Portugal:

## COMPOSIÇÃO CHIMICA DAS AGUAS DAS PEDRAS SALGADAS

Principios contidos nas aguas	Penedo — Por 1000	Rebordechão — Por 1000	Rio	Estrada
Bicarbonato de soda . . . . .	1,8386	1,791587	Inteiramente semelhante ás de Rebordechão e mais rica ainda em acido carbonico livre.	Identica á do Penedo, da qual dista apenas 17 metros.
» de lithina . . . . .	0,0154	0,008434		
» de magnesia . . . . .	0,1573	0,149562		
» de cal. . . . .	0,6197	0,570050		
» de stronciana. . . . .	0,0012	0,001545		
» de baryta . . . . .	0,0004	0,000470		
» de ferro . . . . .	0,0212	0,022862		
» de manganez. . . . .	0,0023	0,002923		
Acido carbonico livre . . . . .	1,1851	1,865914		
Sulphato de potassa . . . . .	0,0448	0,003680		
Chloreto de potassio. . . . .	0,0377	0,056779		
» de sodio. . . . .	0,0434	0,013481		
Azotato de soda . . . . .	0,0385	0,008788		
Arsenito de soda . . . . .	0,0019	Vestigios		
Arseniato de alumina . . . . .	0,0004	Vestigios		
Phosphato de alumina. . . . .	0,0003	0,000590		
Alumina. . . . .	0,0008	0,001842		
Silica. . . . .	0,0863	0,071907		
Somma de todos os corpos	4,0953	4,570414		
Densidade. . . . .	1,002130	1,002226		
Temperatura. . . . .	19°,4 <sup>c</sup>	12°,6 <sup>c</sup>		
N. B. Materias organicas.	Vestigios	Vestigios		

MAPPA COMPARATIVO DAS QUANTIDADES DE ACIDO CARBONICO LIVRE E BICARBONATO DE FERRO, CONTIDAS NAS AGUAS DAS TREZE NASCENTES PRINCIPAES DE VICHY, E NAS DO PENEDO E DE REBORDECHÃO

Nascentes	Acido carbonico livre	Bicarbonato de ferro	Composição das aguas que brotam da nascente de l'Hopital (Vichy)
Lardy . . . . .	1,750	0,0280	Bicarbonato de soda . . . . .
Célestiens (a) . . . . .	1,049	0,004	» de potassa . . . . .
» (b) . . . . .	1,299	0,044	» de magnesia . . . . .
Vaisse . . . . .	1,968	0,004	» de stronciana . . . . .
L'Hopital . . . . .	1,067	0,004	» de cal . . . . .
Parc . . . . .	1,555	0,004	» de ferro . . . . .
Chomel . . . . .	0,768	0,004	» de manganez . . . . .
Carré . . . . .	0,876	0,004	Sulphato de soda . . . . .
Grande Grille . . . . .	0,908	0,004	Phosphato de soda . . . . .
Lucas . . . . .	1,751	0,004	Arseniato de soda . . . . .
Hauterive . . . . .	2,183	0,017	Borato de soda . . . . .
(1. <sup>a</sup> ) Sait Yorre . . . . .	1,133	0,010	Chloreto de sodio . . . . .
Des dames . . . . .	1,908	0,026	Silica . . . . .
Penedo . . . . .	1,185	0,021	Materia org. bituminosa . . . . .
Rebordechão . . . . .	1,866	0,023	S. das substancias fixas . . . . .
			Acido carbonico livre . . . . .
			5,029
			0,440
			0,200
			0,005
			0,570
			0,004
			Vestigios
			0,291
			0,046
			0,002
			Vestigios
			0,518
			0,050
			Vestigios
			7,155
			1,067

No estabelecimento dos banhos encontra-se um hotel confortavel, mandado construir pela empresa exploradora das aguas.

Em Villa Pouca d'Aguiar ha muitas casas que recebem hospedes por preços rasoaveis. Ha carruagens de Villa Pouca de Aguiar até ás nascentes. Na villa, situada em boas condições hygienicas, ha mala-posta diaria, estação telegraphica, etc.

Os proprietarios d'estas aguas são os snrs. M. Ignacio Pinto Saraiva e H. M. Ferreira Botelho.

A estação começa em maio e prolonga-se até ao fim de outubro.

Villa Pouca d'Aguiar, hoje cabeça de concelho e de comarca, fica n'um valle muito ameno formado pelas serras da Falperra e Sandanho, perto das nascentes do rio Corgo. Foi villa acastellada, cujo alcaide mór tinha na villa casas magestosas e um Reguengo. Os fidalgos, *honrados cavalleiros*, como lhes chama o padre Carvalho, antigos habitantes da villa, agastavam-se com o nome de *Pouca* e por esse melindre se converteu por algum tempo o nome de Villa Pouca d'Aguiar em Villa d'Aguiar da Penha.

---

## CALDAS DE CHAVES

D'estas aguas faz o snr. Agostinho Vicente Lourenço, em um relatorio especial, a seguinte menção:

As Caldas de Chaves foram conhecidas desde remota antiguidade, como attestam alguns monumentos do tempo dos romanos que lá se conservam e dizem ser as célebres *aguas flavias* conhecidas na historia. Estes banhos thermaes foram outr'ora muito concorridos, e houve no logar onde as aguas brotam um estabelecimento muito importante com casas, tanques e mesmo um hospital. Estes estabelecimentos tendo sido destruidos nas nossas guerras com a Hispanha na época da primeira restauração do reino, projectou-se a reconstrucção de um edificio accommodado nos principios d'este seculo, e as plantas tinham sido levantadas e os riscos traçados por ordem do serenissimo snr. D. João VI, então

príncipe regente, mas a invasão dos francezes e as calamitosas guerras civis que se seguiram, tendo feito esquecer os projectos, estas preciosas aguas thermaes, unicas d'este genero em Portugal, foram deixadas em abandono, e hoje se tomam os banhos em umas tinas collocadas em casas particulares.

As aguas das Caldas de Chaves nascem n'um campo chamado Tabolado, junto ao ribeiro de Rivellas, a poucos metros da sua embocadura no rio Tamega, e ao S. O. da villa de Chaves, distante uns quarenta e tantos metros dos muros da praça. A agua é perenne e abundante, e, em uma grande extensão do terreno escuro e areento onde ella nasce, cavando até uma certa profundidade, encontram-se aguas thermaes em abundancia, tendo as mesmas propriedades que a da nascente das Caldas.

Antigamente a principal nascente era comprehendida n'um tanque quadrado, dividido em dois compartimentos, formando assim, com um outro, tres tanques; em 1807 substituiram-se estes tres tanques por um só, coberto, e em seguida a estes trabalhos a quantidade da agua diminuiu, e a sua temperatura baixou de alguns graus thermometricos, provavelmente por causa da pressão que se exerceu sobre a nascente.

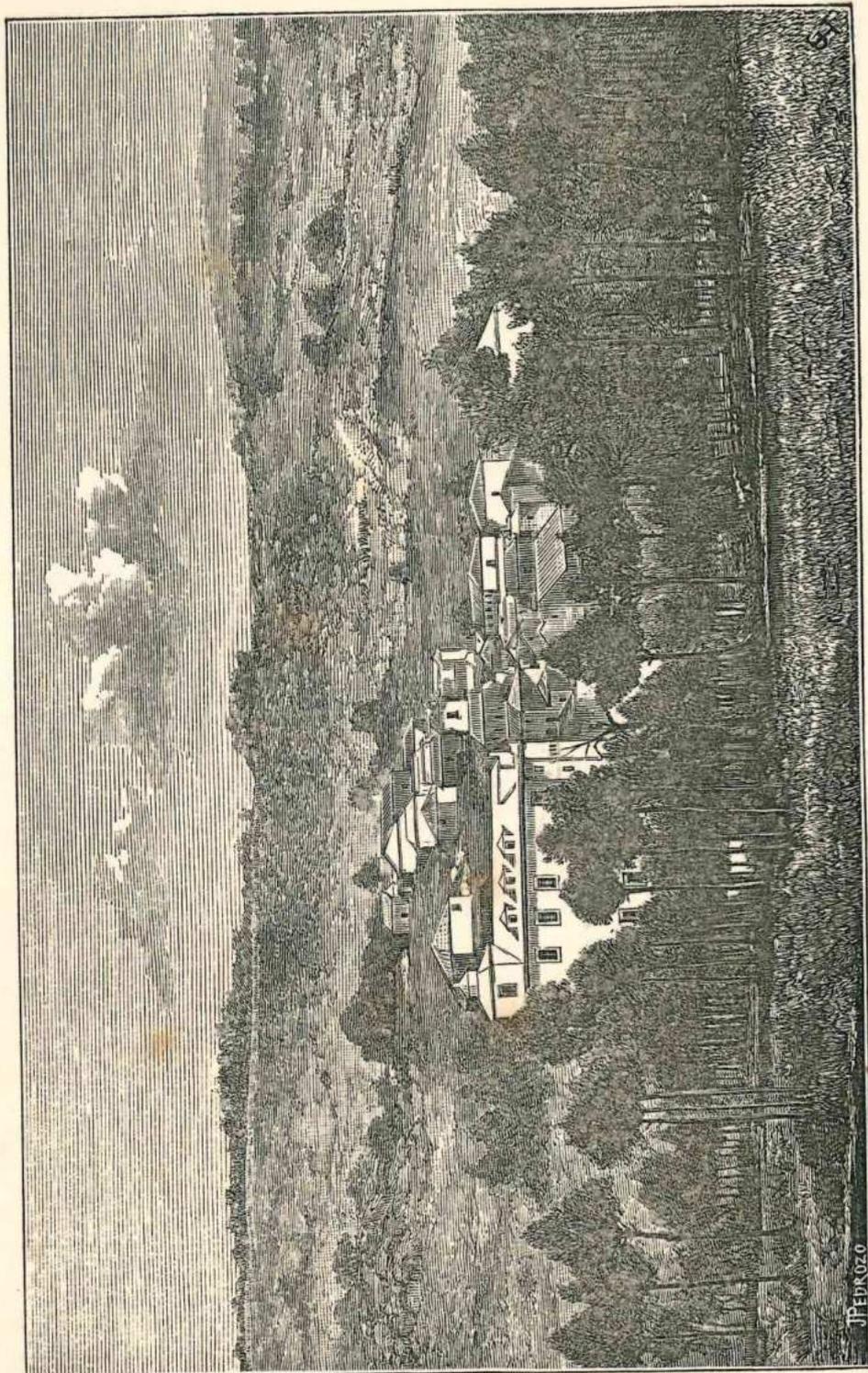
A agua rebenta em grande extensão do terreno e até no leito do pequeno ribeiro de Rivellas com innumeraveis bolhas de acido carbonico, e o sitio por onde ella corre cobre-se no verão de efflorescencias salinas, tendo todas as propriedades de carbonato de soda. Approximando-se d'este sitio, tão abundante em aguas alcalinas e thermaes, nota-se um cheiro de lexivia de soda.

A agua é muito clara na fonte, e recebida n'um copo é limpida e transparente; tem um cheiro apenas sensivel e um gosto um pouco salobro e alcalino. Exposta ao ar livre ou abandonada em garrafas mal fechadas turva-se, depondo um precipitado de carbonato de cal; dá uma reacção levemente alcalina aos papeis reagentes.

As aguas thermaes de Chaves apresentam na fonte entre 40° e 45° Reaumur, ou entre 50° e 56° centigrados, variando-se assim, quanto á sua temperatura, entre certos limites em diversas épocas do anno.

Chaves diz-se ter sido fundada pelo imperador Flavio Vespasiano, d'onde lhe veio o seu primeiro nome de *Aquae Flaviae*, mudado depois para *Aquae Calidae*. A palavra Chaves deriva-se talvez de *Lhaviae*, corrupção de *Flaviae*. Foi destruida por occasião da entrada dos arabes da peninsula e restaurada no tempo de Affonso Henriques pelos dois irmãos Ruy e Garcia Lopes, aos quaes é con-





VIDAGO

sagrada uma lapide que existe na matriz da villa com os seguintes versos:

Dois irmãos com as quinas  
Sem rei ganharam Chaves,  
D'onde em roxo cristallinas  
Lhe foi dado por insignias  
Em escudo cinco chaves.

Ha em Chaves varias outras lapides com inscrições romanas. Conserva os restos das antigas muralhas, e exporta seda e panno de linho estampado.

Segundo as determinações indicadas pelo snr. Agostinho Vicente Lourenço a agua das Caldas de Chaves contém os seguintes saes em dissolução:

	GR.
Sulphato de potassa.....	0,064296
Chlorureto de potassio.....	0,067660
Chlorureto de sodio.....	0,014608
Bicarbonoto de soda.....	1,439910
Carbonato neutro de soda.....	0,404199
Bicarbonato de cal.....	0,138240
Bicarbonato de magnesia.....	0,048437
Silica.....	0,096000
Oxydo de ferro.....	} Vestigios
Alúmina.....	
Materias organicas.....	

## AGUAS DE VIDAGO

Vidago é uma bonita aldeia no fertil e pittoresco valle de Oura, a meio caminho entre Chaves e Villa Pouca d'Aguiar, no concelho de Chaves, districto de Villa Real. A principal casa da povoação é o Grande Hotel de Vidago, que recebe hospedes de tres classes pelos preços de 1\$200, 1\$500 e 2\$250 reis por dia.

Entre as casas particulares que recebem hospedes a preços modicos figuram como mais conhecidas a das Aurelias e a do Simão.

Junto do Grande Hotel, que pertence á empresa das aguas, tem esta um hotel mais pequeno em que ha um estabelecimento de banhos thermaes.

As aguas bebem-se nas nascentes pelo preço de 1\$000 reis por toda a estação.

No Grande Hotel ha sala de musica e bilhar.

A empresa está formando alamedas para se passear á sombra e projecta a construcção de um casino e de um pavilhão no logar das nascentes.

Proporcionam-se aos viajantes passeios em bote e partidas de pesca no Tamega, que passa a dois kilometros de Vidago, e faceis digressões de recreio a Chaves e á fronteira hispanhola.

O meio mais facil de transporte é o que se faz pelo Porto na Mala-Posta ou na diligencia de Raymundo da Natividade, a qual sãe do Porto ás 4 horas da tarde, chega a Villa Real no dia seguinte das 8 para 9 horas da manhã e gasta d'ahi a Vidago cerca de 7 horas.

De Villa Real para Vidago encontra quem quizer deixar a diligencia ou a mala-posta carruagens a preços commodos.

Em Vidago ha duas carruagens de aluguel para as digressões nos suburbios.

A aldeia tem correio diario e estação telegraphica durante a estação das aguas.

Das propriedades physicas da agua de Vidago diz o doutor Agostinho Vicente Lourenço o seguinte:

A agua de Vidago observada na fonte ou recolhida n'um copo é limpida e transparente, sem cheiro sensivel e de um gosto agradavel, levemente salobro e um pouco picante como as aguas de Seltz. A agua desenvolve na fonte uma grande quantidade de acido carbonico; o gaz dissolvido na agua é tão abundante que agitando um pouco d'este liquido recentemente colhido n'uma garrafa faz saltar a rolha como a agua de Seltz. A evaporação espontanea da agua e a perda do acido carbonico precipitam na superficie da fonte efflorescencias salinas brancas, formadas pela maior parte de carbonatos de soda e de cal. A agua exposta ao ar ou abandonada em frascos mal fechados turva-se, depondo um precipitado de carbonato de cal; a sua acção sobre os papeis reagentes é fracamente alcalina. A nascente é fria; a sua temperatura é de 19° Reaumur ou 23°,8 centigrados.

As aguas de Vidago contêm em dissolução as substancias seguintes;

	GR.
Chlorureto de potassio.....	0,176747
Bicarbonato de potassa.....	0,095913
Bicarbonato de soda.....	4,732919
Bicarbonato de cal.....	0,855360
Bicarbonato de magnesia.....	0,264102
Bicarbonato de ferro.....	0,010498
Acido cilicico.....	0,064000
Acido carbonico livre.....	0,966394
Acido sulphurico.....	} Vestigios
Alúmina.....	
Materias organicas.....	

## AGUAS DE VILLARELHO DA RAIA

A nascente d'estas aguas está situada em Villarelho da Raia, perto de Campo Redondo, ao poente de Villarelho, ao nascente de Cambedo e ao sul de S. Cibrão, na Galliza, distando cerca de 1 kilometro de cada um dos referidos pontos, 700 metros da serra de Alborinha e 200 da ribeira de Cambedo. A agua brota no fundo de uma escavação praticada n'uma rocha a 1<sup>m</sup>,06 abaixo da superficie do solo, estando ahi construida uma fonte. Tem um gosto agradável, perfeitamente semelhante ao da agua de Vichy.

Segundo o doutor Vicente Lourenço, a agua de Villarelho da Raia, observada na fonte é clara, deixa desenvolver uma grande quantidade de acido carbonico e depõe nas paredes internas da fonte um sedimento salino branco avermelhado, formado principalmente de carbonato de cal e peroxydo de ferro, e na parte exterior uma substancia branca efflorescente, tendo todas as propriedades do carbonato de soda. Recolhida n'um copo é limpida e transparente, sem cheiro sensivel, e de um gosto agradável ligeiramente alcalino. Em contacto com os papeis reagentes apresenta uma reacção fracamente alcalina, e marca a temperatura de 16°,2 centigrados.

Segundo as analyses e contraprovas effectuadas pelo snr. doutor Lourenço, as aguas de Villarelho da Raia contêm em dissolução:

	GR.
Chlorureto de potassio . . . . .	0,063424
Bicarbonato de potassa . . . . .	0,002227
Bicarbonato de soda . . . . .	2,364055
Bicarbonato de cal. . . . .	0,161280
Bicarbonato de magnesia. . . . .	0,057143
Acido silicico . . . . .	0,015000
Acido carbonico inteiramente livre.	0,580640
Alúmina . . . . .	} Vestigios
Oxydo de ferro . . . . .	
Materias organicas . . . . .	

MAPPA COMPARATIVO DAS ANALYSES DAS PRINCIPAES

	Vichy Grande Grille Bouquet	Vidago	Rodna	Bilin Redtenbacher	Preblau Redtenbacher	Fachingen Kastener Haupt quell
Sulphato de potassa	0,3362	-	-	0,1283	0,0864	-
Dito de soda . . . . .	0,0168	-	0,3125	0,8269	-	0,0137
Chlorureto de pot.	-	0,1767	-	-	0,1157	0,0003
Dito de sodio. . . . .	0,5340	-	0,9375	0,3823	0,0251	0,4557
Carbonato de pot.	-	0,0728	-	-	-	-
Dito de soda . . . . .	3,6540	3,3446	3,3333	3,0085	2,0260	1,7002
Dito de cal . . . . .	0,3010	0,5940	1,4583	0,4024	0,1950	0,2016
Dito de magnesia . .	0,2000	0,1733	0,6641	0,1431	0,0463	0,1546
Dito de protoxydo de ferro. . . . .	0,0020	0,0076	0,1172	0,0094	0,0038	0,0080
Alúmina . . . . .	-	-	-	0,0084	0,0042	-
Silica . . . . .	0,0700	0,0640	0,0130	0,0317	0,0770	0,0261
Materias organicas. .	-	vestig.	-	-	0,0907	-
Diversos . . . . .	0,1350	-	0,0422	0,0188	-	0,0063
Residuo solido . . . .	5,2490	4,4330	6,8781	4,9598	2,6702	2,5665
Acido carbonico . . .	2,6650	2,7329	6,0000 pol. cub.	3,2340	2,2100	3,2975

Para demonstrar o valor relativo das aguas mineraes de Chaves, de Villarelho da Raia e de Vidago, junta o doutor Agostinho Vicente Lourenço ao relatorio que temos citado um mappa das analyses de quatorze aguas mineraes alcalinas e gazosas, as mais estimadas da Europa, consideradas, segundo a sua riqueza em carbonato de soda, principal agente da mineralisação.

Reproduzimos em seguida o referido mappa, do qual se depreheende que a agua de Vidago é a mais rica das aguas gazosas da Europa depois da agua de Vichy, da qual pouco differe. As aguas de Villarelho da Raia e das Caldas de Chaves são menos ricas, mas occupam ainda assim, pela apreciação do illustre chimico, um logar importante entre as aguas gazosas conhecidas, sendo muito semelhantes pela sua composição ás aguas de Fachingen, Ems, uma das mais concorridas estações da Allemanha.

## AGUAS MINERAES, ALCALINAS E GAZOSAS DA EUROPA

Villarelho	Gleichenberg Yohannisbrun Schreuter	Chaves	Ems Kähuchen	Elöpatak Schnell	Gieshubel Göttl	Borszeck Trink quell Schnell	Geilnau
-	-	0,0643	0,0428	-	0,0294	-	0,0176
-	-	-	0,0179	-	-	-	0,0085
0,0634	0,0094	0,0676	-	0,0330	0,0490	0,0250	-
-	0,5828	0,0146	0,9224	0,0820	-	0,0790	0,0362
1,0017	-	-	-	-	0,0854	-	-
0,6706	1,7472	1,4220	1,3651	1,2849	0,9239	0,7780	0,7492
0,1120	0,6391	0,0960	0,1559	1,1921	0,1900	1,5070	0,3406
0,0375	0,5034	0,0318	0,1293	0,7800	0,0963	0,7070	0,2383
vestig.	0,0242	vestig.	0,0016	0,0310	0,0005	0,0150	0,0278
vestig.	0,0303	vestig.	0,0004	0,0320	0,0022	0,0050	-
0,0150	0,0221	0,0960	0,0494	0,0480	0,0518	0,0760	0,0247
vestig.	-	vestig.	-	-	0,0001	-	-
-	-	-	0,0008	-	-	-	0,0048
1,9002	3,5585	1,7923	2,6856	3,4830	1,4286	3,1920	1,4477
1,3436	1,7154	0,4810	1,7860	1,9840	-	1,7920	3,3845

Os *touristes* que frequentam as aguas do concelho de Chaves, devem visitar Villa Real, a 14 kilometros da serra do Marão.

Villa Real é cercada ao nascente pelo rio Corgo e ao poente pelo Cabril, reunindo-se os dois rios ao sul, o que dá á villa o aspecto de uma pequena península, dominada ao norte pela serra de Amezio.

Foi fundada em 1283 por El-Rei D. Diniz, e é hoje a capital de Traz-os-Montes.

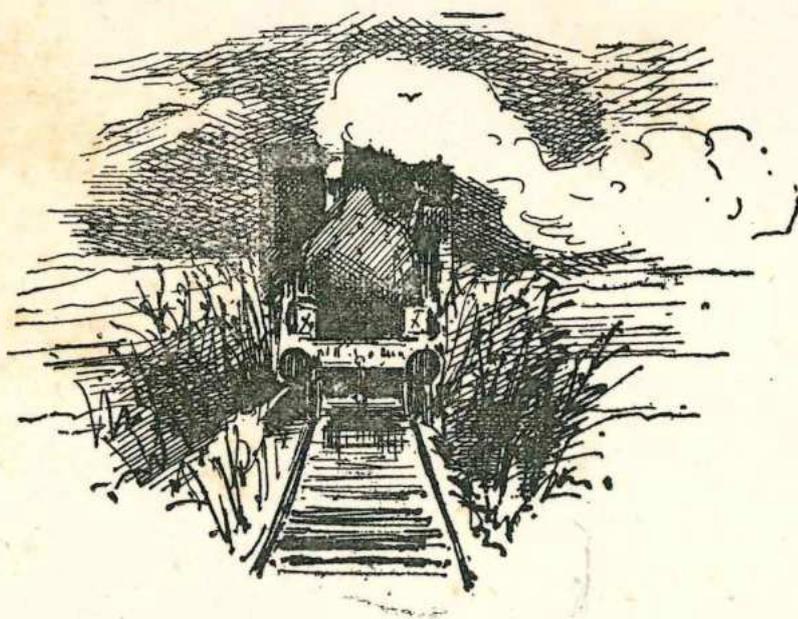
Os passeios do jardim publico e do Calvario são magnificos. O panorama que se descobre do alto do Calvario é incomparavel.

Villa Real tem um excellente hospital civil, um asylo de infancia desvalida e um hospicio de expostos.

A famosa feira de Santo Antonio, que reúne em Villa Real uma grande multidão dos mercadores da provincia, começa no dia 13 de junho e dura oito dias.

# PROVINCIA DA EXTREMADURA

---



As aguas da provincia da Extremadura, que fizeram parte da collecção de aguas mineraes remettida á exposiçãõ de Pariz, foram colhidas nas seguintes fontes:

- Do Estoril.
- Da Poça.
- De Santo Antonio do Estoril.
- Do Poço do Arsenal da Marinha.
- Das Alcaçarias do Duque.
- Das Alcaçarias de D. Clara.
- Do Chafariz d'El-Rei.
- Do Doutor.
- Do Chafariz de Andaluz.
- Dos Cucos.
- De Torres Vedras.
- Do Vimeiro.
- Das Caldas da Rainha.

Das Caldas de Gayeras.

Da Fonte dos Arrabidos.

Da Fonte de Obidos.

Das Aguas Santas da Villa de Caldas.

Entre estas aguas merece indubitavelmente o primeiro logar a do Poço do Arsenal da Marinha, mais geralmente conhecida hoje pela designação seguinte:

---

## BANHOS DO DOUTOR LOURENÇO

O edificio em que existe o estabelecimento de banhos sulphureos, fundado em 1868 pelo dr. Agostinho Vicente Lourenço, foi mandado construir pela administração da Santa Casa da Misericordia de Lisboa com o intuito de aproveitar as aguas do Arsenal da Marinha.

Este edificio está situado no bêco do Carvalho, perto do largo de S. Pedro. O interior do estabelecimento é formado de tres pavimentos. No andar terreo ha uma espaçosa sala rodeada de quartos e ornada de columnas de ferro que sustentam as galerias dos dois pavimentos superiores. Esta sala é illuminada por uma grande e elegante claraboia, que serve igualmente para ventilar o edificio.

As duas galerias dão accesso para os banhos do segundo e do terceiro pavimento. Aos lados das galerias ha dois corredores que dão communição para outros camarins igualmente de banho, prefazendo o numero de sessenta gabinetes, onde diariamente se podem ministrar mil banhos, abrindo-se o estabelecimento ás cinco horas da manhã e fechando-se ás seis horas da tarde.

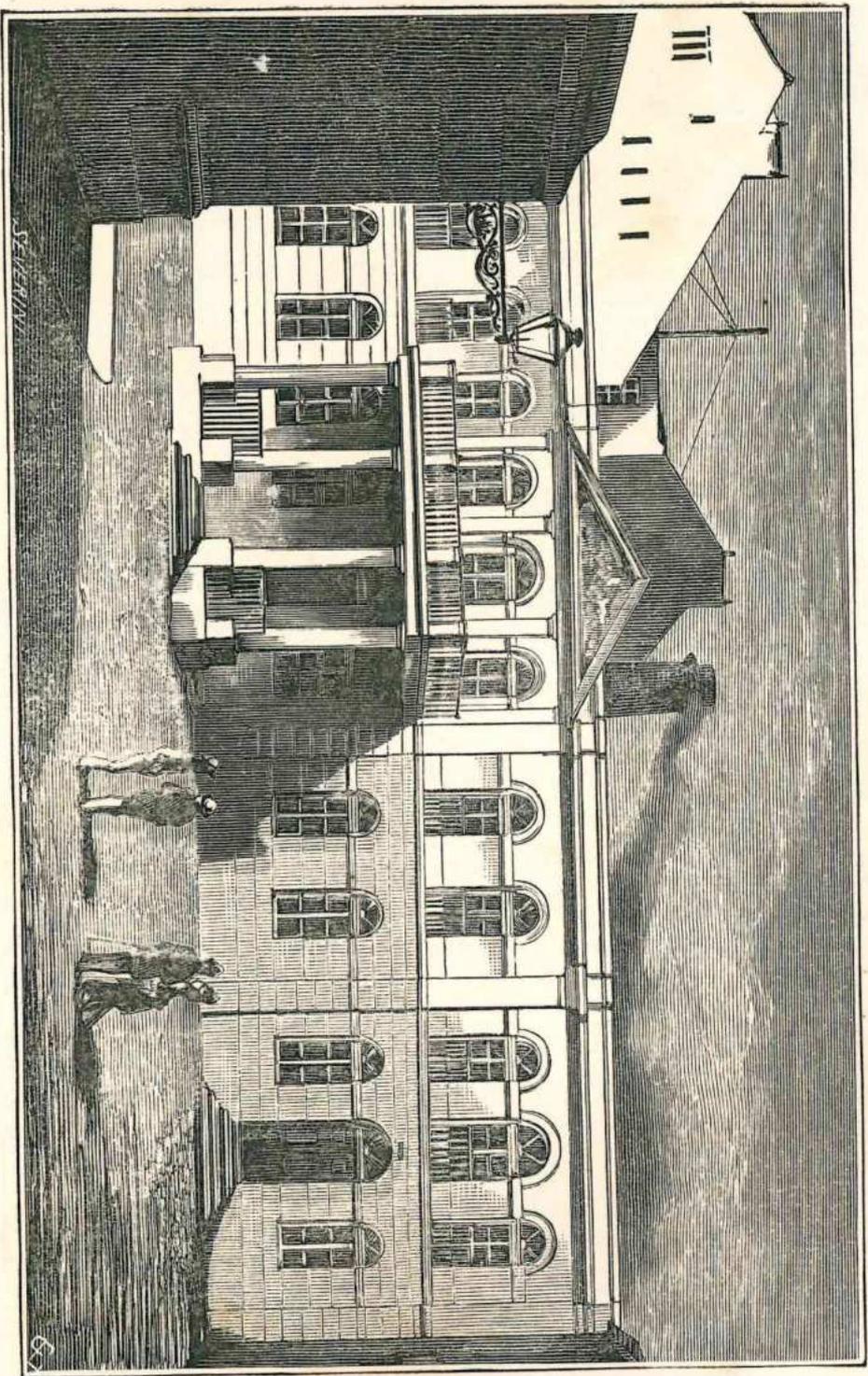
Os quartos de banho são espaçosos e têm uma ou duas tinas de zinco, forradas exteriormente de madeira envernizada.

As maquinas de aspiração e elevação das aguas, as de lavagem, enxugo e cylindragem da roupa estão collocadas no pavimento terreo.

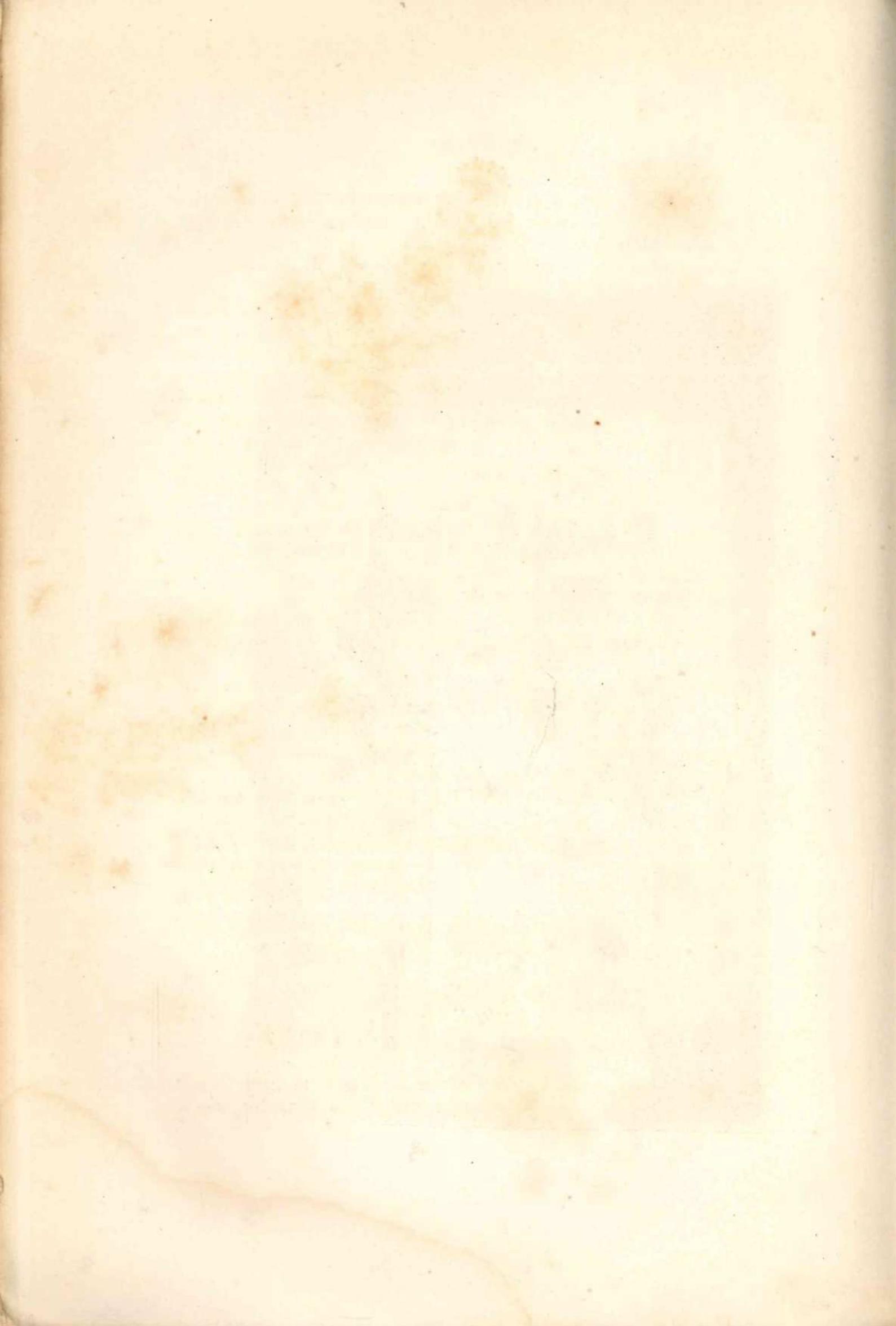
A agua vem do Poço do Arsenal para os banhos do estabelecimento movida por uma bomba a vapor e conduzida por uma encanação de mil metros de extensão, feita de manilhas de barro vidrado.

A commissão encarregada pelo governo de estudar em 1869 os banhos sulphureos do dr. Agostinho Vicente Lourenço diz, ácerca das respectivas aguas, o seguinte:

« A agua sulphurea que chega ao estabelecimento dos banhos



BANHOS DO DR. LOURENÇO, A S. PAULO



tem em cada litro uma quantidade de sulphydrico tres vezes superior á das aguas das Caldas da Rainha, as mais estimadas no reino como aguas sulphureas, e são mais ricas que todas as aguas do continente do reino e quasi todas as *sulphureas salinas* conhecidas na Europa. »

Segue o mappa comparativo em que as aguas dos Banhos do Doutor Lourenço figuram como contendo em 1:000 grammas de agua 0<sup>gr</sup>,0253743 de acido sulphydrico.

O relatorio acrescenta:

« A commissão não querendo alongar muito este relatorio deixa de apresentar um mappa completo das principaes aguas sulphureas estrangeiras, e menciona sómente duas d'ellas, a de Enghien e a de Uriage, porque esta, principalmente, tem notavel analogia com a agua do Arsenal.

ENGHIEN

Acido sulphydrico livre { Fonte de Peligot..... 0<sup>gr</sup>,015695, agua 1 litro  
 { Fonte de la Pecherie 0,046281   »   »   »

URIAGE

Acido sulphydrico livre... 0<sup>gr</sup>,01597, agua 1 litro. »

Esta ultima agua sulphurosa (a de Uriage) deixa, pela evaporação de um litro, um residuo solido de 14<sup>gr</sup>,2792, formado de carbonato de cal e magnesia, sulphato de cal, magnesia e soda, iodureto de calcio, e principalmente chlorureto de sodio, que ascende n'um litro a 7<sup>gr</sup>,23617. Deve pois comparar-se com a agua do Arsenal, posto que o residuo solido d'esta agua possa attingir o dobro e talvez mais. A agua de Uriage, attentos os saes que contém, é a mais mineralizada de França.

No estabelecimento alludido, em que se encontram tambem simples banhos de limpeza, custa cada banho sulphureo, sem roupa, 400 réis. Vende-se para fóra do estabelecimento cada 32 litros de agua por 100 réis. São gratuitos os banhos para os soldados, para os marinheiros e para os portadores de um attestado authentico de pobreza.

Os banhos do Doutor Lourenço são muito preconizados, principalmente na cura dos lymphatismos e das nevralias.

## AGUAS DAS ALÇAÇARIAS

Estão situadas defronte do Terreiro do Trigo, em Lisboa, junto da margem do Tejo. Brotam de duas fontes nas faldas do monte

\*

em que está edificado o castello de S. Jorge. Aham-se recolhidas em dois edificios, um dos quaes tem o nome de Alcaçarias do Duque, e o outro Alcaçarias de D. Clara, ambos servidos com ordem e aceio.

Eis os termos em que o snr. Agostinho Vicente Lourenço se refere aos dois referidos estabelecimentos e bem assim á agua do Chafariz de El-Rei, a qual parece provir da mesma origem das Alcaçarias:

ALCAÇARIAS DO DUQUE — Têm este nome por pertencerem aos duques de Cadaval. Provém de duas nascentes: uma na parte posterior do edificio e outra no centro do seu lado occidental, e têm — como as de D. Clara, do Chafariz de El-Rei e de algumas outras fontes da localidade — a particularidade de envolverem tão grande quantidade de azote, que n'algumas d'ellas podem, em poucos momentos, encher-se gazometros de grandes dimensões.

Estas aguas não contêm senão quantidades minimas de oxigenio e de acido carbonico; são limpidas, sem cheiro nem gosto, e não deixam sedimento. A sua temperatura é de 34° c, sendo de 27° c a do ar ambiente. 1:000 grammas de agua deixaram pela evaporação um residuo solido de 0<sup>gr</sup>,7128, composto de chlorureto de sodio, sulphatos de cal, soda e potassa, carbonatos de cal, e magnesia e silica.

ALCAÇARIAS DE D. CLARA — Brotam estas aguas perto das do Duque, e é tal a analogia que existe entre umas e outras, quer pelas suas propriedades physicas, quer pela sua composição chimica, que bem se podem suppôr da mesma origem.

A sua temperatura, observada no mesmo dia que a das aguas do Duque, marcou 33° c, sendo de 27° c a temperatura do ar exterior.

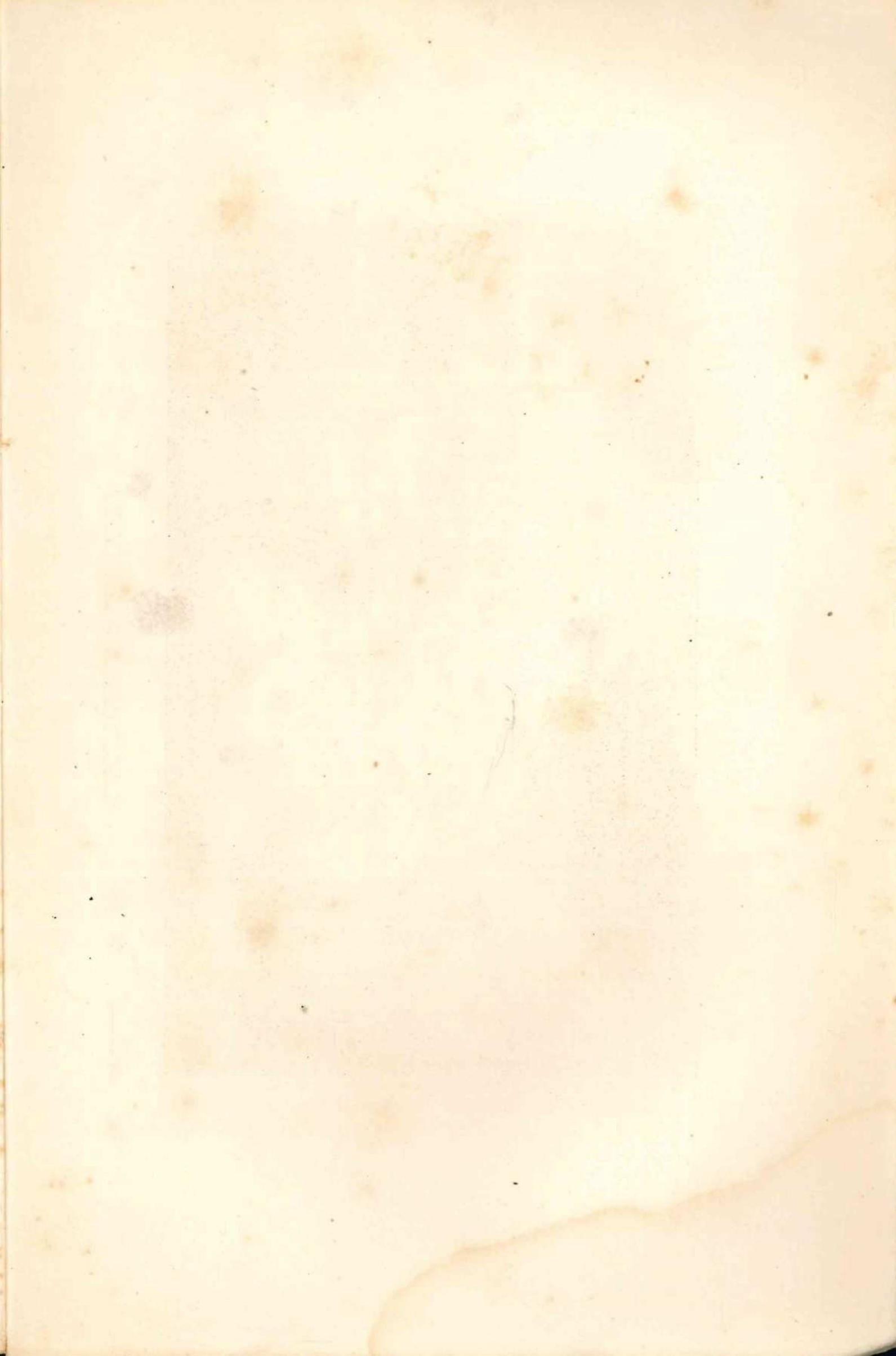
A differença de um grau que se encontra entre ellas póde bem ser attribuida a esfriamento devido á disposição da canalisação. 1:000 grammas de agua deixaram pela evaporação um residuo solido de 0<sup>gr</sup>,7275, formado dos mesmos elementos que o antecedente.

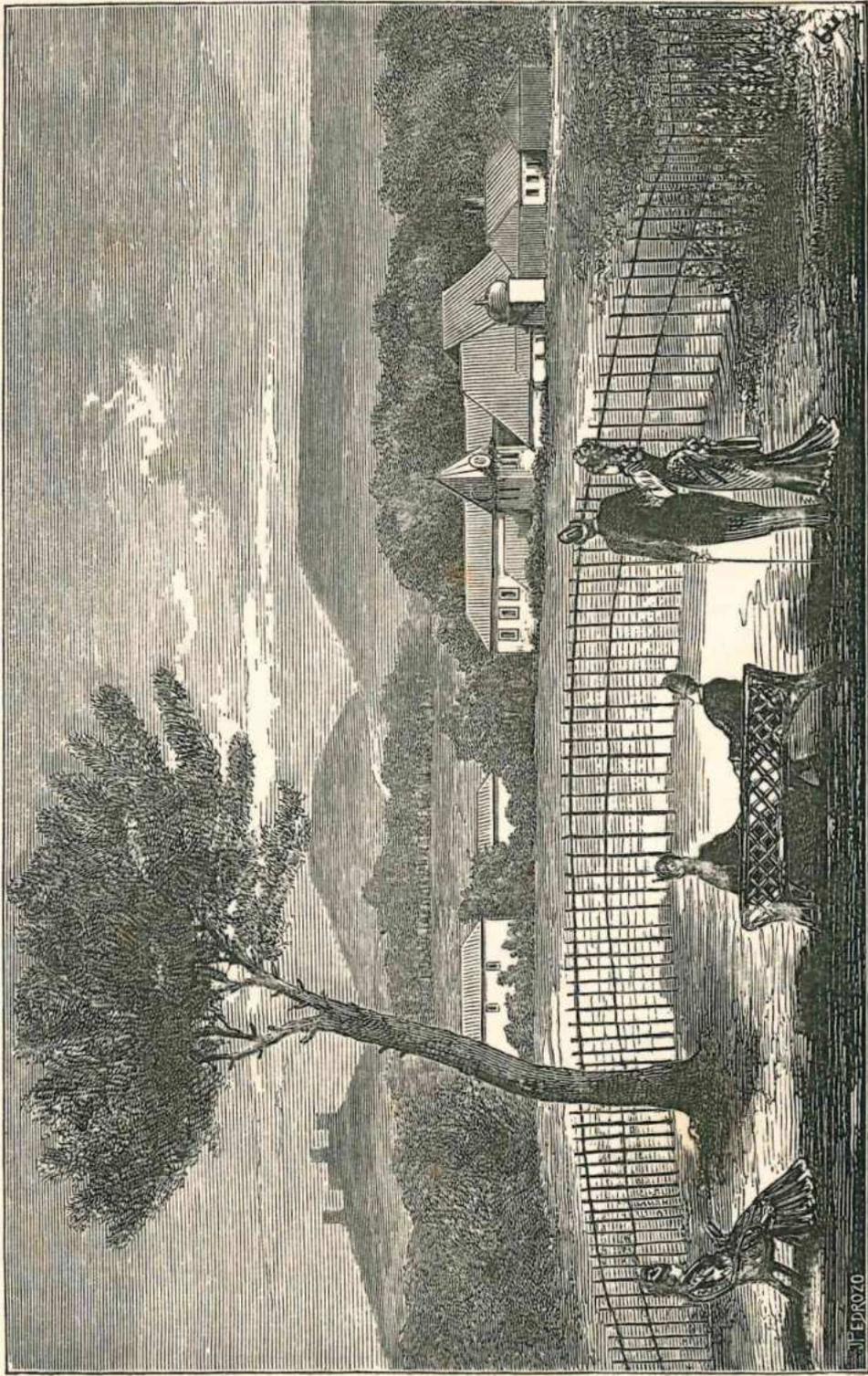
---

## CHAFARIZ DE EL-REI

Estas aguas estão situadas a 100 metros das precedentes e brotam de diversas fontes, das quaes duas reunidas no seu trajecto alimentam oito das nove bicas que constituem o grande Chafariz.

Duas outras fontes, diversas entre si e differentes das antecedentes, alimentam dois reservatorios separados que fornecem a agua á nona bica, a ultima do lado do arsenal do exercito. As aguas





CALDAS DA RAINHA

d'estas duas fontes são excellentes como aguas potaveis. As primeiras têm, com pouca differença, a mesma composição que as das Alcaçarias. A sua temperatura é de 29° c, sendo de 27° c a do ar exterior. 1:000 grammas de agua deixaram um residuo solido de 0<sup>gr</sup>,6442, formado de chlorureto de sodio, sulphatos de potassa e cal, e carbonatos de cal, magnesia e protoxydo de ferro.

AGUAS DO DOUTOR — Estão situadas na proximidade das Alcaçarias. Posto que da mesma origem e da mesma natureza que estas, são um pouco mais fracas quanto á sua mineralisação e temperatura, pela circumstancia de se misturarem com outras na sua passagem. A temperatura da agua no reservatorio é de 26° 5<sup>c</sup>, e na bica 26° c, sendo de 27° a temperatura do ar ambiente. 1:000 grammas de agua deixaram 0<sup>gr</sup>,5423 de residuo solido, formado principalmente de chlorureto de sodio, sulphatos de potassa e cal, carbonatos de cal e magnesia e silica.

---

## CALDAS DA RAINHA

A villa das Caldas da Rainha é a mais concorrida terra d'aguas da provincia da Extremadura. Dista 56 kilometros da estação do Carregado, na linha de Lisboa ao Entroncamento.

Do Carregado para as Caldas faz-se a viagem em carruagem ou na diligencia que sae do Carregado duas vezes por dia, pela manhã e á noite, depois da chegada do comboyo áquella estação. O percurso é de 6 a 7 horas, havendo no Cercal casa de pasto e estação de mudas da diligencia.

O preço dos bilhetes da diligencia é de 2\$000 reis por ida e volta ou 1\$200 reis por viagem sem retorno.

A villa offerece aos que a frequentam as maiores commodidades que proporcionam em Portugal terras d'esta ordem.

Ha os hoteis de José Paulo Rodrigues, do Padre Justino Antonio Vianna, as hospedarias da Marianna e de José Pires. Além d'isso quasi todas as familias da villa recebem hospedes durante a estação balnearia.

O preço nos dois hoteis é de 800 a 1\$000 reis; nas hospedarias, de 600 a 800 reis; nas casas particulares, de 200 a 240 reis, sendo n'este ultimo caso a comida paga em separado e mandada fazer pelos banhistas, que tomam para esse fim uma criada por 100 reis por dia.

No excellente edificio do hospital ha quartos bem mobilados e com bom serviço pelo preço diario de 600 a 1\$000 reis.

A villa é em extremo pittoresca e tem lindissimos suburbios. Fica situada n'um extenso valle, recostada a um monte que olha para o poente e de cuja elevação se desfructa um panorama de sete leguas de extensão, abrangendo o mar, as Berlengas, o farol de Peniche, o porto de S. Martinho, d'onde parte um caminho de ferro americano até á Marinha Grande, as velhas muralhas de Obidos, a serra da Roliça, onde em 1808 se deu a sangrenta batalha de 7 de agosto.

Ha dois passeios lindissimos: o da Copa, onde os doentes passeiam ordinariamente as aguas á sombra de velhos platanos e faias seculares, e o da Matta, que é ao fim da tarde o logar aprasado ao encontro de todos os banhistas.

A matta fica na maior elevação da villa. O ponto de vista é encantador; as aleas estão bem riscadas por entre as arvores; ha bancos em todos os recantos; grandes massas de vegetação; sombra espessa e tranquillã.

Muitas familias de Lisboa, muitas senhoras hispanholas, habitam a villa durante a estação balnearia.



A moda casa o fremito dos leques e a palpitação dos espartilhos com o ramalhar dos choupos. O perfume artificial das violetas de Parma com que se perfuma a renda das mantilhas sobreleva ao acre aroma selvagem dos rosmaninhos. A areia das avenidas range sob o fino pé calçado no boulevard dos Italianos ou na rua de Alcalá dentro d'um sapato . . .



o qual só pôde ser comparado ao sapato calçado no outro pé.



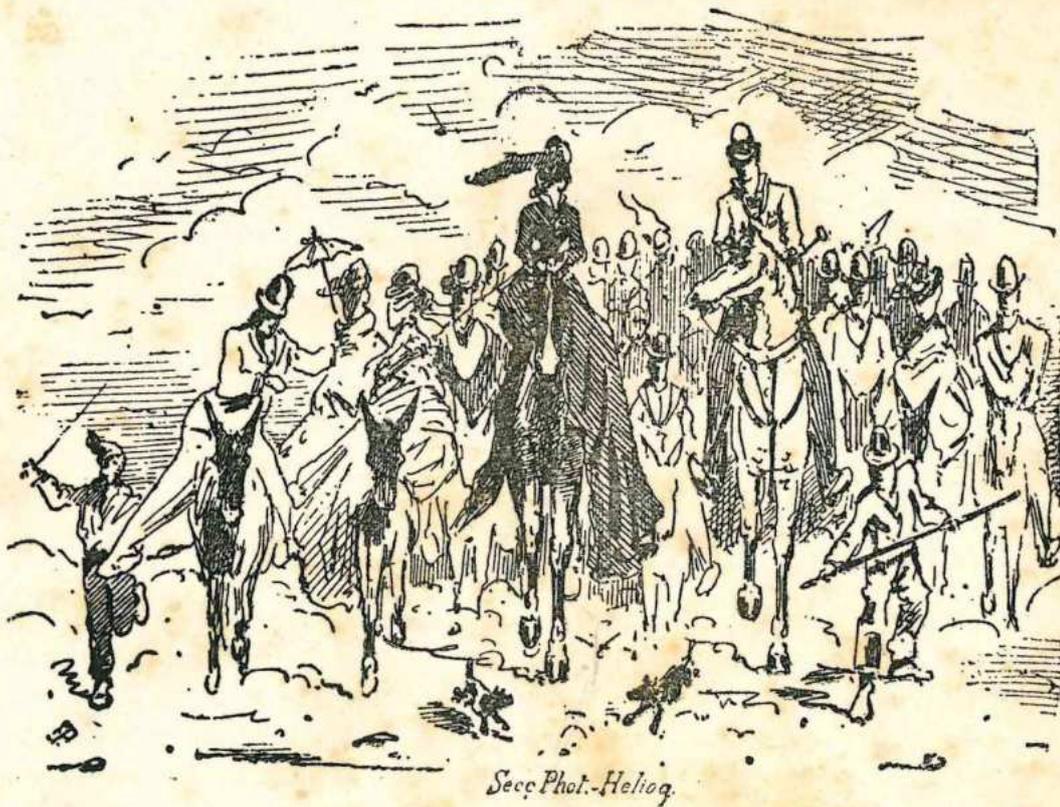
É nos encontros e nas conversações da Matta que muitas vezes se opera a revivescencia do coração, que é um symptoma de saude quando traz comsigo a alegria, o vigor da mocidade, a frescura da alma; mas que é pelo contrário uma doença má quando a acompanha a sentimentalidade melancolica e a tristeza banal e esteril dos amores impossiveis, que não levam a victima senão aos entranhados suspiros e algumas vezes aos maus versos.

É na Matta que se reúnem todos os variados typos que frequentam as Caldas e constituem a legião chamada dos banhistas, apesar de muitos d'elles serem inteiramente estranhos ao banho e a todas as applicações therapeuticas da agua mineral.

Entre os personagens da grande galeria figuram, tanto nas Caldas da Rainha como em Vizella, nas Taipas, em Luzo, os sujeitos que não têm que fazer e vão para as Caldas em partida de recreio como vão á opera no inverno, como vão aos touros ou ás corridas de cavallos, como vão a Sevilha pela Paschoa e a Madrid nos comboyos de ida e volta, a preços reduzidos.

Estes individuos quando não caem na tristeza — o que ás vezes lhes succede á força de tomarem tanto a sério os seus divertimentos que chegam a consideral-os como uma triste obrigação — são os que nas terras d'aguas se encarregam geralmente de orga-

nisar os bailes campestres, os jantares sobre a relva, os *pic-nics*, as burricadas, a que elles servem de commandantes e de guias, animando o fervor aos tibios, sacudindo o brio aos retardatarios, gritando-lhes pelas estradas fóra:



— Piquem os burros para a frente! piquem os burros!

Os burros é que nem sempre obedecem a estas exhortações eloquentes do entusiasmo. Os burros têm ás vezes ideias fixas que fazem a desgraça de quem os monta. As vergastadas que lhes applicam coincidem frequentemente com o momento psychologico que elles escolheram para o recolhimento e para a meditação. N'estes casos é forçoso deixal-os meditar. Quem tem pressa, logo que o seu burro medita, ou o abandona á immobidade do extase ou se resigna a leval-o para diante — sempre meditabundo — ao collo.

Ha burros, que no meio das digressões mais arrebatadas e mais alegres estacam repentinamente, alongam as mãos para a frente, deixam pender a cabeça, e ficam hora e meia a olhar silenciosamente para as patas,

Outros têm o habito inveterado de se encostarem a um muro e de rasgarem nas pedras e nas silvas a perna do cavalleiro; e se, por infelicidade, têm de caminhar por uma estrada com dois muros bons, adornados de espinhos e de fundos de garrafas, ficam tristissimos por não se poderem encostar a ambos os muros ao mesmo tempo.

Quando atravessa um charco, quasi todo o burro sente um grande calor no ventre de quem o monta; e então, por um movimento agil, cheio de dedicação e de astucia, encolhe repentinamente as mãos, alteia a garupa despedindo para as alturas uma parrelha de coices e manda o cavalleiro prostrar-se de bruços a um passo de distancia sobre o lameiro. Depois, enquanto o individuo se enxuga, o burro costuma ordinariamente comer-lhe o chapéu; se este é de palha, como se se tratasse de uma merenda que a victima lhe tivesse trazido de casa á cabeça.

Outra coisa que os burros gostam muito de fazer nos *pic-nics* é mastigar os véos verdes das senhoras, com o fim de averiguarem se são d'herva.

Em todas as burricadas apparece um burro diligente e brioso, rapido e alegre, que vae sempre na frente, communicando ao seu cavalleiro um inexcedivel orgulho e enchendo de inveja todos os que ficam para traz agitando raivosamente as pernas e gritando aos moços: «Tocae-me este maldito! tocae-me este excommungado! Vêde o burro do snr. commendador onde elle vae já!»

Desconfie-se sempre d'esse burro que vae na frente! É certo o desgosto que elle acaba por dar á sociedade. Ao chegar á encruzilhada, logar escolhido para a traição, o burro diligente enfia apresado pelo caminho exactamente opposto áquelle que tem de seguir a burricada. Grande excitação confusa em toda a companhia. Muitas vozes gritam cheias de afflicção e de imperio: «Á esquerda! á esquerda! á esquerda!» O burro porém quanto mais lhe gritam «á esquerda» mais trota desenfreadamente pela direita. Depois de trotar, galopa, escoicinha, ornêa estridentemente, com um jubilo sensual, feroz, illimitado. Por fim as cilhas estalam, o cavalleiro desaba ao fundo de um fôssco, abraçado á sella, acavallo no rabicho, e o burro profugo desaparece atravez dos campos n'uma corrida lubrica e interminavel.

Entre os typos das Caldas temos ainda, além do promotor dos *pic-nics*, das *soirées*, das pescas e dos almoços com dansa, varios outros que importa classificar. A saber:

*O jocoso.* Encarrega-se de fazer rir as senhoras, e para este fim ri-se elle mesmo, sempre, continuamente, de tudo. Aparece pela manhã e principia logo de longe a apontar com o dedo e a rir — a rir de uma coisa da vespera...

— « Ah! ah! ah!... E além a viscondessinha tambem a rir! ah! ah! ah! ah! Ai meu Deus! não quero que me lembre... ah! ah! ah!... eu estalo! eu rebento! » E atira-se para um banco a rir. O banco tomba; elle cáe para traz; rola-se na relva, dá uma cambalhota, faz de rã com as mãos no chão, deita a lingua de fóra, coacha, cacareja, canta de gallo. E a hilaridade dos circumstantes não conhece barreiras. As senhoras idosas dizem:

— « É um vivo demonio de graça! que jovialidade que tem o mafarrico! »

Elle á noite, quando se desabotôa, sente-se tão fatigado de ser assim alegre, que chora meia hora antes de se recolher — para descansar.

*O poeta.* Tem o cabello comprido, penteado para traz das orelhas. Traz debaixo do braço um « Lamartine » que quer lêr ás senhoras debaixo das arvores. Tem os olhos meigos e tristes como os de uma vitella mamôna morta. Os paes quando elle chega levantam as bengalas. Á noite no club, depois dos primeiros lanceiros, vae para ao pé do piano, em que uma pianista preludia uma valsa, e, alteando o peito, mette uma mão na abertura do collete, passa a outra pela frente, crava os olhos n'um canto, e principia:

« Lembras-te, Elisa... »

*O indigena.* É um pequeno proprietario das circumvisinhanças ou um empregado publico do sitio. No inverno economisa; traz um chale-manta velho e tamancos; é do voltarete do abbade, dos cavacos da botica e da loja nova. O verão é a sua estação de luxo. A chegada dos primeiros banhistas é o rebate para o reaparecimento das suas gravatas de riscas e das suas botinas de pellica gaspeadas de polimento. Tem lido com attenção e assiduidade o *Primeiro de Janeiro*, se habita do Vouga para cima, ou o *Diario de Noticias* se habita do Vouga para baixo. Sabe tudo o que se passou nas cidades durante o inverno. Folga de se mostrar ao facto de todos os interesses da vida elegante, e pede sempre noticias do actor Taborda.

*A mulher do indigena.* Usa as modas da estação antecedente e chama « um bando de doudas » ás que usam as modas da estação corrente, que ella ha-de por seu turno adoptar na estação seguinte. Morre por dançar. Escandalisa-a que a não tire para par senão o amanuense da administração e o do correio ou o pagador das obras

publicas, dos quaes ella está farta por ter tido que os aturar em conversação durante todo o inverno. Deita banha de mais no cabello, por despeito; e as suas luvas de fio de Escocia cheiram a maçãs camoezas.

*O musico.* Individuo esquerdo, encolhido, de poucas fallas, com um sorriso obsequioso. Vae para onde o levam. Toca a *Prece da Virgem* ao piano. Sabe tambem uma valsa e uma contradança que constituem o seu prestimo de salão. É muito estimado. No fim da quadrilha ha sempre quem lhe venha collocar sobre o piano uma chavena de chá com tres nacos de pão de ló mettidos no pires. As crianças affeioam-se-lhe a ponto de lhe despejarem limonada no chapeu e de lhe metterem nas algibeiras do fraque, enquanto elle toca a *Prece*, os restos das fatias de pão com manteiga molhadas em chá com leite.

*O brasileiro doente.* Perpassa melancolicamente na paisagem como a figura triste do morbo. Nariz afilado, orelhas salientes, mãos descarnadas, bonet, calças brancas, sapatos de ourello, embuçado n'uma capa. Quando elle se dirige a outros enfermos ou os outros enfermos se dirigem a elle nunca se cumprimentam senão por partes:

— « Como vae a perna? » — « Como está o figado? » — « Que é feito do estomogo? »

E em vez de apertarem a mão, mostram o artelho, desabotoam o collete ou deitam a lingua de fóra.

Esta sociedade invalida tem as suas respectivas senhoras, que jogam um pouco a manilha, conhecem as differenças atmosphericas pela sua dôr no joelho, e vão sempre ao banho.



Mas não vão nunca ao *pic-nic*.

Nas visinhanças das Caldas da Rainha, a distancia de se poder ir e voltar no mesmo dia, fica S. Martinho do Porto, em cuja linda bahia se fazem partidas de bote e em cuja praia ha casas apropriadas á organização dos *pic-nics*; a Lagôa de Obidos em que se fazem pescas annunciadas na Villa, ao domingo, depois da missa; e finalmente Alcobaça e a Batalha, objecto da mais interessante excursão artistica.

---

O mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado da Batalha, e fundado em cumprimento de um voto feito por D. João I na véspera da batalha de Aljubarrota, é o mais bello specimen da architectura gothica existente na Peninsula.

A historia d'este edificio, cujo traçado foi feito por mestre Affonso Domingues, heroe da narrativa do snr. Alexandre Herculano *A abobada*, acha-se no tomo x das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. A mais completa descripção do Mosteiro feita em lingua portugueza é a de Frei Luiz de Sousa na «Chronica de S. Domingos».

Entre as obras primorosas que encerra o mosteiro figura em primeiro logar, pela sua importancia historica, a capella em cujo centro está sepultado n'um tumulo de marmore o rei D. João I e sua mulher a rainha D. Philippa. Sobre o tumulo estão estirados em relêvo inteiro os vultos do rei e da rainha, ambos com a corôa real e os respectivos escudos d'armas, para D. João as quinas assentes sobre a cruz d'Aviz com a orla dos castellos, e para D. Philippa o brazão esquartelado com os leões e as flôres de liz. Em volta do friso da grande arca do jazigo lê-se por entre uma guarnição de folhagens em metade da circumferencia a lettra repetida *il me plet*, e na outra metade a lettra igualmente repetida *por bem*. Na cabeceira do tumulo, onde os soldados francezes abriram um rombo, existem ainda os restos da cruz da jarreteira, de que D. João era cavalleiro, circumdada pela liga com a lettra *Honny soit qui mal y pense*.

Na mesma capella estão collocados os jazigos dos quatro filhos de D. João.

O primeiro é D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino durante a minoridade de D. Affonso V, morto na batalha de Alfarrobeira, casado com D. Isabel, filha do conde de Urgel, D. Jayme, a qual está sepultada junto de seu marido.

Segue-se o tumulo do infante D. Henrique, duque de Vizeu, cujo nome está ligado aos fastos mais brilhantes das navegações portuguezas. A estatua do infante, deitado, vestido d'armas, está collocada sobre o seu tumulo.

O terceiro tumulo, com a divisa *J'ai bien raison*, é o do infante D. João, mestre da ordem de Santiago e condestavel de Portugal.

No quarto jazigo estão as cinzas do infante D. Fernando, o que ficou captivo e morreu em Fez.

Na casa do Capitulo, célebre pela sua magnifica abobada de cantaria, estão collocados dois tumulos: um de D. Affonso v e sua mulher, o outro do principe D. Affonso, filho de D. João II e herdeiro da corôa, que não cingiu por ter fallecido da quêda de um cavallo, junto de Santarem, aos dezeseis annos de idade. Na mesma casa, em um dos angulos, no ponto em que nasce um ramo dos arcos que vão formar a abobada, está uma pequena estatua, de vestido talar e touca, tendo uma regua na mão, e suppondo-se representar o architecto francez Auguet, que succedeu ao mestre Affonso Domingues na direcção d'estas obras.

No claustro acha-se a sepultura de D. Justo, que veio da Italia, chamado por D. Affonso v, para escrever em latim as chronicas do reino, e chegou a ser mais tarde bispo de Ceuta.

A *Capella Imperfeita*, assim chamada por não estar concluida, era destinada, pelo rei D. Manoel que a mandou edificar, para jazigo da familia real. O venturoso principe, passando a edificar para o mesmo fim a igreja de Santa Maria de Belem, abandonou a conclusão da obra da capella da Batalha, á qual falta, por essa razão, a grande abobada que a devia cobrir. Tudo mais está feito. É um primôr do arrendado e phantasioso stylo manuelino. Por entre os mais subtis e mimosos labores que um buril pôde entalhar n'uma joia de oiro e que ali se acham maravilhosamente realisados na pedra, descobrem-se a todo o momento as insignias predilectas de D. Manoel, a cruz de Christo, a esphera armilar, os ornatos de cordões torcidos, a letra E, inicial de *Emmanuel*, e a divisa *Tanyas erei*, propria do navegante e do descobridor, porque quer dizer *buscar regiões desconhecidas*.

A igreja é considerada, por todos os aspectos, um admiravel modelo architectonico, comquanto, vista de tarde, á hora a que eu a visitei, illuminada atravez das suas vidraças coloridas pelo quente e brilhante sol peninsular, não infunda a sensação mystica, o recolhimento solemne, a austera e fria severidade que tanto me impressionára no interior de algumas cathedraes francezas, em *Notre Dame*, por exemplo, vista no inverno, banhada por uma luz cin-

zenta e fria, atravez da qual os fechos das agudas arcarias esmorecem esbatidos na penumbra.

A villa da Batalha, fundada pelos operarios que trabalhavam na edificação do mosteiro e que se domiciliaram em torno d'elle, foi notavel pela producção de azeviche, encontrado em abundancia em varios logares da freguezia de Santa Cruz e nomeadamente no Casal Novo. A exploração das minas de azeviche da Batalha está hoje inteiramente abandonada.

---

De S. Martinho do Porto, onde se chega das Caldas dentro de uma hora, pôde-se seguir para a Marinha Grande por um caminho de ferro americano puxado por bois nas encostas e impellido pelo seu proprio pezo nos declives da estrada. Na Marinha Grande está estabelecida a primeira fabrica de vidros que existe no paiz, situada a cerca de um kilometro da orla do pinhal de Leiria.

---

O mosteiro de Alcobça foi fundado por D. Affonso Henriques, o qual, segundo os chronistas cistercienses, vindo de Coimbra para a conquista de Santarem, prometteu, ao chegar á serra de Albar das, doar a S. Bernardo e aos seus monges, se lograsse a tomada de Santarem aos mouros, todas as terras que avistava d'aquelles montes, aguas vertentes ao mar. Foi lançada pelo proprio rei a primeira pedra da capella-mór do mosteiro, cujo primeiro abbade foi Ranolph, mandado de França por S. Bernardo.

O que actualmente existe do antigo mosteiro foi feito muito posteriormente. A sacristia e o côro são obra de D. Manoel. Como obra de architectura, o mosteiro de Alcobça tem principalmente de notavel a sua enorme vastidão, podendo conter cerca de mil monges. Tem uma bella porta manuelina, cinco claustros, um d'elles levantado por D. Diniz e pela rainha Santa Isabel, outro pelo cardeal D. Henrique, outro por D. Affonso vi e os demais á custa da ordem. Os dormitorios são sete.

Os abbades de Alcobça, que primitivamente foram fronteirismôres levando á guerra tropas sustentadas á sua custa, eram se-

nhores de quatorze villas, entrando nas terras dos seus coutos os portos de S. Martinho, Pederneira e Salir; possuíam rendimentos enormes; tinham imperio no civil e no crime nas terras da sua jurisdição; e a unica «conhecença» por via da qual se consideravam dependentes da corôa era a obrigação que tinham de dar ao rei, quando elle passasse em Alcobça, um par de botas ou de sapatos á escolha do principe.

A livraria do mosteiro, cuja casa ainda hoje se conserva, foi por muito tempo a mais rica do paiz, contendo preciosos manuscritos e sendo o deposito de todos os papeis da corôa emquanto se não fundou o archivo da Torre do Tombo.

Aos monges de Alcobça devem-se os primeiros estudos publicos que se abriram em Portugal no seculo XIII, os conselhos dados a D. Diniz para a fundação da Universidade, e o abono das quantias com que se pagaram os honorarios dos primeiros lentes.

Em Alcobça estão os tumulos de D. Affonso II com sua mulher D. Urraca, de D. Affonso III com a rainha D. Brites, de D. Pedro Affonso, irmão de D. Affonso Henriques, cavalleiro, soldado, embaixador em França, amigo de S. Bernardo, que conheceu em Claraval, e finalmente monge em Alcobça, onde tomou o habito e morreu em cheiro de santo.

O mais bello porém de todos os mausoleus que existem no mosteiro é o de Pedro I e de Ignez de Castro, de ao pé do qual todo o romeiro pensativo manda uma lembrança terna aos seus remotos amores.

Á similhaça de Chartres, egualmente célebre pela sua torre e pelo seu pastel, Alcobça accumula a importancia historica do seu convento com a dos seus pomares, de sorte que todo o viajante que ali passa se retira com uma nota na carteira e com um pecego no estomago.

---

O numero dos doentes que concorrem ás Caldas da Rainha é de 2:000 a 3:000, não contando 1:400 a 1:700 pobres que entram no hospital, onde se acham sempre promptas 400 camas e onde podem ser armadas 500.

A estação dura cinco mezes e meio, desde 15 de maio até o fim de outubro.

No hospital ha um medico para a enfermaria de cada sexo e

um cirurgião. Os banhos nas piscinas do estabelecimento são gratuitos. Os doentes que residem no hospital tomam os banhos até ás 6 horas da manhã, ficando as piscinas patentes ao publico desde as 7.

No Club, além do salão de musica e de baile, ha um bilhar, um gabinete de leitura e uma pequena bibliotheca.

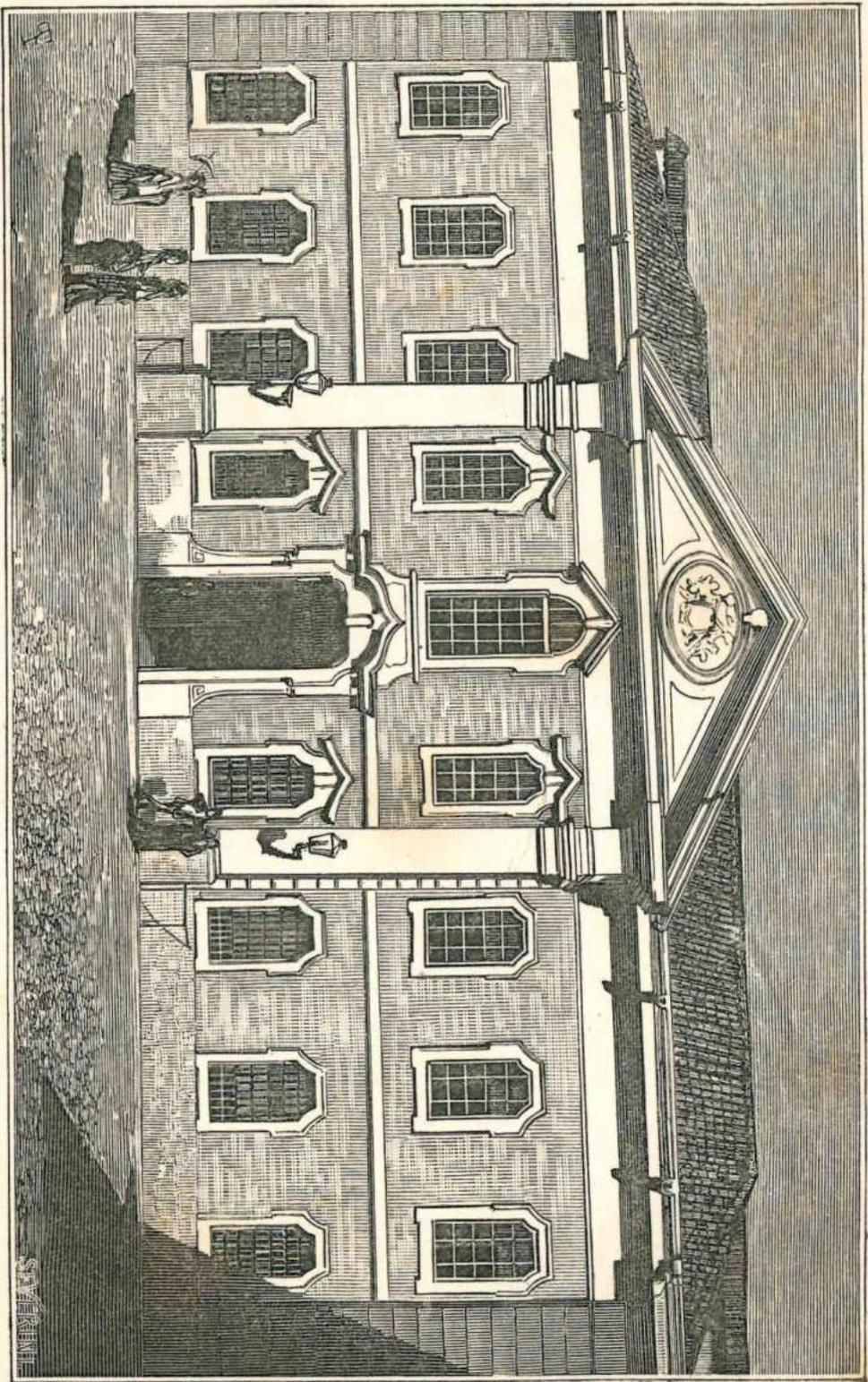
Segundo o snr. Agostinho Vicente Lourenço, as aguas thermaes das Caldas da Rainha merecem particular attenção, tanto pelo grande numero de doentes que a ellas concorrem como pelo valor medicinal que ellas têm. Foram submettidas a um estudo minucioso conjunctamente com as das Caldas das Gayeiras e as duas fontes salino-sulphureas da villa de Obidos. Proveem de um abundante manancial capaz de alimentar um estabelecimento dez vezes maior, e rebentam do solo em grossos borbotões, acompanhadas de azote e de acido carbonico, no mesmo logar onde estão construidos tres grandes tanques. São limpidas e transparentes na fonte, levemente salobras, com gosto e cheiro bem pronunciado de aguas sulphureas. Recolhidas com cuidado em frascos hermeticamente fechados conservam as suas propriedades por muito tempo. As analyses feitas na agua dos tanques, assim como na do pocinho d'onde se tira a que se emprega para uso interno, mostram que todas as fontes são alimentadas pela agua de um unico e abundantissimo manancial. A temperatura da agua observada em todos os tres tanques foi de 33°,8<sup>c</sup>, sendo a do ar exterior 26° c. 1:000 grammas de agua deixam pela evaporação 2<sup>gr</sup>,785 de residuo solido, formado pelos seguintes saes: chlorureto de sodio, sulphatos de cal, magnesia, silica, etc. A mesma quantidade de agua contém 0,8<sup>gr</sup>0085 de acido sulphydrico.

Das aguas das Caldas da Rainha ha um estudo importante do snr. visconde de Villa Maior, actual reitor da Universidade de Coimbra. Este illustre academico, o primeiro que modernamente se occupou, durante as suas viagens no paiz, de estudos d'esta natureza, é egualmente auctor de uma analyse das Caldas do Gerez.

O nome de Caldas da Rainha procede de haver sido o estabelecimento dos banhos e o hospital fundados pela rainha D. Leonor, que os dotou das suas proprias rendas em 1484.

O estabelecimento foi reedificado por D. João v em 1747.

Nas circumvisinhanças das Caldas da Rainha existem cinco fontes thermaes, ás quaes se refere no seu relatorio o snr. Agostinho Vicente Lourenço, nos termos seguintes:



CALDAS DA RAINHA - (HOSPITAL DA COPA)



## AGUAS DAS CALDAS DE GAYEIRAS

Estas aguas estão situadas entre as villas das Caldas e de Obidos. O nome d'estas Caldas provém da pequena povoação onde existem. Brotam do fundo de uma piscina construida dentro de uma casa de abobada. Estão inteiramente abandonadas, apesar de serem dignas de melhor sorte. A especie é a mesma que a das Caldas da Rainha. Têm as mesmas propriedades physicas, e com pequena differença a mesma composição chimica. A temperatura na fonte foi de  $32^{\circ},8^{\circ}$ , sendo de  $23^{\circ}$  a do ar ambiente. 1:000 grammas de agua contêm  $0^{\text{gr}},008657$  de acido sulphydrico, e egual quantidade deixa pela evaporação e dissecação até  $180^{\circ}$ , um residuo solido de  $2^{\text{gr}},2766$ , composto dos mesmos elementos que o das aguas das Caldas da Rainha.

---

## AGUAS SALINO-SULPHUREAS DE OBIDOS

Brotam em duas fontes entre o antigo convento dos Arrabidos das Gayeiras e a igreja da villa de Obidos. Formam a pequena distancia uma especie de lago e parece provirem do mesmo manancial. São pouco aproveitadas e correm, uma d'ellas para um ribeiro visinho por uma calleira a céu aberto, e a outra por um canal natural subterraneo.

Posto que procedendo aparentemente da mesma origem, apresentam estas aguas uma pequena differença na sua temperatura e composição chimica, devidas ao esfriamento que soffrem ou ás substancias que dissolvem no seu caminho. As referidas fontes não têm denominações particulares, mas pela situação em que se acham distingue-as o dr. Agostinho Vicente Lourenço em fonte dos Arrabidos e fonte de Obidos.

FONTE DOS ARRABIDOS—Está mais proxima do convento que de Obidos, distando do convento cerca de 1 kilometro. A agua deixa na sua passagem um deposito alvacento e amarellado de

enxofre precipitado. É limpida e transparente, levemente salobra e com gosto e cheiro proprios das aguas sulphureas. A sua temperatura é de  $29^{\circ},2^{\circ}$ , sendo de  $24^{\circ}$  a do ar ambiente. 1:000 grammas de agua contêm  $0^{\text{gr}},004169$  de acido sulphydrico; egual quantidade de agua deixou pela evaporação  $2^{\text{gr}},564$  de residuo solido, formado principalmente de chlorureto de sodio, sulphatos de soda, potassa, cal e magnesia, carbonatos de cal e magnesia, silica, etc.

FONTE DE OBIDOS — Esta agua brota em grande abundancia na margem do rio, e deixa no seu trajecto um grande precipitado de enxofre. Dista pouco mais ou menos 2 kilometros da igreja de Obidos, e outro tanto da quinta das Janellas, e 200 metros da fonte precedente, com cuja agua tem grande analogia nas suas propriedades physicas e composição chimica. A sua temperatura é de  $27^{\circ},4^{\circ}$ , sendo de  $23^{\circ}$  a do ar ambiente. 1:000 grammas de agua contêm  $2^{\text{gr}},7325$  de residuo solido, formado dos mesmos elementos que o precedente, e com pequena differença nas mesmas proporções. A mesma quantidade de agua encerra  $0^{\text{gr}},004465$  de acido sulphydrico.

---

## CALDAS DE AGUAS SANTAS

Estão situadas a 2 kilometros da villa das Caldas da Rainha, e tomaram o seu nome da circumstancia de terem curado, quando brotavam ainda ao ar livre, varias molestias cutaneas e principalmente as dartroses sêccas e a elephantiase tuberculosa.

O estabelecimento actual foi modestamente fundado pela caridade publica em 1855 a 1856, achando-se desde então a cargo da municipalidade respectiva.

Brotam n'um terreno de grez, em solo areento. São limpidas e transparentes, sem gosto nem cheiro, muito leves e potaveis, e apresentam alguns vestigios duvidosos de acido sulphydrico. 1:000 grammas deixaram ao distincto chimico Agostinho Vicente Lourenço  $0^{\text{gr}},219$  de residuo solido, formado de chloruretos de sodio e magnesia, sulphatos de potassa, soda, cal e magnesia, carbonatos de cal, magnesia e ferro, e silica. Estas aguas são frias, e marcaram  $20^{\circ},4^{\circ}$  de temperatura quando a do ar ambiente á sombra era de  $22^{\circ}$ .

No *Aquilegio medicinal*, especie de catalogo hydrologico, escripto no seculo passado pelo dr. Francisco da Fonseca Henriques, medico de D. João v, citam-se, como existentes nas proximidades das Caldas da Rainha, as *Caldas da Quinta dos Freires*, as *Caldas da Quinta das Flôres* e as *Caldas de S. Mamede*.

No *Aquilegio* se queixa o auctor da incompetencia scientifica que no seu tempo tinham os provedores do hospital das Caldas da Rainha escolhidos entre os religiosos da ordem de S. João Evangelista. Eis a este respeito as palavras do dr. Henriques, curiosas como estylo tecnico da época e como revelação dos espiritos arrojados e aventureiros do doutor na liça das experimentações tão sympathica aos antigos empiricos:

« Tambem servem estas caldas (as da Rainha) para confortar as partes nervosas, que ficam offendidas dos estupores e parlesias espurios; que ainda que estes achaques se curam com leytes e banhos de agoa tepida: depois de curados, ficam as partes lesas na precisa necessidade de se corroborarem. E serviriam para muytos mais achaques, se nos Medicos, que assistirão n'ellas, tivesse havido *uma atrevida curiosidade* em adiantar as experiencias dos banhos; mas he lastima, que se não admittão n'elles, senão os doentes, que vão com estupores e outros males, em que sem duvida se tem observado a sua efficacia; porque d'esta sorte, nunca se poderão ampliar as experiencias; nem se virá em conhecimento de que tenham mais virtudes, que para os ditos achaques; quando é certo que aquellas senão podem investigar pelo discurso, e que só nos effeitos se manifestam, e por elles se alcançam. »

O doutor Henriques reconhece em outros lanços o perigo das *experiencias* feitas por este modo e opina que não é mau alliar a *atrevida curiosidade* com uma certa dóse de prudencia. Referindo-se, por exemplo, ás Caldas da Covilhã, das quaes não encontramos analyse feita pela chimica moderna, diz o *Aquilegio* que esta agua sulphurea é remedio de « achaques frios de juntas, e nervos; porque cura gotta arthetica, tolhimentos de braços e pernas, e assim tambem costuma curar os achaques cutaneos, como proidos, impigens, bustellas e uzagres, segundo as experiencias que nos communicaram, em consideração das quaes entendemos que tambem serão uteis estes banhos para parlisias, estupôres, vertigens, debilidade de estamago e outros achaques semelhantes, em que devem usar-se com *prudencia e curiosidade*, a fim de alcançar quaes sejam as virtudes d'esta agua, *que só pelos effeitos se reconhecem.* »

Ora os effeitos duvidosos podem convidar muito a curiosidade a experiencias *in anima vili* ou a experiencias feitas nos outros,

mas repugnam algum tanto em experiencias que tenhamos de fazer sobre nós mesmos. Comprehende-se que apesar das exortações do auctor do *Aquilegio*, haja uma certa moderação no appetite de experimentar um remedio cujos resultados offerecem esta ligeira incerteza: poderem ser extremamente beneficos ou extremamente nocivos! É o caso da *Fonte do Araganho*, á qual o *Aquilegio* consagra as linhas seguintes:

« No logar de Crasto de Avelans, termo de Bragança, está uma fonte a que chamão do Araganho, porque cura as creanças que se não podem nutrir, nem medrar, ainda que mamem bom leite, achaque a que os moradores d'aquella terra chamam araganho. E não só este, mas outros mais achaques curam nos meninos banhando-os, e lavando-os na dita fonte ao nascer do sol, não lhe vestindo mais as roupas de que usavam; e tem mostrado a experiencia que em poucos dias melhoram, e se nutrem; e os que não melhorão morrem logo. »

---

## AGUAS DA FONTE DOS CUCOS

Estas aguas estão situadas a 2 kilometros de Torres Vedras, entre Torres Vedras e Runa. O sitio e as suas redondezas, em que se cultivam muitas vinhas e se fabricam excellentemente pequenos queijos e requeijões de leite de ovelha, é muito aprasivel, ainda que improprio para um estabelecimento de banhos. O manancial é pouco abundante. As aguas brotam no fundo de um fosso oblongo paralelo ao rio e dividido d'elle por uma tenue separação natural. Os banhos são ministrados debaixo de barracas de madeira em tinas de madeira cravadas no local em que nascem as aguas. O rio chama-se Sizandro, é affluente do Arnoia e nasce a uma legua ao Sul do Sobral de Monte-Agraço. Tem sete leguas de curso e desagua no Oceano a 15 kilometros ao norte da Ericeira. O trajecto de Lisboa a Torres Vedras faz-se por duas linhas: ou pelo caminho de ferro, sahindo na estação da Alhandra e tomando ahi a diligencia, ou partindo de Lisboa em uma diligencia que sae do Rocio e vae directamente a Torres pelo preço de 1\$000 réis. Em Torres Vedras ha uma ou duas carruagens de aluguel e a estrada até o banho é carruajavel. Em Torres ha duas hospedarias e varias casas para alugar. Nos Cucos ha tambem pequenas casas de um só pavimento terreo. Em Runa fica o excellento asylo militar chamado dos Inva-

lidos de Runa, fundado pela princeza do Brazil, D. Maria Francisca Benedicta, viuva do principe D. José, filha de el-rei D. José e irmã da rainha D. Maria I.

Torres Vedras, cujo nome é derivado por corruptela da expressão *Turres Veteres*, da baixa latinidade, é uma das mais antigas villas de Portugal. No tempo da dominação arabe os mouros estimavam-a muito pelos bons ares, em virtude dos quaes muitas pessoas se recolhiam n'ella em occasião de pestes e de contagios, e ainda pela fertilidade dos seus campos, vinhas, hortas e pomares. Foi uma das primeiras terras que D. Affonso Henriques desinfectou dos mouros depois da tomada de Santarem, segundo refere Camões nos seguintes versos:

Já lhe obedece toda a Estremadura,  
Obidos, Alemquer, por onde sôa  
O tom de frescas aguas entre as pedras  
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

Torres Vedras foi algumas vezes residencia da côrte nos reinados de D. Diniz, de D. Affonso IV e de D. Fernando. Foi em Torres Vedras que D. João I reuniu em 1413 o conselho em que se decidiu a empreza de Ceuta, e que as côrtes reunidas em 1441 trataram o casamento de D. Affonso V, então menor, com sua prima D. Isabel, filha do regente do reino o infante D. Pedro. Foi ainda em Torres Vedras que D. João II se recolheu com sua mulher, indo praticar exercicios de caridade no convento do Varatojo por occasião da morte do principe herdeiro.

A villa de Torres Vedras tem um papel importante na historia contemporanea pelas importantes obras de fortificação que n'ella se construíram, com o nome de Linhas de defeza de Torres Vedras, por occasião da invasão franceza pelo exercito de Massena em 1810. Foi por este tempo que lord Wellington recebeu o titulo de marquez de Torres Vedras. Mais tarde se feriu n'este logar uma das mais importantes batalhas da revolução popular de 1846.

Os banhos dos Cucos são muito pouco concorridos, comquanto eu tenha ouvido exaltar muito as suas virtudes therapeuticas, principalmente no tratamento da gotta. Ao dr. Brandt, distincto medico, meu amigo, actualmente estabelecido no Porto, ouvi fazer d'estas aguas o maior elogio. Mistress Brandt, padecendo as maiores horriveis dôres de cabeça e tendo consultado os mais illustres medicos da Europa, curou-se com poucos banhos da Fonte dos Cucos, reconhecendo-se que era a gotta a causa do seu atroz padecimento.

Segundo o dr. Agostinho Vicente Lourenço, as aguas são algum tanto turvas, levemente salobras e fraquissimamente alcalinas. A sua temperatura é de 32° c, sendo de 22° c a do ar ambiente. 1:000 grammas de agua evaporada á seccura deram de residuo solido 3<sup>gr</sup>,457, formado principalmente de chloruretos de sodio, potassio, calcio e magnesia, sulphato de cal, carbonatos de cal e magnesia, silica, etc.

A cerca de 500 metros da Fonte dos Cucos, perto da estrada de Runa para Torres Vedras, a 1 kilometro da villa, ficam as *Aguas da Fonte de Torres Vedras*, nas quaes se estabelecem banhos durante o verão. Esta agua é limpida e transparente, mui levemente salobra, e não deixa sedimento. Marca 21° c, temperatura igual á do ambiente quando se fez a observação. 1:000 grammas de agua deram 2<sup>gr</sup>,442 de residuo solido, composto de chloruretos de sodio e magnesia, sulphatos de potassa, cal e magnesia, e carbonatos de cal e magnesia.

---

## AGUAS DAS FONTES DO VIMEIRO

Brotam na povoação chamada de Maceira a 1 kilometro do lugar de Vimeiro. Rebentam de quatro fontes nas margens de um ribeiro, uma á direita e tres á margem esquerda. São transparentes. A sua temperatura é de 24°, sendo de 22° a do ambiente. 1:000 grammas de agua deixaram 0<sup>gr</sup>,826 de residuo solido formado de chloruretos de sodio e magnesia, sulphatos de potassa, cal e magnesia, e silica.

---

## AGUAS DOS CHAFARIZES DE EL-REI E DE ANDALUZ

Em Lisboa ha, além das aguas do *Doutor Lourenço*, das *Alcaçarias*, das *Alcaçarias do Duque*, de *D. Clara* e do *Doutor*, dois

chafarizes de agua mineral: o *Chafariz de El-Rei* e o *Chafariz de Andaluz*.

As aguas do Chafariz de El-Rei brotam a cerca de 100 metros das Alcaçarias. Duas das suas fontes alimentam oito bicas do grande chafariz que lhes dá o nome.

As fontes restantes, diversas entre si e diferentes das antecedentes, alimentam reunidas a nona bica do chafariz, que é a ultima do lado do arsenal do exercito.

As primeiras, que correm nas oito bicas, têm approximadamente a mesma composição que as das Alcaçarias. A sua temperatura é de 29°, sendo de 27° a do ar exterior. 1:000 grammas de agua deixaram 0<sup>gr</sup>,6442 de residuo solido, formado de chlorureto de sodio, sulphatos de potassa e cal e carbonatos de cal, magnesia e protoxydo de ferro.

A agua das referidas fontes é potavel e por ventura a melhor de Lisboa.

As aguas do *Chafariz de Andaluz* brotam no largo de Andaluz, do lado do norte do convento de Santa Joanna. São salobras e frias, marcando 22° ° quando a temperatura exterior é de 26°,5°.

O snr. Agostinho Vicente Lourenço opina que, bem aproveitadas, estas aguas seriam uteis no tratamento de molestias cutaneas.

---

## AGUAS DAS FONTES DE CASCAES

A cerca de 3 kilometros da villa de Cascaes e no concelho d'este nome, existem, proximas umas das outras, tres fontes de agua mineral salina muriatica. Estas fontes denominam-se *de Santo Antonio do Estoril*, *do Estoril* e *da Poça*. A primeira é fria; as duas outras são thermaes tepidas.

FONTE DE SANTO ANTONIO DO ESTORIL — Brota no fundo de um poço de onde são elevadas para servirem em banhos frios ou amornados, na cerca do convento de Santo Antonio do Estoril. São limpidas e não deixam sedimento. A sua temperatura é a do ar ambiente. 1:000 grammas de agua deixam pela evaporação 1<sup>gr</sup>,174 de residuo solido, formado de chloruretos de sodio, potassio e calcio, sulphato de cal, carbonatos de cal e magnesia e silica. São levemente salobras.

FONTE DA POÇA — Rebentam estas aguas á beira-mar e são recolhidas em um pequeno estabelecimento mandado construir pela camara municipal de Cascaes. São da mesma natureza que as da *Fonte do Estoril*, apresentando não só as mesmas propriedades physicas mas a mesma composição chimica. A temperatura achada, com pequena differença, foi de 27° c, sendo de 16° c a do ar exterior. A evaporação de 1:000 grammas d'esta agua deixa 3<sup>gr</sup>,111 de residuo solido, composto de chloruretos de sodio, potassio, magnesia e calcio, sulphato de cal, carbonatos de cal e magnesia e silica.

FONTE DO ESTORIL — É das tres aguas de Cascaes a de melhor situação. Brota na encosta de uma collina, de onde é encaçada para uma casa de banhos, susceptivel de se tornar um estabelecimento importante. A agua é clara, transparente, salobra e inodora, e não deixa sedimento. A sua temperatura é de 28° c, sendo de 16° c a do ar exterior. 1:000 grammas de agua deixam pela evaporação 3<sup>gr</sup>,57 de residuo solido, composto principalmente de chloruretos de sodio, potassio, magnesia e calcio, sulphato de cal, carbonatos de cal e magnesia e silica. O chlorureto de sodio é o sal que predomina na composição d'estas aguas.

# PROVINCIA DO ALEMTEJO

---

## AGUAS DE CABEÇO DE VIDE



Em uma memoria ácerca da natureza e antiguidade das aguas mineraes de Cabeço de Vide, apresentada á Academia Real das Sciencias por Francisco Xavier de Almeida Pimenta, em 1820, lêem-se as seguintes linhas:

Cabeço de Vide está situado na provincia do Alemtejo e no meio do terreno comprehendido entre Portalegre, Crato, Alter do Chão, Fronteira, Souzel, Estremoz, Veiros, Monforte, Assumar e Arronches. Tem uma collegiada com Prior e tres Beneficiados, e conta a parochia 280 fogos dentro da villa, além de alguns que habitam nos montes ou herdades. Tem casa de Misericordia com hospital, que tem de rendimento annual tres mil cruzados; e uma albergaria chamada do Espirito Santo, que tem 100\$000 reis de

renda, pouco mais ou menos, a qual tem sómente obrigação de curar todos os annos dois pobres doentes, e o resto do seu rendimento (!) se consome em encargos pios. Tem a villa muralhas antigas já quasi demolidas, e um castello no mesmo estado. Cabeço de Vide está na encosta occidental de um monte, e se estende até á planicie que fórma o rocio da villa. Este monte é formado por bancos de marmore, dispostas as camadas verticalmente, apparecendo á superficie da terra em muitas partes com um aspecto schistoso.

Entre muitas camadas de marmore apparecem algumas, em que a terra siliciosa unida á cal fórma uma especie de marmore areno-schistoso com laminas de menor grossura que uma pollegada. Em roda da villa ha varias pedreiras de que se tem extrahido bella cantaria e pedra para os fornos de cal. O terreno superficial é composto de argilla, cal, areia e humus: produz bom trigo, azeite e algum vinho, etc.

O ar é sadio, as aguas más, como as dos terrenos calcarios, deixando nos vasos em que se conserva uma codea calcarea. A villa tem falta de muitas commodidades para os estrangeiros: porém a visinhança de Portalegre e Extremoz lhes fornece muitas coisas de que precisam, e se o concurso dos enfermos continuar não faltarão providencias para as commodidades. As aguas d'esta villa começam a chamar os doentes de toda a provincia do Alemtejo e Extremadura hispanhola, e se não afrouxar a concorrência, poderá ser ainda um dia uma das melhores villas da provincia.

A villa prosperou effectivamente até 1853, como diz Almeida Pimenta, mas nos ultimos vinte annos o numero dos seus fogos baixou de 360 a 320, perdeu a sua cathegoria de municipio e é hoje uma simples freguezia de Alter do Chão. O snr. José Silvestre Ribeiro em um interessante e consciencioso esboço historico-administrativo das aguas mineraes de Cabeço de Vide refere-se a este estado de coisas e indica patrioticamente os meios de o melhorar.

Em 1855, por diligencias do governador civil do districto o snr. Palmeiro Pinto, inauguraram-se em Castello de Vide os trabalhos da construcção do actual estabelecimento de banhos, cuja descripção encontramos transcripta na memoria do snr. José Silvestre Ribeiro, nos termos seguintes:

O novo edificio, se não tem uma apparencia luxuosa, é bastante elegante pela fórma muito regular, tendo na face que olha para o norte duas partes bastante amplas nas extremidades oppostas, e entre ellas quatro janellas grandes bem envidraçadas; na

face opposta ao sul, seis janellas fronteiras egualmente bem envidraçadas. Uma das portas dá entrada para uma bella e espaçosa sala de espera, bem fasquiada e decentemente mobilada; e outra dá serventia para uma pequena casa que serve de arrecadação, contigua a outra mais espaçosa, na qual está collocada uma grande caldeira em que se aquece a agua destinada aos banhos quentes. Entre estas tres casas estende-se um corredor bastante largo e espaçoso, que separa para um e outro lado quartos destinados aos banhos frios e quentes e abafo. As casas todas são confortaveis e têm janellas proporcionadas á sua capacidade.

Além das tinas dos quartos reservados, ha dois grandes tanques forrados de azulejo em que poderiam banhar-se dez pessoas, e nos quaes se dão banhos gratuitos aos pobres.

A agua, tanto fria como quente, é conduzida dos reservatorios por meio de tubos praticados nas paredes e terminados por torneiras collocadas sobre as tinas onde se temperam convenientemente.

Na frente do edificio ha um pateo arborizado, com exposição amena e aprasivel.

As aguas de Cabeço de Vide que examinamos, diz o snr. Agostinho Vicente Lourenço, foram colhidas de duas fontes: uma que fornece a de uso externo, e outra a do uso interno. Ambas são muito semelhantes quanto ás suas propriedades physicas, mas variam um pouco pelo que toca á sua mineralisação.

*Aguas de uso externo:* 1:000 grammas d'esta agua examinada por meio de dissolução de iode deram 0<sup>gr</sup>,00693 de acido sulphydrico, resultado apresentado com reserva emquanto um estudo mais completo nos não dêr occasião de pronunciar definitivamente o nosso juizo a este respeito. Igual quantidade de agua evaporada até á seccura deixou 0<sup>gr</sup>,3225 de residuo solido, composto de chloretos alcalinos, carbonatos de cal, magnesia e soda, silica, etc. A sua temperatura varia entre 25° e 25,5 centigrados.

*Agua de uso interno:* Esta agua tem as mesmas propriedades physicas que a precedente. Tratada pela dissolução de iode deu 0<sup>gr</sup>,00455 de acido sulphydrico por 1:000 grammas de agua, e igual quantidade evaporada até a seccura deu 0<sup>gr</sup>,23 de residuo solido contendo os mesmos elementos que o antecedente, mas em menores proporções.

O auctor do *Aquilegio* não menciona as aguas de Cabeço de Vide no seu cadastro hydrologico, mas refere de Estremoz que é tal a quantidade das suas aguas que mais parece um logar de Entre Douro e Minho que do Alemtejo. Depois de computar as fontes de Estremoz, entre as quaes cita uma que secca de inverno e re-

benta violentamente no verão, o *Aquilegio* cita os pucaros que n'aquella villa se fabricam e leva o seu enthusiasmo pelos curiosos artefactos d'aquelle barro até recommendar aos doentes de febres malignas e pestilentes que adoptem o pucaro para uso interno, não só bebendo-lhe agua mas até comendo-lhe uma migalhinha do barro pela grande virtude *besoartica e alexipharmaca* que elle encerra.

« Da virtude *besoartica* d'estes pucaros e do seu barro — diz o *Aquilegio* — fallou expressamente com grande exaggeração Ulysses Aldrovando, dizendo que em Portugal havia um barro vermelho, de que faziam preciosos pucaros contra o veneno, fallando com tal individuação que disse que estes se formavam do barro fino e coado; e que eram tão glutinosos que se pegavam aos beiços quando por elles se bebia; affirmando finalmente que tem virtude *besoartica*, com que retunde as qualidades do veneno. Havemos de transcrever aqui as suas palavras. *In Lusitania argilla estruba, ex qua vasa quaedam preciosa adversus venena formantur, sed haec ex hac terra colata frunt; Haec terra, seu vasa ex eadem linguae tactui adeo sunt glutinosa, quod eidem pensilia haereant; in his licor infusus urgente aestu, mirum in modum refrigerat; praeterquam quod venenata potio in hujusmodi vasis sumpra, nequaquam laedere potest, quoniam vis veneni occulta argillae qualitate obtunditur.* »

---

## AGUAS DE ALJUSTREL

D'estas aguas situadas no districto de Beja, junto á ermida de S. João de Deus, a pouco mais de 1 kilometro de Aljustrel, diz o relatorio do snr. Agostinho Vicente Lourenço que brotam de duas fontes: a que está situada no interior da ermida é muito menos mineralizada do que a exterior, comquanto sejam ambas da mesma natureza no que toca á sua composição chimica.

AGUA DA FONTE EXTERIOR — É desde tempos muito remotos empregada no tratamento de doenças externas dos animaes. Sae de uma rocha que serve de alicerce á ermida. É fria, transparente e de côr esverdeada. Tem gosto acre e desagradavel, proveniente da grande quantidade de sulphato de protoxydo de ferro que contém. Exposta ao ar livre ou abandonada em frascos mal fechados torna-se fortemente amarello-avermelhada, em consequencia da oxy-

dação do protoxydo de ferro, depositando depois saes basicos de ferro. Esta agua não é mais que uma dissolução dos elementos que formam uma pyrite de ferro cuprifera, os quaes se tornam solúveis por oxydação. Dá reacção muito acida aos papeis reagentes, e 1:000 grammas deixam 7<sup>gr</sup>,151 de residuo solido, formado principalmente de sulphato de protoxydo de ferro, sulphato de cobre, chloruretos alcalinos, sulphatos de cal, magnesia, alúmina e zinco, silica e bastante arsenico, que attinge 0<sup>gr</sup>,00169 por mil partes.

Em vista d'estes dados, conclue o illustre chimico a que nos referimos, a agua de Aljustrel, tomada internamente, ainda que em pequenas dóses, produzirá o envenenamento.

AGUA DA FONTE INTERIOR — Suppõe o dr. Lourenço ser a mesma que acaba de ser descripta, apenas misturada com sete ou oito vezes o seu volume de agua commum. É limpida, levemente esverdeada; tem gosto apenas stipico, não se cora muito pela exposição ao ar livre e dá fraca reacção acida aos papeis reagentes. 1:000 grammas de agua deram 0<sup>gr</sup>,831 de residuo solido, composto de elementos eguaes aos do precedente. Ás aguas de Aljustrel, tambem chamadas de S. João do Deserto, consagrou o snr. visconde de Villa Maior um estudo minucioso publicado no *Jornal da Sociedade Pharmaceutica*.

---

## AGUAS DE AREZ

Nascem a 5 kilometros de Niza em um rochedo que tem o nome de fonte da Fedegosa. O seu volume orça por um annel de agua. É fria, crystallina, com cheiro e sabor sulphureo. Deixa na sua passagem um deposito cuja primeira camada exterior é alva-centa e a ultima fusca. O medico Francisco Tavares, de cuja memoria extrahimos estes dados, considera a agua de Arez, tambem chamada de Gafete ou de Tolosa, mineralisada pelo gaz hydrogenio-sulphurado e propria para ser bebida ou usada em banho para os effeitos das aguas thermaes.

---

## AGUAS DE MARIA-VIEGAS

Brotam de uma fonte assim chamada, perto de Marvão, no lugar em que a ribeira de Marvão, recebendo a confluencia de outros regatos começa a chamar-se Rio Sever. É fria e tem pouco mais ou menos as propriedades da que precedentemente foi descripta. As pessoas das circumvisinhanças usam d'ella em banhos para tratamento de molestias cutaneas.

---

## AGUAS DA FONTE DE OUGUELLA

Está situada esta fonte perto de Campo Maior em um tracto de terreno fertilissimo em vinhas e olivae, os quaes dizem desenvolverem-se n'este sitio muito mais rapidamente do que em qualquer outro ponto da provincia do Alemtejo. É unica no reino pela consideravel quantidade de nitratos que contém. 1:000 grammas de agua deixaram, examinadas no laboratorio da Escola Polytechnica, 0<sup>gr</sup>,7849 de residuo solido, formado de chlorureto de sodio, sulphato de soda, nitratos de soda e cal, carbonatos de soda e magnesia e silica.

É fria e crystallina, sem cheiro sensivel, mas com sabor azedo e aspero quando colhida na fonte. Recebida em uma vasilha de vidro deixa-a embaciada como se tivera tido leite. Depura-se e fica limpida como qualquer agua potavel tendo-se depositada por algum tempo em vasos de barro, os quaes encerrando-a se tornam exteriormente brancos como se houvessem sido caiados.

---

Elvas é a chave da provincia do Alemtejo. A cidade, construida em fórma de amphitheatro, está situada n'uma grande eminencia a

15 kilometros de Badajoz e a 10 do ribeiro Caya, o qual n'esse ponto demarca a raia de Hispanha. É talvez a mais importante praça d'armas que existe em Portugal. A sua guarnição em tempo de assedio deve ser de 7 mil homens.

Sobre uma das portas da cerca velha da cidade conserva-se a antiga estatua equestre de um homem armado, tendo em punho o estandarte das quinas portuguezas. Esta figura, semelhante á que figura nas armas da cidade, tem a seguinte lenda:

«Um cavalleiro portuguez foi um dia, só, a Badajoz, por occasião de umas festas solemnes, e arrancou o estandarte hispanhol ao cortejo que o conduzia, trazendo-o em seguida até junto dos muros d'Elvas. Ahi, encontrando fechadas as portas da praça, deu a toda a brida tres voltas á fortaleza, e vendo-se finalmente cercado pelos soldados hispanhoes que o tinham seguido, atirou o estandarte para dentro da praça por cima do muro, e deixou-se morrer em seguida na ponta das espadas castelhanas.»

Elvas tem a mais brilhante historia militar pelos diferentes cercos que tem sustentado: o primeiro contra o infante D. João, filho de D. Pedro e de D. Ignez de Castro; o segundo contra D. João I de Hispanha, cujas tropas foram muitas vezes batidas pelos sitiados, que nunca fecharam as portas e sahiram a pelejar com o inimigo, tendo á frente o exforçado governador Gonçalves Fernandes, natural de Beja; o terceiro em 1644, logo depois da Restauração, contra 18 mil castelhanos commandados pelo marquez de Torrecusa, e governando a praça o conde de Alegrete; o quarto em 1658 contra um exercito hispanhol commandado pelo proprio valido de Filippe II D. Luiz de Haro, marquez del Carpio, conde-duque de Olivares, governando Elvas o famoso D. Sancho Manoel, 1.º conde de Villa Flor. Foi por esta occasião tão grande a mortandade na guarnição da praça que chegou a faltar a terra para sepultar os cadaveres. Os fossos eram abertos em rocha e no interior da fortaleza não havia braça de solo que não cobrisse o corpo de um soldado.

O cerco foi levantado pela intervenção de um exercito de socorro commandado pelo conde de Cantanhede, 1.º marquez de Marialva.

Elvas foi ainda bombardeada pelos hispanhoes em 1706, ao mesmo tempo a que o marquez das Minas caminhava sobre Madrid, onde foi aclamado Carlos III.

Cerca de seis annos mais tarde foi ainda a praça sitiada pelo marquez de Bay, o qual levantou o campo ao fim de pouco tempo, indo pôr cerco á praça de Campo-Maior, cuja guarnição comman-

dada pelo conde da Ribeira resistiu victoriosamente, batendo-se do modo mais valoroso e mais heroico.

A celebridade que Elvas adquiriu pelas suas azeitonas não é menos legitima que a que lhe toca pelos seus feitos d'armas. As azeitonas d'Elvas são citadas com grande elogio pelo naturalista Plinio, e na descripção de Portugal, da collecção dos Elzeviros diz-se de Elvas: *Olei bonitate, sine controversia, primus obtinet.*

Os chouriços de Campo Maior, feitos de lombo e de sangue de porco, são uma preciosidade gastronomicas e teriam uma fama igual á dos célebres paos de Bayona, de Strasbourg ou de Lyon, se as pessoas que os fabricam quizessem dar-lhes no commercio dos comestiveis o logar que elles merecem.

# PROVINCIA DO ALGARVE

---

## CALDAS DE MONCHIQUE

Distam estas aguas, que nascem nas faldas da serra de Monchique, 15 kilometros de Villa Nova de Portimão e 5 kilometros da villa de Monchique.

Estão recolhidas em um edificio espaçoso e bem delineado, assente no meio de duas altas montanhas cobertas da mais variada vegetação, a qual tem merecido a Monchique o titulo de Cintra do Algarve.

O estabelecimento offerece accomodações decentes e confortaveis para grande numero de banhistas. Tem sala de musica, de bilhar, etc. As piscinas foram modernamente reconstruidas e satisfazem as principaes condições da hygiene e do conforto.

Durante a estação dos banhos, que abrange os mezes de maio a setembro, as Caldas de Monchique são concorridas por grande numero de banhistas da provincia do Algarve, do Alemtejo e da Andaluzia e outros pontos da Hispanha, da qual o Algarve se acha dividido pelas aguas do Guadiana.

O hospital dos banhos de Monchique foi fundado pela caridade de alguns bispos do Algarve e nomeadamente do prelado D. Francisco Gomes.

Em um relatorio publicado em 1874 pelo medico snr. Francisco Lazaro Cortes, actual director do estabelecimento das Caldas de Monchique, encontramos as seguintes linhas:

Pelo que respeita ao seu principio mineralizador, pertencem estas aguas á primeira classe e primeira especie ou sub-classe (Constantin James, 1870, pag. 18; e E. Basin, 1870, pag. 56), pois que as considero — sulfurosas sodicas. Compreendida a sua temperatura entre 30° e 100° centigrados, reputo-as quentes — (Basin, pag. 88).

Com effeito, quanto á primeira parte, as analyses feitas convencem-nos da existencia do principio sulfuroso, e todas as aguas que contêm uma quantidade ponderavel de enxofre são consideradas — sulfurosas. Aqui a qualidade do elemento mineralizador é tudo para o caracteristico das aguas; em primeiro logar porque este principio se denuncia muito mais facilmente quando se encontra em qualquer quantidade, seja pelas suas propriedades chemicas, seja pelas organolepticas; e, em segundo logar, porque o enxofre é um agente therapeutico muito activo, mesmo que exista em pequenas doses. Comparando hoje as propriedades organolepticas d'estas aguas com a descripção feita pelo dr. Thaddeu em 1789, acha-se uma perfeita exactidão. Exhalam um cheiro *sui generis* d'ovos chocos, que é devido, como todos sabem, ao acido sulphydrico; o seu sabor é hepatico, francamente sulfuroso. São diaphanas na sua emergencia. Logo, contêm ainda o principio sulfuroso. Considero-as tambem sodicas. São pouco mineralizadas, o que não obsta a que tenham propriedades therapeuticas muito activas. Basin, tendo analysado muitas aguas sulfurosas sodicas, diz que um litro de qualquer d'estas aguas não fornece além de 0<sup>gr</sup>,250 a 0<sup>gr</sup>,350 de residuo sêcco; e ficando o numero 0<sup>gr</sup>,2848 de residuo solido das thermas de Monchique, achado pelo dr. Lourenço em 1867, comprehendido nos limites de Basin, e sendo formado de silica, chloruretos e sulphatos alcalinos, carbonatos de cal e magnesia, principios que já haviam sido descobertos pelo dr. Thaddeu — é facil a convicção de que estas aguas são sulfurosas sodicas e que têm hoje as mesmas virtudes que tinham em 1789.

O relatorio do dr. Lazaro Cortes é acompanhado de um interessante quadro nosologico.

Ao viajante, tendo por ponto de partida Lisboa, offerecem-se dois caminhos a seguir para ir a Monchique.

O primeiro é a via maritima no vapor da carreira do Algarve, sendo os preços 7\$500 réis em primeira classe e 6\$500 réis na segunda até Villa Nova de Portimão.

O segundo é a via de terra, cujo itinerario é de Lisboa a Beja pelo caminho de ferro; de Beja a Villa Real e de Villa Real a Portimão.

## CALDAS DE SANTO ANTONIO DE TAVIRA

O doutor Francisco Tavares refere-se a estas Caldas nos termos seguintes:

Junto á cidade de Tavira ha um rocio assás espaçoso cercado de hortas, conventos e casas, chamado a Atalaya, mui agradável pela vista de mar, de rio, e de florestas sempre verdejantes em qualquer estação do anno. Serve elle de passeio publico. O seu solo é de rocha, coberto de terra marnosa. Na parte mais alta d'este rocio, entre a Horta do Tiro e a das Canas, nascem em abundancia uns olhos de agua, que até ha pouco tempo a esta parte sómente serviam ao regadio das hortas visinhas. Esta agua, que causava a quem a bebia uma sensação de gosto não commum, não era conhecida ainda assim por medicinal, emquanto o dr. João Nunes Gago, medico n'aquella cidade, não começou a fazer d'ella util applicação, fundada nos resultados, que assim os reagentes como a evaporação lhe fizeram conhecer, e que as observações têm confirmado e auctorisado. Nasce esta agua mansamente por entre fendas de uma rocha calcarea e em qualquer das tres principaes fendas é abundante, sendo a chamada *Fontinha de Santo Antonio* de quasi uma telha de agua. É constante a quantidade de agua de todas as bicas em qualquer tempo ou estação, depois de grandes sêccas como depois de aturadas chuvas, o que parece mostrar a profundidade do manancial. Ha toda a certeza de que estes olhos, cuja agua é mui crystallina, communicam entre si; adverte-se porém que estagnando por algumas horas perdem a sua diaphaneidade.

Segundo o dr. Lourenço, a temperatura da agua de Santo Antonio de Tavira, constante no verão e no inverno, é de 26° centigrados. 1:000 grammas evaporados á seccura deixam de residuo solido 0<sup>gr</sup>,490, formado principalmente de sulphatos e chloruretos alcalinos, carbonatos de cal e magnesia, silica, e pequenas quantidades de ferro e alúmina.

---

O Algarve é de todas as provincias de Portugal aquella em que mais se conservam os vestigios da dominação arabe. Nos con-

tos populares, nos nomes de muitas villas e aldeias, em varias ruinas de edificações pouco importantes vive ainda a tradição mourisca.

Nos primeiros tempos da monarchia, o Algarve conservou parte da grande importancia que tinha como possessão arabe. Foi no seculo xv a provincia dilecta do infante D. Henrique, que morreu em Sagres. Foi da bahia de Sagres e de Lagos que sahiram as famosas caravellas que descobriram a costa oriental e occidental da Africa.

Monchique foi visitado em 1495 pelo rei D. João II, que tomou ahi os banhos sulphureos, morrendo pouco depois em Alvôr.

D. Sebastião, na sua viagem para a Africa desembarcou em Lagos, e foi igualmente visitar as Caldas de Monchique. Foi na bahia de Lagos que se reuniram todos os navios da armada que tinham de passar á Africa com o formoso exercito destinado a perecer na jornada de Alcacer Quivir.

A decadencia do Algarve principiou com a dominação hispanhola e com a perseguição de Filippe II aos mouros e judeus que habitavam a provincia e que preferiram expatriar-se a acceitar o jugo terrivel do despotismo catholico.

Pelo mesmo tempo uma esquadra ingleza incendeia todas as habitações do Cabo de S. Vicente. Outra esquadra da mesma nação incendeia Faro e saqueia a livraria do insigne litterato o bispo Jeronymo Osorio, parte da qual se diz existir ainda hoje encorporada na bibliotheca de Oxford.

O grande terremoto de 1755 em nenhuma região do paiz causou tantos estragos como no Algarve. Muitas das suas povoações foram inteiramente arrasadas. Em alguns pontos ficou vedada a navegação em resultado das grandes deslocações da areia.

De tão repetidos desastres começa apenas a reviver o Algarve. A industria da terra, tão descurada, presta-se n'esta provincia a importantes desenvolvimentos.

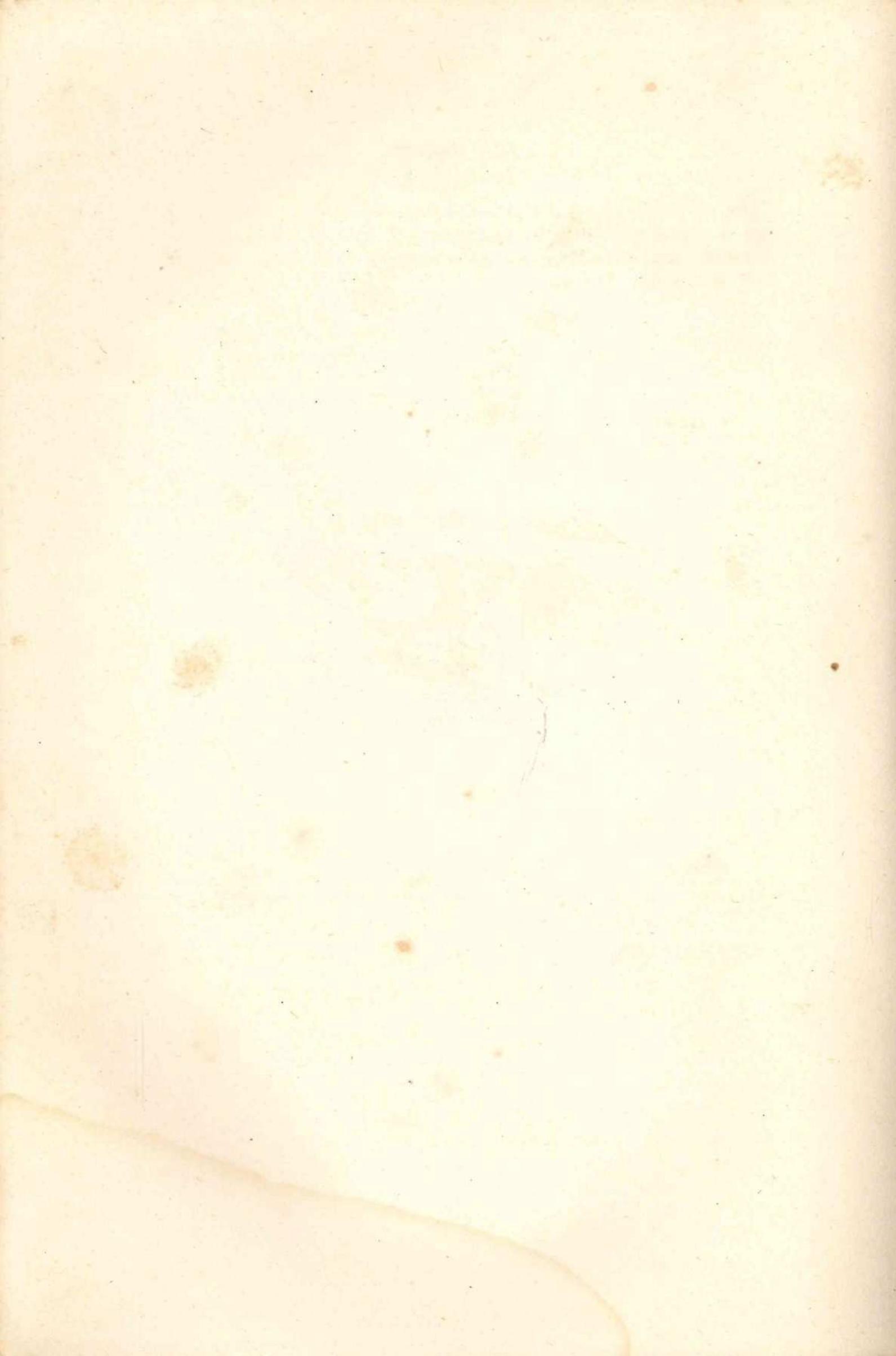
Os algarvios são em geral intelligentes, activos, batalhadores, persistentes. Conhece-se a historia das suas famosas guerrilhas nos tempos de revolução.

Nas povoações do littoral, como Monte Gordo, Fuseta, Olhão, todo o homem é pescador ou marinheiro. A pesca do atum é um dos principaes recursos economicos da provincia.

O algarvio tem a vocação do mar, ama as suas convivencias, as suas aventuras, os seus perigos. Em uma guerra maritima o Algarve poderia dar corsarios tão famosos como Dugay Trouhin, Surcouf ou Niquet. Por occasião da retirada do exercito francez em

1808, de Olhão partiu a embarcação que foi ao Rio de Janeiro levar a noticia da libertação da patria a D. João VI. A embarcação, tripulada com algarvios, que para esse fim atravessou o oceano, era uma simples lancha!









OS BANHOS DE CALDAS ACABAM COM  
A ULTIMA ROSA DO ESTIO

# A VOLTA

---

Os banhos de Caldas terminam com os ultimos dias do estio. O mez de outubro marca o termo das estações thermaes. Um dos prazeres das viagens, o melhor talvez, é esse — de voltar para casa. O viajante é durante a viagem uma personagem integrante do quadro, uma parte d'elle. O verdadeiro expectador, o *dilettanti*, estabelece-se diante das recordações.

É no inverno, com o fogão acceso, quando a chuva rufa nas vidraças, e os albuns se percorrem á luz do candieiro, emquanto se prepara o chá em familia, que um *croquis*, o pequeno desenho de um canto de paisagem, um conto da lareira copiado da tradição oral de uma aldeia, uma flôr sêcca, um perfil, uma nota, nos transporta em espirito aos logares que percorremos e ás scenas que presenciamos.

Então revive, mais coordenado e mais nitido aos nossos olhos, o alegre movimento de um tombadilho; os botes que chegam ao portaló; os amigos que se despedem; os beijos que se trocam; as malas que se içam para bordo; uma certa mulher de véu azul a quem demos a mão para a ajudar a subir; os dois inglezes que passeavam a largas passadas pela tolda; o cheiro da camara; o sacco de noite, a bengala presa a um chapéu de chuva e um binoculo que estavam por equivoco no nosso beliche; o levantar do ferro; os primeiros balanços do paquete; o primeiro molho de mar que escachôa na prôa; o primeiro charuto fumado, á noite, no silencio de bordo, no banco da meia laranja, ao balanço do mar largo.

Reapparece-nos a estação do caminho de ferro portuguez, em Santa Apollonia, aos sabbados de verão. Os ruidos da multidão apressada e alegre; o grupo das senhoras que vão para o Bussaco; a multidão pittoresca dos habitantes do Ribatejo com os barretes azues, os cajados, os alforges de lã preta com riscas brancas e azues; os toireiros que vão para Villa Franca ou para a Alhandra, com as suas jalecas de alamares, as cintas de seda e o chapéu castelhano cahido sobre o ôlho; a escalada ás carruagens com os saccos, com o *couvre pieds*, com os cartões das senhoras, com o cabaz do *lunch* e com o moringue de Estremoz.

Depois o trasbordo no Entroncamento. Passageiros para o norte, passageiros para o leste. Os que entram pela porta de cá no bufete esbarram nos que entram pela porta do outro lado. Os encontros e as separações realisam-se á pressa entre o prato do meio bife e a chavena do chá preto. A umas senhoras que chegam ouvem-se as risadas hispanholas, porque ha uma lingua para o riso exactamente como para a palavra, e entre a gargalhada irlandeza e a gargalhada andaluza existe um abysmo. Na estação do Entroncamento sobresáem os passageiros em chinellas, que se não encontram no Porto quando de lá se parte porque então ainda não têm tirado as botas, nem se encontram tambem em Lisboa quando lá se chega porque então já as têm calçadas. O Entroncamento é a estação especial dos trasbordos e das chinellas.

Tornamos a vêr a mala-posta, essa nossa velha amiga, quasi extincta, de uma convivencia tão caracteristica e tão pittoresca, com os logares da sua desafogada imperial, de cuja altura se domina a paisagem como de cima do telhado de um predio. Quantos episodios! quantos quadros!

A estação das mudas com o seu alpendre e o seu ferrador; a pulverulenta traquitana amarella e preta desmantelada ao fundo; uma roda encostada ao muro; a parelha que espera, segura por um moço, sob o alpendre, já enfreada, para revesar os dois cavallos que se desatrellam e entram na cavallariça suados, vagarosos, de cabeça baixa...

A taverna terrea, sombria, com a sua frescura de adegã e o seu proprietario bojudo como um tunel, festivo como um cravo encarnado, o typo patriarchal do estalajadeiro antigo, que bebia com os hospedes, troçava os arreeiros, contava historias de frades para alegrar os viajantes, dava brôa aos pobres e desancava a cajado os tratantes e os desordeiros...

As portagens nas pontes, que se pagavam de noite a um homem embrulhado n'um cobertor, que estava com a sua lanterna a um postigo, fazia o troco, perguntava as horas e dava as boas noites ao cocheiro e á companhia...

De madrugada, a entrega do pequeno sacco da correspondencia da aldeia ao empregado postal, que estava na estrada á espera, bocejando, com as mãos nos bolsos e as orelhas atabafadas no barrete: davam-se-lhe as cartas dos seus conterraneos, os bons dias e um cigarro.

O passageiro da imperial das carruagens da diligencia ou da mala-posta é inteiramente diverso do passageiro do wagon em caminho de ferro. Este é reservado, recolhido, espreita os compa-

nheiros; para dormir mette os saccos e os embrulhos que lhe pertencem debaixo da cabeça e, ainda assim, só depois de estar bem adormecido de um olho é que se resolve a deixar pegar o outro olho no somno. O passageiro da imperial das malas-postas é expansivo, aberto, liberal; conta de onde vem, para onde vae, e as coisas que lhe têm succedido no mundo. Canta, assobia, offerece do tabaco do seu cachimbo ou da aguardente do seu frasco.

Singular influencia do ar livre e da grande natureza: na imperial de uma diligencia, adiante do montão das malas, das chapelleiras e dos alforjes, todos conservam a alegria e o bom humor, quer o sol caia a prumo, ardente e pesado, sobre a cabeça dos viajantes, quer a chuva glacial das noites de inverno os obrigue a confrangerem-se embrulhados nos gabões, com os capuzes pela cabeça, o cobre-jão enrolado nas pernas e o encerado do guarda lama subido até á cinta e afivelado ao varão de ferro da almofada. A mesma tempestade toma um extranho ar pittoresco observada da imperial das diligencias. Na escuridão da noite, através das grossas cordas da chuva, o grupo da imperial de outra diligencia que se crusa com a nossa descobre n'um relance, á luz avermelhada das nossas lanternas, figuras sympathicas e amigas que nos olham. O clarão dos relampagos destaca das profundas trevas que envolvem a paisagem repentinos quadros inesperados, de uma incrível nitidez de detalhe, que surgem e desaparecem como um encanto.

Umaz vezes é um renque de choupos vergados e torcidos pelo vento, que parece fugirem desgrenhados pela campina, ou o muro musgoso de uma arribana, que ao relampejar momentaneo do raio se revela ao fundo de um campo, e a gente viu distinctamente, n'esse segundo, o grosso tramelado de pau que fechava a porta do curral e, ao pé, um arado, com o seu ferro luzidio para o ar, arribado á humbreira.

Outras vezes é um espantallo que se mostra á beira do caminho cavalgando um ramo de figueira; um carro que ficou no meio da seára com a lança no chão e um gigo vendimo emborcado n'um estadulho; ou a grade de ferro, o pateo ajardinado e as estatuas de louça de um «cottage» de jalousias verdes que tem uma toalha esquecida, pendente de uma janella, dizendo adeus ao tufão.

Dentro das berlindas como dentro dos wagons ha sempre descontentes ou queixosos. Um tem uma falta de ar e outro tem uma constipação. Este quer os postigos fechados, aquelle deseja têl-os abertos.

Ha ás vezes um homem gordo que resona com estrepito — a coisa que mais envenena o sangue e a bilis dos homens magros

que não podem dormir! Ha talvez um marido de mau genio que ralha com a sua mulher, o que é o espectaculo mais desolador e mais antipathico em que se póde cevar a melancolia e o tedio. Concorre por ventura uma criança mal creada, um homem que descalça as botas, uma mulher com os dentes sujos e que não só tem a impudencia de os mostrar para se rir, mas até para os palitar!

Oh! não, nem tudo são rosas nas viagens de recreio, excepto quando estas se fazem simplesmente, a pé, com um modesto companheiro pobre, intelligente, instruido e honrado.

As pessoas ricas mal poderão apreciar o grande prazer facil, singelo, e todavia variadissimo, que é para um artista viajar a pé, em grossos sapatos ferrados, uma mochila com roupa branca, um caderno e um lapis ou uma caixa de tintas, e quinze dias de liberdade! O unico dia em que se experimenta um certo cansaço é o primeiro dia de marcha. Depois os musculos de um homem forte e saudavel habituam-se ao largo passo de estrada cadenciado e firme. Ao fim de tres dias parece-nos que o peito se tem dilatado; os orgãos da respiração jogam com mais vigor; o sangue circula mais facilmente; sente-se um desenvolvimento progressivo de energia vital, uma revivificação de alegria e de frescura de espirito, uma resurreição de infancia.

A theoria do prazer é esta: que é falso e nullo todo aquelle que nós não pagamos com uma quantidade proporcional de nobre e bem entendido sacrificio.

Ir a pé, aperfeiçoar assim o nosso organismo, desenvolver a nossa força muscular, retemperar as nossas faculdades de espirito e de character pelo exercicio, pela actividade, pela perseverança precisa para vencer as grandes distancias por meio das pequenas jornadas, é a melhor, a mais saudavel, a mais efficaç iniciacão para aprender a aproveitar o tempo, a não desperdiçar os instantes, a chegar assim longe indo devagar, a realisar finalmente os grandes projectos pela prática insistente, firme e perseverante dos pequenos meios.

Um sabio formulou a seguinte lei para chegar aos grandes resultados: Fazer projectos para uma existencia de cem annos e cumpril-os a cada momento como se não tivessemos para viver senão vinte e quatro horas. As viagens a pé ensinam a praticar esta elevada theoria.

No Minho, onde as mulheres carregam á cabeça pesadissimos fardos, succedeu-me um dia notar n'uma estrada uma pobre lava-deira carregada com a enorme trôcha de roupa suja de sete ou oito familias. Para equilibrar um tão grande volume e um tão grande

peso a mulher caminhava de cabeça levantada, perfeitamente perfilada, aprumada nos rins, com o peito alto, vibrante, avançando lentamente em passos certos, curtos, miudinhos. Eu, que andava quatro vezes mais depressa, passei-lhe adiante e perdi-a logo de vista. D'ahi a duas leguas estava a quinta a que eu me dirigia. Acabava de chegar; tinha batido uma argolada; os cães ladravam-me do outro lado, furando com o focinho por baixo da porta, respondiam-me de dentro, vinha um moço abrir; quando por acaso vejo ao pé de mim, caminhando sempre com o seu passinho miudo e chronometrico como o balanço de um pendulo, a lavadeira, que eu deixára atraz de mim duas leguas! Ella disse-me:

— Salve-o Deus, meu senhor! eu ainda vou para diante um nadinha.

Como assim! Mas tinha encontrado por certo alguma carroça de estafete que a recebêra, ou alguma trazeira de carruagem a que se trepára com a trôcha?

Não. Ella tinha apenas caminhado sempre, ao passo que eu parára duas vezes, uma para deixar um recado n'um casal e outra para accender um charuto n'uma taberna.

Aproveitou-me pouco a lição que recebi n'esse dia, mas nunca mais a esqueci, muitas vezes a repito a mim mesmo para me animar na perseverança do trabalho, e d'aqui a agradeço como um grande beneficio a essa boa amiga obscura que ha vinte annos passou por mim. Sim, querida, sim! esse é o segredo dos grandes milagres da energia: não parar nunca!

Os que viajam a pé não se educam apenas, divertem-se tambem. Ao fim da tarde, depois de oito leguas de marcha, tomar um banho de rio, nadar durante um quarto de hora, jantar debaixo das arvores, e descançar em seguida ao ar livre diante de um largo panorama viçoso e tranquillo é uma das coisas mais perfeitamente boas que se podem gosar no mundo.

Depois o viajante a pé tem privilegios que não desfructam os demais viajantes. A natureza tem para elle mais revelações, mais intimidades, mais confidencias. Nas povoações olham-o com a sympathia que se tem sempre pelos caracteres modestos e simples. Os estalajadeiros hospedam-o mais barato do que os passageiros de carruagem. Os lavradores mostram-lhe benignamente as suas adegas e os seus lagares. Os abbades abrem-lhe a igreja, deixam-lhe examinar o cartorio, fazem-lhe notar os paramentos ricos, os detalhes ornamentaes do templo e os antigos quadros gothicos da sacristia.

Como quer porém que tenhas viajado, leitor amigo, se este

modesto livro te serviu de companheiro nas estações thermaes portuguezas, perdôa-lhe em attenção aos bons desejos que elle tinha de te ser agradavel e de te ser util, a insufficiencia dos meios de que dispunha para realisar os seus desejos.

Á leitora, que com o seu olhar se dignou de illuminar estas paginas obscuras, enviam aquelle que as desenhou e aquelle que as escreveu a expressão dos sentimentos mais dedicados e os votos fervorosos por que seja tal o effeito dos banhos sulphureos e das aguas mineraes sobre o seu organismo, que diante da sua photographia tirada na volta das Caldas, tenhamos de exclamar todos profundamente commovidos:



— Era uma linha. É agora um novello.

TABELLA DAS DISTANCIAS KILOMETRICAS, DAS HORAS DE PARTIDA  
E DOS PREÇOS DAS VIAGENS NOS CAMINHOS DE FERRO PORTU-  
GUEZES

## DE LISBOA AO PORTO

Preço dos bilhetes			Distancia kilometrica	Estações	Todas as classes		
1. <sup>a</sup> C.	2. <sup>a</sup> C.	3. <sup>a</sup> C.			Correio	Mixto	Mixto
»	»	»	»	Lisboa .....	n 8.00	m 6.45	
2.030	1.580	1.130	106	Entroncamento (Cheg. (Sai ...	11.40	10.30	
					m 12.10	11.00	
2.290	1.780	1.280	120	Thomar (Payalvo) ....	12.38	11.38	
2.460	1.920	1.370	129	Chão de Maçãs .....	1.04	12.07	
2.650	2.060	1.470	139	Caxarias .....	1.27	12.41	
2.840	2.210	1.580	149	Albergaria .....	»	1.19	
3.070	2.390	1.710	161	Vermoil .....	»	1.47	
3.220	2.500	1.790	169	Pombal .....	2.30	2.12	
3.520	2.740	1.960	185	Soure .....	2.55	2.46	
3.820	2.970	2.130	201	Formoselha .....	3.21	3.20	
4 010	3.120	2.230	211	Taveiro .....	»	3.42	
4.130	3.210	2.290	217	Coimbra .....	4.00	4.16	m 4.20
4.260	3.310	2.370	225	Souzella .....	»	4.31	4.45
4.480	3.490	2.490	236	Mealhada .....	4.33	5.00	5.26
4.640	3.610	2.580	244	Mogofores .....	4.49	5.22	6.01
4.790	3.720	2.660	252	Oliveira do Bairro ...	»	5.40	6.25
5.160	4.020	2.870	272	Aveiro .....	5.35	6.25	7.40
5.450	4.240	3.030	287	Estarreja .....	5.59	7.00	8.45
5.690	4.430	3.170	301	Ovar .....	6.26	7.33	9.41
5.900	4.590	3.280	312	Esmoriz .....	6.44	7.58	10.13
6.070	4.720	3.380	317	Espinho .....	6.56	8.13	10.32
6.070	4.720	3.380	320	Granja .....	7.07	8.26	10.48
6.200	4.830	3.450	328	Valladares .....	»	8.53	11.17
6.300	4.900	3.500	332	Villa Nova de Gaya (Porto) .....	m 7.35	9.15	11.40

TABELLA DAS DISTANCIAS KILOMETRICAS, DAS HORAS DE PARTIDA  
E DOS PREÇOS DAS VIAGENS NOS CAMINHOS DE FERRO PORTU-  
GUEZES

DO PORTO A LISBOA

Preço dos bilhetes			Distancia kilometrica	Estações	Todas as classes		
1.ª C.	2.ª C.	3.ª C.			Correio	Mixto	Mixto
»	»	»	»	Villa Nova de Gaya (Porto)..... t	5.30	m 6.30	m 9.11
120	90	70	4	Valladares.....	»	6.46	9.15
230	180	130	12	Granja.....	5.51	7.06	9.38
400	310	230	15	Espinho.....	6.04	7.16	9.58
400	310	230	20	Esmoriz.....	6.15	7.29	10.19
810	480	340	31	Ovar.....	6.36	7.54	11. 6
860	570	480	45	Estarreja.....	7.00	8.22	11.46
1.140	890	630	60	Aveiro.....	7.30	8.55	12.36
1.520	1.180	840	80	Oliveira do Bairro...	»	9.30	1.35
1.670	1.300	930	88	Mogofores..... n	8.14	9.48	2. 8
1.840	1.430	1.020	96	Mealhada.....	8.33	10.09	2.45
2.050	1.590	1.140	107	Souzella.....	»	10.30	3.19
2.180	1.700	1.210	115	Coimbra.....	9.20	11.04	3.44
2.310	1.800	1.290	121	Taveiro.....	»	11.22	
2.500	1.950	1.390	131	Formoselha.....	9.49	11.49	
2.780	2.170	1.550	141	Soure.....	10.19	t 12.29	
3.090	2.400	1.720	163	Pombal.....	10.52	1.16	
3.260	2.530	1.810	171	Vermoil.....	»	1.51	
3.460	2.700	1.930	182	Albergaria.....	»	2.38	
3.670	2.860	2.040	193	Caxarias..... m	12.01	3.05	
3.840	2.990	2.140	293	Chão de Maçãs.....	12.22	3.31	
4.010	3.120	2.230	212	Thomar (Payalvo)....	12.39	3.55	
4.280	3.330	2.380	226	Entroncamento (Cheg.	1.00	4.20	
				(Sai...)	1.30	4.50	
6.300	4.900	3.500	232	Lisboa..... m	5.30	n 9.10	

TABELLA DAS DISTANCIAS KILOMETRICAS, DAS HORAS DE PARTIDA  
E DOS PREÇOS DAS VIAGENS NOS CAMINHOS DE FERRO PORTU-  
GUEZES

## DE BADAJOZ A LISBOA

Preço dos bilhetes			Distancia kilometrica	Estações	Correio	Mixto
1. <sup>a</sup> C.	2. <sup>a</sup> C.	3. <sup>a</sup> C.				
»	»	»	»	Badajoz.....	t 5.45	m 6.00
330	260	180	16	Elvas .....	6.39	7.13
690	540	380	35	Santa Eulalia.....	7.17	8.10
1.050	820	580	54	Assumar.....	7.56	9.11
1.260	980	690	64	Portalegre .....	8.22	9.47
1.580	1.230	870	81	Crato .....	8.53	10.38
1.860	1.450	1.030	97	Chanca.....	»	11.22
2.260	1.760	1.250	117	Ponte de Sor.....	9.54	t 12.17
2.580	2.010	1.430	134	Bemposta.....	»	1.08
2.790	2.170	1.550	146	Abrantes.....	10.51	2.05
2.900	2.260	1.610	151	Tramagal.....	»	2.24
3.110	2.420	1.720	162	Praia.....	11.18	2.58
3.260	2.540	1.810	170	Barquinha.....	11.36	3.27
3.340	2.590	1.850	174	Entroncamento.....	(Cheg. 11.45	3.40
					(Sai... 1.30	4.50
5.340	4.150	2.960	281	Lisboa.....	m 5.30	n 9.10

TABELLA DAS ESTAÇÕES EM QUE O VIAJANTE TEM DE DEIXAR O CAMINHO DE FERRO PARA SE DIRIGIR PARA AS CALDAS PELO CAMINHO MAIS CURTO.

Designação das Caldas	Estação mais proxima
Vizella.....	Braga
Taipas.....	»
Gerez.....	»
Fontes de Lijó.....	»
Rendufe.....	»
Monsão.....	»
Entre-os-Rios.....	Porto
S. Pedro do Sul.....	Mealhada
Luso.....	»
Felgueiras.....	Coimbra
Aregos.....	Porto
Moledo.....	»
Pedras Salgadas.....	»
Caldas de Chaves.....	»
Vidago.....	»
Villarelho.....	»
Caldas da Rainha.....	Carregado
Fonte de Ouguella.....	Beja
Gayeiras.....	Carregado
Obidos.....	»
Fonte dos Arrabidos.....	»
Fonte d'Obidos.....	»
Aguas Santas.....	»
Fonte dos Cucos.....	Alhandra
Fontes do Vimeiro.....	»
Monchique.....	Beja
Santo Antonio de Tavira.....	»

TABELLAS DAS DISTANCIAS KILOMETRICAS, DAS HORAS DE PARTIDA  
E DOS PREÇOS DAS VIAGENS NOS CAMINHOS DE FERRO PORTU-  
GUEZES

## DO PORTO A BRAGA

## COMBOYO N.º 1 (MANHÃ)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>			
—	—	—	—	Porto . . . . .	6,42	—
6	120	90	70	Rio Tinto . . . . .	6,54	2
9	180	140	100	Ermezinde. . . . .	7, 7	5
16	310	240	170	S. Romão . . . . .	7,19	1
23	440	340	250	Trofa . . . . .	7,40	7
32	610	480	340	Famalicão . . . . .	8, 1	4
39	740	580	410	Nine. . . . .	8,17	3
48	910	710	510	Tadim . . . . .	8,33	1
54	1:030	800	570	Braga (chegada). . . . .	8,45	—

## COMBOYO N.º 3 (MANHÃ)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>			
—	—	—	—	Porto . . . . .	9,30	—
6	120	90	70	Rio Tinto . . . . .	—	—
9	180	140	100	Ermezinde. . . . .	9,48	3
16	310	240	170	S. Romão . . . . .	—	—
23	440	340	250	Trofa . . . . .	10,18	7
32	610	480	340	Famalicão. . . . .	10,39	5
39	740	580	410	Nine . . . . .	10,56	5
48	910	710	510	Tadim . . . . .	—	—
54	1:030	800	570	Braga (chegada). . . . .	11,21	—

TABELLÁS DAS DISTANCIAS KILOMETRICAS, DAS HORAS DE PARTIDA  
E DOS PREÇOS DAS VIAGENS NOS CAMINHOS DE FERRO PORTU-  
GUEZES

## DO PORTO A BRAGA

## COMBOYO N.º 5 (TARDE)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>			
—	—	—	—	Porto . . . . .	5,44	—
6	120	90	70	Rio Tinto . . . . .	5,55	5
9	180	140	100	Ermezinde . . . . .	6, 8	5
16	310	240	170	S. Romão . . . . .	6,20	1
23	440	340	250	Trofa . . . . .	6,39	5
32	610	480	340	Famalicão . . . . .	7, 1	5
39	740	580	410	Nine . . . . .	7,21	7
48	910	710	510	Tadim . . . . .	7,37	1
54	1:030	800	570	Braga (chegada) . . . . .	7,49	—

## DE BRAGA AO PORTO

## COMBOYO N.º 2 (MANHÃ)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>			
—	—	—	—	Braga . . . . .	6,24	—
7	140	110	80	Tadim . . . . .	6,32	1
15	290	230	160	Nine . . . . .	6,56	5
22	420	330	240	Famalicão . . . . .	7,15	5
31	590	460	330	Trofa . . . . .	7,35	5
39	740	580	410	S. Romão . . . . .	7,51	1
46	870	680	490	Ermezinde . . . . .	8, 8	7
49	930	730	520	Rio Tinto . . . . .	8,19	3
54	1:030	800	570	Porto (chegada) . . . . .	8,27	—

TABELLAS DAS DISTANCIAS KILOMETRICAS, DAS HORAS DE PARTIDA  
E DOS PREÇOS DAS VIAGENS NOS CAMINHOS DE FERRO PORTU-  
GUEZES

## DE BRAGA AO PORTO

## COMBOYO N.º 4 (TARDE)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>			
—	—	—	—	Braga .....	1,40	—
7	140	110	80	Tadim.....	—	—
15	290	230	160	Nine .....	2,10	5
22	420	330	240	Famalicão .....	2,28	5
31	590	460	330	Trofa.....	2,50	7
39	740	580	410	S. Romão .....	—	—
46	870	680	490	Ermezinde.....	3,16	3
49	930	730	520	Rio Tinto.....	—	—
54	1:030	800	570	Porto (chegada).....	3,30	—

## COMBOYO N.º 6 (TARDE)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>			
—	—	—	—	Braga .....	6, 7	—
7	140	110	80	Tadim.....	6,19	1
15	290	230	160	Nine .....	6,39	5
22	420	330	240	Famalicão .....	6,58	5
31	590	460	330	Trofa.....	7,20	7
39	740	580	410	S. Romão .....	7,36	1
46	870	680	490	Ermezinde.....	7,52	5
49	930	730	520	Rio Tinto.....	8, 2	1
54	1:030	800	570	Porto (chegada).....	8,10	—

TABELLAS DAS DISTANCIAS KILOMETRICAS, DAS HORAS DE PARTIDA  
E DOS FREÇOS DAS VIAGENS NOS CAMINHOS DE FERRO PORTU-  
GUEZES

DO PORTO A PENAFIEL

COMBOYO N.º 21 (MANHÃ)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1.ª	2.ª	3.ª			
—	—	—	—	Porto.....	7,45	—
6	120	90	70	Rio Tinto.....	7,56	2
9	180	140	100	Ermezinde (* n.º 2).....	8,9	5
16	310	240	170	Vallongo.....	8,29	3
26	500	390	280	Recarei.....	8,51	3
31	590	460	330	Cette.....	9,9	2
35	670	520	370	Paredes.....	9,24	5
39	740	580	410	Penafiel (chegada 9,32).....	—	—

COMBOYO N.º 23 (TARDE)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1.ª	2.ª	3.ª			
—	—	—	—	Porto.....	4,50	—
6	120	90	70	Rio Tinto.....	5,2	3
9	180	140	100	Ermezinde.....	5,16	6
16	310	240	170	Vallongo (* n.º 24).....	5,42	6
26	500	390	280	Recarei.....	6,4	3
31	590	460	330	Cette.....	6,23	3
35	670	520	370	Paredes.....	6,39	6
39	740	580	410	Penafiel (chegada 6,47).....	—	—

TABELLAS DAS DISTANCIAS KILOMETRICAS, DAS HORAS DE PARTIDA  
E DOS PREÇOS DAS VIAGENS NOS CAMINHOS DE FERRO PORTU-  
GUEZES

## DE PENAFIEL AO PORTO

## COMBOYO N.º 22 (MANHÃ)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>			
—	—	—	—	Penafiel.....	5,45	—
6	120	90	70	Paredes.....	5,58	5
9	180	140	100	Cette.....	6,10	2
14	270	210	150	Recarei.....	6,23	3
23	440	340	250	Vallongo.....	6,44	3
31	590	460	330	Ermezinde (* n.º 1).....	7, 5	7
34	650	500	360	Rio Tinto.....	7,15	2
39	740	580	410	Porto (chegada 7,23).....	—	—

## COMBOYO N.º 24 (TARDE)

Kilometros	Preços por classe			Estações	Partida	Demora
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>			
—	—	—	—	Penafiel.....	4,45	—
6	120	90	70	Paredes.....	4,58	5
9	180	140	100	Cette.....	5,10	2
14	270	210	150	Recarei.....	5,23	3
23	440	340	250	Vallongo (* n.º 23).....	5,44	3
31	590	460	330	Ermezinde (* n.º 5).....	6, 5	7
34	650	500	360	Rio Tinto.....	6,15	2
29	740	580	410	Porto (chegada 6,23).....	—	—

## INDICE ALPHABETICO

---

	PAG.		PAG.
Aguas das Alcaçarias.....	83	Caldas de Chaves.....	73
Aguas de Aljustrel.....	108	Caldas de Gayeiras.....	97
Aguas de Arez.....	109	Caldas do Gerez.....	37
A athmosphera.....	22	Caldas de Moledo.....	63
A Beira, aspecto dos seus montes.....	54	Caldas de Monchique.....	113
As burricadas.....	88	Caldas de Monsão.....	44
A Cellula.....	10	Caldas de S. Pedro do Sul..	53
Aguas de Entre-os-Rios....	46	Caldas da Rainha.....	85
Aguas dos chafarizes de El- rei e de Andaluz.....	102	Caldas de Rendufe.....	43
Aguas das fontes de Lijó e Gallegos.....	41	Caldas de Santo Antonio de Tavira.....	115
Aguas do Luso.....	56	Caldas das Taipas.....	33
Aguas de Felgueiras.....	60	Caldas de Vizella.....	27
Aguas das fontes de Cascaes.	103	Cantigas no Minho.....	34
Aguas da fonte dos Cucos...	100	Chafariz de El-rei.....	84
Aguas das fontes do Vimeiro.	102	Dieta.....	23
Aguas de Maria-Viegas.....	110	Distracções.....	17
Aguas da fonte de Ouguella.	110	Elvas.....	110
Aguas de Obidos.....	97	Exercicio.....	24
Aguas das Pedras Salgadas.	70	Guimarães.....	49
Aguas de Vidago.....	75	Hygiene.....	21
Aguas de Villarelho da Raia.	77	Hypocondria.....	26
Aquilegio Medicinal.....	99	Introducção.....	5
A tristeza de Ermelinda...	58	Mappa comparativo das prin- cipaes aguas alcalinas...	78
A pelle, sua importancia phy- siologica.....	9	Mechanismo da absorpção..	12
As viagens a pé.....	40	Minho, seu aspecto.....	47
A volta.....	119	Mosteiro de Alcobça.....	94
Banhos do doutor Lourenço.	82	Mosteiro da Batalha.....	92
Braga.....	50	Musica no Club e musica ao ar livre.....	18
Caçadas no Gerez.....	38	O banho.....	13
Caldas de Aguas Santas....	98	O Bussaco.....	57
Caldas de Aregos.....	61	O peso do corpo humano..	11
		O tedio.....	20

	PAG.		.GAP
O trabalho como agente therapeutico.....	19	Tabellas do caminho de ferro	125
O vestuario.....	24	Tombadilho, viagens e diligencias.....	120
Pucaros de Estremoz.....	108	Torres Vedras.....	101
Provincia do Algarve.....	113	Typos nas estações thermaes	89
Recordações das viagens...	119	Villa Real de Traz-os-Montes	80

# AGUA ALCALINO-GASOSA

DE

## VIDAGO

PREMIADA  
NA EXPOSIÇÃO DE



VIENNA D'AUSTRIA  
EM 1873



### EMPRESA AUCTORISADA PELO GOVERNO

Esta agua, uma das mais acreditadas da Europa, premiada na exposição de Vienna d'Austria com o diploma de merito, e que foi analysada pelo dr. Agostinho Vicente Lourenço, é empregada nas affecções do figado, das vias digestivas, nos temperamentos lymphaticos, nas collicas, nas affecções de pedra, nos calculos biliarios e urinarios, nos catarrhos da bexiga, na gotta, na diabetes, na ictericia, etc., etc.: abre o appetite e facilita a digestão.

A empresa garante a pureza e legitimidade da agua vendida nos seus depositos.

Cada garrafa, além da etiqueta em tinta azul, tem na rolha a marca a fogo—E. A. de Vidago—e na capsula de metal, em volta da corôa—**Deposito de agua de Vidago—Empresa auctorisada pelo governo.** Conyém que o publico attenda a estas indicações para não ser illudido.

### DEPOSITOS PRINCIPAES

- LISBOA**—Azevedo & Irmão, rua Larga de S. Roque.
- PORTO**—Miguel Augusto Moreira Vaz, rua dos Clerigos, 84 a 88 — 1.º andar.
- BRAGA**—Thomé de Sousa Pereira Veiga, pharmacia de S. Marcos.
- COIMBRA**—Pharmacia de Augusto Cesar dos Santos.
- VIZEU**—João Gomes dos Santos, pharmacia do hospital.
- THOMAR**—Antonio Joaquim de Araujo.
- VIANNA**—João José Affonso, pharmacia.
- GUIMARÃES**—Joaquim Antonio da Cunha Guimarães.
- POVOA DE VARZIM**—Martinho B. d'Araujo Abreu, pharmacia.
- VILLA REAL**—Moreira Vaz, e demais pharmacias, e por junto M. A. de Carvalho.
- BRAGANÇA**—Antonio Bernardo Teixeira, pharmacia.
- MIRANDELLA**—Domingos Cesar Cid, pharmacia.
- CHAVES**—Joaquim Antonio Pereira, pharmacia.
- REGOA**—Manoel da Costa Paulo.
- MARÇO DE CANAVEZES**—Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães, pharmacia.
- ALIJO**—Casimiro Cabral, pharmacia.
- BEJA**—Segurado & Silva, pharmacia.
- ODEMIRA**—João Manoel Correia Barbosa.
- TORRES VEDRAS**—João Correia Mendes, e outros.
- FARO**—Vicente da Rocha Pires.
- TAVIRA**—Augusto Cesar Barão.
- PONTA DELGADA**—Ernesto Augusto de Medeiros & Moniz.
- BENGUELLA**—A. Baptista Lopes.
- RIO DE JANEIRO**—**BRAZIL**—Fonseca Braga & C.ª
- PERNAMBUCO**—Marcellino José Gonçalves da Ponte.
- BAHIA**—José Caetano Araujo Gamão.
- MARANHÃO**—João Manoel Vinhaes.

E em todas as mais principaes terras de Portugal e Brazil.

A correspondencia será dirigida directamente á—**Empresa das aguas de Vidago—Vidago.**

EDIÇÃO DE LUXO

O DOURO ILLUSTRADO

ALBUM DO RIO DOURO E PAIZ VINHATEIRO

CONTENDO:

INTRODUÇÃO HISTORICA E DESCRIPTIVA DO PAIZ VINHATEIRO — DESCRIÇÃO DAS PRINCIPAES QUINTAS E DOS TRABALHOS VINICOLAS USADOS NO DOURO — NOTA SOBRE O COMMERCIO DOS VINHOS DO PORTO, SERVIÇO E TRABALHO DOS ARMAZENS, E ESTATISTICAS COMMERCIAES

REDIGIDO

PELO

VISCONDE DE VILLA MAIOR

REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ACOMPANHADO DE UMA SERIE DE 24 VISTAS DOS SEGUINTE PONTOS:

- |   |  |
|---|--|
| 1. <sup>a</sup> Barca d'Alva.                       | 13. <sup>a</sup> Bateiras e quinta do Seixo. |
| 2. <sup>a</sup> Quinta do Silho.                    | 14. <sup>a</sup> Valmôr.                     |
| 3. <sup>a</sup> Foz de Sabôr e Valle de Villariça.  | 15. <sup>a</sup> Folgoza.                    |
| 4. <sup>a</sup> Quinta do Vesuvio.                  | 16. <sup>a</sup> Ponte da Regoa.             |
| 5. <sup>a</sup> Cachão da Valleira.                 | 17. <sup>a</sup> Regoa.                      |
| 6. <sup>a</sup> Foz-Tua.                            | 18. <sup>a</sup> Caldas do Moledo.           |
| 7. <sup>a</sup> Sitio de Roriz (casa de Dias Paes). | 19. <sup>a</sup> Sermenha.                   |
| 8. <sup>a</sup> Quinta da Roêda.                    | 20. <sup>a</sup> Raiva e Barqueiros.         |
| 9. <sup>a</sup> Pinhão e Casal de Loivos.           | 21. <sup>a</sup> Cadão.                      |
| 10. <sup>a</sup> Noval (vista da casa).             | 22. <sup>a</sup> Caldas de Aregos.           |
| 11. <sup>a</sup> Adega do Noval.                    | 23. <sup>a</sup> Alfandega do Porto.         |
| 12. <sup>a</sup> Vista geral da quinta do Noval.    | 24. <sup>a</sup> Foz do Douro.               |

TIRADAS PELO PHOTOGRAPHO J. LOUREIRO

DESENHADAS EM MADEIRA POR EMILIO PIMENTEL

GRAVADAS EM PARIZ POR MR. BADOUREAU

E

IMPRESSAS POR MR. MOTTEROZ

DOUS MAPPAS

Impressos pelo systema da photolithographia, tendo o maior um metro de comprido e 0,40 de largo, representando este o curso do rio Douro e as suas margens, desde a fronteira até á Foz, com indicações dos pontos rapidos e dificeis á navegação, e o outro a antiga circumscripção do Alto Douro

DESENHADOS POR JOSÉ CARDOSO D'ARAÚJO FEYO

E DEZ VINHETAS INTERCALADAS NO TEXTO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O DOURO ILLUSTRADO, dividido em 25 cadernetas, compôr-se-ha de 200 paginas de texto, approximadamente — 24 gravuras — e 2 mappas.

Cada caderneta constará de oito paginas de texto e uma gravura, nitidamente impressas, levando a caderneta n.º 25 os dous mappas.

Distribuir-se-ha uma caderneta semanalmente, pela quantia de 200 reis, no Porto e nas terras aonde haja correspondentes; aonde os não houver, custará 210 reis. A obra completa custará, por assignatura, 5\$000 reis, avulsa 6\$000 reis.

O prospecto é enviado, franco de porte, ás pessoas que o pedirem aos editores

MAGALHÃES & MONIZ

LARGO DOS LOYOS, 12 E 14 — PORTO

Toda a pessoa que agenciar 10 assignaturas, pelas quaes se responsabilise, receberá um exemplar gratis.

# AGUAS ALCALINO-GASOSAS

DAS



## PEDRAS SALGADAS



(VILLA POUÇA D'AGUIAR)

PREMIADAS NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE VIENNA EM 1873

Estas aguas, que a analyse e a experiencia tem mostrado serem das primeiras da Europa, applicam-se com vantagem em muitas molestias, mas os seus effeitos mais notaveis são nas molestias de estomago, bexiga, pelle e ulceras chronicas.

À venda, garantidas pela companhia, nos seguintes depositos:

**PORTO** — Thomaz Antonio das Neves & Irmão, Clerigos, 60.

**LISBOA** — José Antonio de Carvalho, rua dos Mouros, 43.

**GUIMARÃES** — Domingos José de Sousa Junior.

**COIMBRA** — Pharmacia, Ferraz.

Além dos depositos acima, a companhia tem depositos nas principaes terras do reino, bem como no Rio de Janeiro, e mais portos do Brazil e Loanda.

A companhia das **Aguas das Pedras Salgadas** garante a qualidade das suas aguas contidas em garrafas de  $\frac{1}{2}$  ou  $\frac{1}{4}$  de litro com a respectiva etiqueta e capsula de metal com a inscripção:



Para todo e qualquer esclarecimento sobre as aguas dirigir-se franco á companhia das **Aguas das Pedras Salgadas** — Porto.



LIVRARIA UNIVERSAL  
DE  
MAGALHÃES & MONIZ

12 — LARGO DOS LOYOS — 14

PORTO

---

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de livros portuguezes e estrangeiros, taes como:

LIVROS DE LITTERATURA, HISTORIA, ROMANCES, SCIENCIAS MATHEMATICAS, RELIGIÃO, PHILOSOPHIA, MEDICINA, ETC., ETC.

---

LIVROS ILLUSTRADOS COM ENCADERNAÇÕES DE LUXO PROPRIOS PARA PRESENTES, CUJO CATALOGO É DISTRIBUIDO GRATIS

---

LIVROS DE MISSA E SEMANA SANCTA COM ENCADERNAÇÕES DE TODAS AS QUALIDADES, DESDE O PREÇO DE 360 REIS PARA CIMA

---

Todos os compendios adoptados nos differentes Lyceus e Seminarios, Academia Polytechnica e Escola Medico-Cirurgica do Porto; e além d'estes, todos os compendios que costumam usar-se para o ensino primario e secundario

---

CARTAS GEOGRAPHICAS DE TODOS OS PAIZES

---

SORTIMENTO VARIADO DE OBJECTOS DE ESCRITORIO

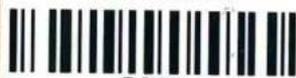
---

Os proprietarios d'esta livraria recebem assignaturas para todos os jornaes politicos, litterarios, scientificos, illustrados, de modas, etc.

Encarregam-se de mandar vir, quer do paiz, quer do estrangeiro, qualquer encommenda com a maxima brevidade, d'onde recebem todas as publicações mais recentes, á medida que vão sahindo.



biblioteca  
municipal  
barcelos



5669

Banhos de Caldas e águas  
minerais